

REVISTA

ENIGMAS

NÚMERO 16 . ANO 2 . MARÇO DE 2021



Estariam as sociedades secretas e os governantes ocultos do mundo planejando desencadear um Apocalipse "controlado" a fim de reduzir drasticamente a população?

VELHA NOVA ORDEM MUNDIAL



COLÉGIO DOS MAGOS

Desde 1977
promovendo o despertar da
consciência através do
desenvolvimento psíquico.

As lições, frutos de
décadas de pesquisa e
estudo, oferecem ao aluno
todo o suporte teórico e
prático.

Colégio dos Magos
Caixa Postal 90.004
25620-971 Petrópolis/RJ

<http://www.colegiodosmagos.com.br>
colmagos@gmail.com

DA REDAÇÃO . PALAVRA DO EDITOR

A CORAGEM É A PRIMEIRA DAS QUALIDADES

A Revista Enigmas não foi idealizada para ser comum. Desde o princípio, era previsto que o caminho não seria fácil, já que essa publicação desafia o status quo em todas as edições. Na edição passada, a matéria “O Livro Proibido Pela CIA”, teve grande repercussão. Muitos leitores ficaram desorientados ao saber que a agência de inteligência dos EUA censurou uma obra aparentemente sem potencial ofensivo.

Nesta edição, vamos um pouco além. Convidei Cláudio Suenaga, um grande autor, jornalista e historiador brasileiro, que nos últimos meses tem trazido matérias sensacionais à Enigmas, para redigir um texto sobre um poder secreto que tem dominado a humanidade desde os tempos mais remotos e suas implicações no presente. Suenaga publicou um livro sobre o assunto chamado “Illuminati: a genealogia do mal”, fato que o capacitava a trazer as informações mais pertinentes para o público, por isso o convoquei. O resultado desse trabalho foi a maior matéria da história da revista, que poderia ser um livro de até noventa páginas.

Confidenciei a pessoas próximas a minha intenção de tratar desses assuntos, as quais prontamente me alertaram sobre o perigo de fazer esse tipo de publicação nos dias de hoje. Um pouco depois comecei a divulgar a matéria no meu canal do YouTube, onde passei a receber mais avisos nessa mesma linha.

Desde já, quero deixar claro que o objetivo da matéria é cultural e educativo, demonstrando evidências históricas de que supostamente existe um grupo que conspira contra a humanidade em geral. No artigo 5º da Constituição está escrito, “É livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independentemente de censura ou licença”. O artigo não é difamatório e está pautado em fatos históricos.

Dito isso, a não publicação desse conteúdo me tornaria o mais estúpido dos covardes, o que não é característica da minha personalidade.

Como disse Aristóteles, “A coragem é a primeira das qualidades humanas porque garante todas as outras”, e, bravura, caro leitor, existe de sobra por aqui, nos autores e editor.



ANDRÉ DE PIERRE
Editor e historiador



PODER GLOBAL NOVA ORDEM MUNDIAL

Estariam as sociedades secretas e os governantes ocultos do mundo planejando desencadear um Apocalipse “controlado” a fim de reduzir drasticamente a população da Terra como parte de sua Agenda da Nova Ordem Mundial?

CLÁUDIO SUENAGA | 34

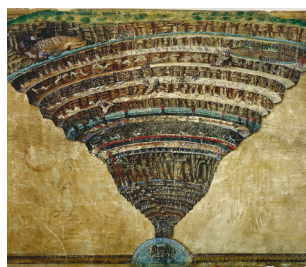
SUMÁRIO



TEC ANCESTRAL

Um templo muito antigo, na pequena e afastada cidade egípcia de Dendera, pode conter a prova da utilização de eletricidade em tempos imemoriais.

RAFAEL CARVALHO | 06



SUBMUNDO

O famoso inferno pode ser muito mais palpável do que contam os mitos antigos. Conheça as lendas sobre o submundo e a suposta população intra-terrena.

MAIK BÁRBARA | 16

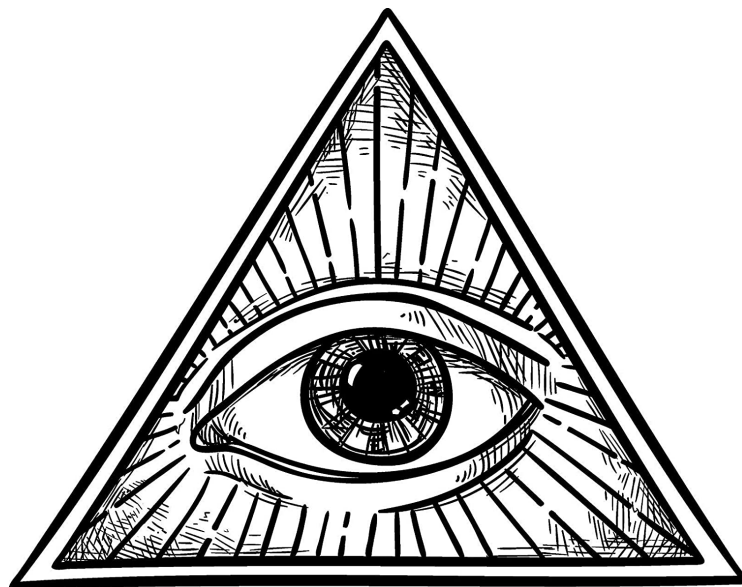


ASTROLOGIA

Os sumérios acreditavam em “deuses que vieram do céu, antes das coisas terem sido criadas”. Eles nos deixaram a escrita, matemática, uso do betume, as práticas medicinais e a leitura do céu feita por sacerdotes astrônomos-astrólogos.

JÚNIA CAETANO | 60

CONTATO@REVISTAENIGMAS.COM.BR



NÚMERO

15



ÚLTIMA
EDIÇÃO

POR RAFAEL CARVALHO

ELETRICIDADE NO ANTIGO EGITO

Na pequena e afastada cidade de Dendera, no extremo sul do Egito, há um complexo de 40 mil metros quadrados, onde foi construído o templo da deusa Hathor. Edificado sobre os alicerces de um outro templo muito mais antigo, no subterrâneo de Dendera há uma cripta que pode conter a prova da utilização de eletricidade em tempos imemoriais.



Templo da deusa Hathor no complexo de Dendera.

Na escola e nos livros de história convencionais aprendemos a ideia inocente e tola de que ao longo da civilização humana seguimos em uma constante crescente de conhecimento e tecnologia sem jamais retroceder. Esse pensamento de evolução constante segue a linha da Teoria da Evolução das Espécies Darwiniana, tão consagrada e aceita no meio acadêmico que influenciou

praticamente todas as áreas das ciências naturais. Mas será que isso é verdade? Será que o conhecimento e a tecnologia das civilizações humanas vêm em um constante crescimento? Ou poderia haver outros momentos na história onde conhecimento e tecnologia estiveram em estágio bem avançados? Ora, um simples estudo da história em linhas gerais já mostra que a trajetória

humana ao longo dos milênios nunca foi como uma linha reta ascendente ininterruptamente, como de forma vaidosa alguns gostam de acreditar. Mas sim uma sequência de ascensões e quedas, melhor representadas por uma linha ondulatória. Esse esquema ondulatório de desenvolvimento e queda realmente faz sentido, pois está em perfeita harmonia com a dinâmica funda-

mental do universo. Os antigos já sabiam disso, e decodificaram matematicamente o padrão de desenvolvimento e crescimento da manifestação física, e chamaram-na de "Proporção Áurea", um padrão de crescimento que segue o número "PHI", uma constante real irracional algébrica com valor arredondado a três casas decimais de 1,618.

O número PHI está diretamente relacionado com a "Sequência de Fibonacci". Leonardo Fibonacci foi um matemático italiano que viveu entre 1170 e 1250, em plena Idade Média. A história mais difundida e romantizada de Fibonacci, conta que ele adorava passear em bosques e parques e que estava sempre a observar as plantas. Dessas observações ele teria notado um padrão de crescimento de galhos e plantas e a partir desse momento desenvolveu a sequência que leva o seu nome. Essa história fofa cairia bem em um conto de fadas, e assim como nos contos de fadas essa história não é real. Fibonacci ainda jovem acompanhava seu pai no importante porto mediterrâneo em Bugia, na Argélia. Seu pai trabalhava como uma espécie de fiscal alfandegário, em meio ao constante tráfico de navios vindos do médio oriente. Ali, ele aprendeu com estudiosos árabes que a Matemática com algarismos arábicos era muito mais simples e eficiente, possibilitando cálculos mais amplos e complexos. Fibonacci viajou para Constantinopla e estudou matemática com os mestres árabes por pelo menos uma década. Os árabes da Idade Média eram os melhores matemáticos do mundo, pois por muitos séculos foram os únicos guardiões dos poucos e inestimáveis pergaminhos gregos que continham os conhecimentos matemáticos e filosóficos desenvolvidos na antiga Grécia, após a destruição completa da biblioteca de Alexandria pelos

cristãos, e também de grande parte dos conhecimentos fabulosos da matemática dos indo-arianos. E foi com essa fusão de conhecimentos quase perdidos do Ocidente e Oriente que Fibonacci ressuscitou na Europa da Idade Média a sequência de números que levaria o seu próprio nome.

Duzentos e cinquenta anos depois, outro grande mestre, Leonardo, dessa vez Leonardo da Vinci, surgiria como um dos principais nomes do movimento de resgate desses conhecimentos antigos da arte da matemática e filosofia, que abriram as portas para o começo da saída da Idade Média. Esse movimento é chamado Renascimento. Essa história nos mostra a sequência ondulatória do desenvolvimento da civilização. Um grande conhecimento desenvolvido na antiguidade, que possibilitou um avanço em todas as áreas, e depois uma queda desse desenvolvimento que teve o seu maior perigo na Idade Média, para logo após ter o início de seu apogeu novamente com o movimento de resgate do conhecimento antigo na Renascença.

Mas então, a Grécia foi o primeiro apogeu de conhecimento e desenvolvimento da história

da humanidade? A resposta é não. Se a história convencional considera os gregos e os romanos como os "pais" da nossa civilização atual, então os egípcios e sumérios foram nossos "avós". Pitágoras, um dos primeiros e mais proeminentes filósofos gregos da antiguidade, estudou no Egito por mais de 20 anos e posteriormente estudou com os magos caldeus muitas tradições e conhecimentos herdados dos sumérios, antes de voltar para sua terra e fundar a "Escola Pitagórica". Platão também estudou longos anos no Egito, assim como seu discípulo, Aristóteles, assim como muitos outros filósofos clássicos. Mas qual conhecimento tão incrível e relevante existia no Egito antigo, a ponto das maiores mentes ocidentais da época serem atraídas para lá?

O CONHECIMENTO PERDIDO

Aprendemos nos livros de história que Cristóvão Colombo foi o descobridor das Américas, alcançando o continente por acidente de percurso depois de ter se perdido quando estava navegando em direção a Índia. Essa história é tão ridícula que é difícil acreditar que confiamos nela por tantos séculos. A verdade é

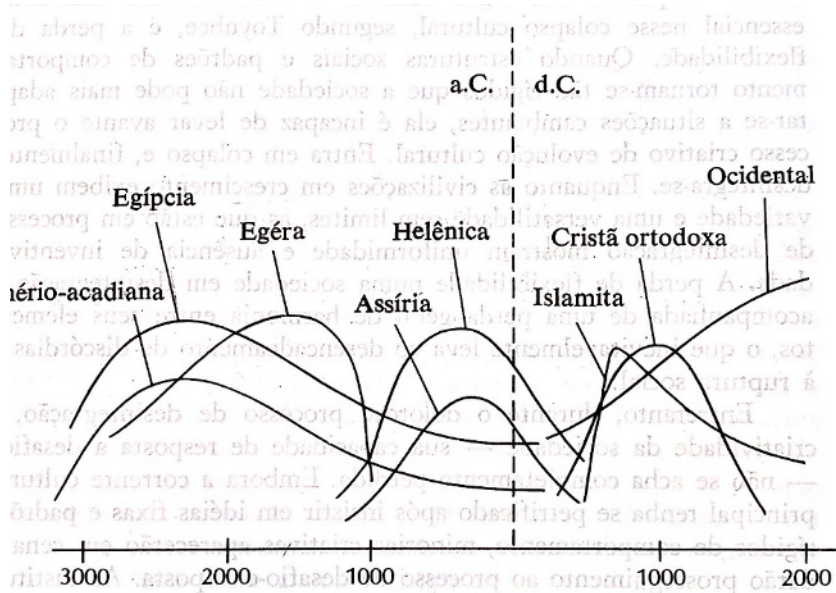


Gráfico de ascensão e queda das principais civilizações em torno do Mediterrâneo. Livro "O Ponto de Mutação" de Fritjof Capra, pag. 25, Editora Cultrix.



Templo ancestral de Osirion, com seus blocos megalíticos de granito pesando toneladas e seu impressionante desnível em relação ao solo, indicando sua extrema antiguidade.

que as Américas já haviam sido descobertas, colonizadas milênios antes, pelos sumérios, assírios e acadianos, posteriormente pelos vikings e provavelmente por outros povos, e a “Descoberta das Américas” por Colombo nada mais foi que apenas uma “historinha pra boi dormir”.

Há cada vez mais evidências que comprovam que os então chamados descobridores da eletrônica como Volta, Hertz, e Benjamin Franklin, foram meramente “Colombos” da fronteira eletrônica. As evidências apontam também para um extenso encobrimento que se tornou imperativo devido aos aspectos legais que regem a descoberta. Eles são hoje conhecidos como Leis de Patentes. Uma invenção poderia significar prejuízos se fosse comprovado que a “descoberta” fora feita anteriormente. O encobrimento da prévia utilização eletrônica na África antiga

permitiu que muitas invenções fossem patenteadas criando lucro massivo para os inventores desta nova indústria. Uma mentira gera outra e o papel da academia é perpetuar essas mentiras para as gerações futuras.

Grande parte dos fundamentos tecnológicos que temos hoje, já existiram em algum momento na antiguidade. Esse conhecimento tecnológico foi herdado do que sobrou do Grande Cataclismo que arrasou as civilizações avançadas do passado esquecido. Gostaria de escrever sobre grande parte da tecnologia perdida e o que foi recuperado e mantido pelos povos pós-cataclismo. Mas o assunto é tão vasto que não teria condições de abordar tudo em um único artigo, porque certamente esse tema daria um livro inteiro. Por isso, decidi abordar apenas uma parte dessa incrível história da nossa herança tecnológica esquecida e ocultada.

A LUZ MISTERIOSA DO TEMPLO DE SETI I

Em uma das minhas viagens ao Egito separei um dia para conhecer a região de Abidos, uma das áreas mais antigas do país. Achados arqueológicos mostram indícios de presença humana há pelo menos 6 mil anos. Sem dúvida, o Templo do faraó Seti I é de longe o templo mais interessante para conhecer na região. Foi erguido no início da dinastia XIX (1.295 a.C.). Seti I ergueu seu templo colado a um templo de Osirion, uma construção tão antiga que está abaixo do nível do próprio rio Nilo, e precisa ser bombeada constantemente para não alagar! Eu estou convicto que se trata de uma construção pré-cataclísmica, de milhares de anos. Abidos foi o local de sepultamento mais importante do Antigo Egito e uma área das procissões religiosas mais veneradas desde o período pré-dinás-

tico. Eu acredito que isso se devia justamente pelo fato de ali estar essa construção ancestral de um período tão antigo, que é quase mítico, edificações atribuídas ao deus Osíris, o primeiro faraó dos tempos quando os deuses governavam o Egito. Por motivos políticos e estratégicos, Seti primeiro construiu seu templo colado ao de Osíris, tornando-se assim um santuário muito importante nos tempos antigos e até mesmo hoje em dia. Nesse templo, encontramos os famosos hieróglifos com formatos de helicóptero, nave e outros veículos modernos.

Esse edifício é muito conhecido pelo incrível jogo de feixes de luz entrando em vários ângulos e diversos outros detalhes arquitetônicos, geométricos, matemáticos e simbólicos tão interessantes que poderíamos separar um artigo apenas para esse lugar. O leitor que tenha interesse em saber um pouco mais sobre os mistérios desses templos pode assistir um trecho do meu documentário, no Youtube, com o nome: "Templo de Abidus - o caminho da luz Egito desvelado - episódio 7".

Existe uma história tão velha quanto o santuário, passada pelo povo local. No fundo do templo de Abidus, existia uma sala feita de granito claro, perfeitamente polido, que se iluminava misteriosamente todas as noites. Uma luz branca que ninguém compreendia como funcionava, os antigos consideram esse fenômeno incompreendido como obra dos deuses. Com a chegada dos coptas (cristão egípcios), entre os séculos I e II, na região de Abidus, essa sala iluminada foi considerada um tipo de feitiçaria demoníaca, e a fonte de luz que iluminava essa sala foi completamente destruída por eles. Essa sala existe até hoje é a mais bela de todas no templo.

Essa lenda da região me fez perguntar sobre a real possibilidade de na antiguidade os Egípcios saberem como produzir luz de forma duradoura. Vou mais longe, e me pergunto se talvez os egípcios tenham visto e de alguma forma aprendido isso com tecnologias perdidas que estavam dentro do próprio templo de Osíris pertencente a uma



Foto do Autor em um dos feixes de luz do templo de Seti I, em Abidus.



Famosos hieróglifos que parecem representar helicópteros, aeronaves e outros veículos modernos. Foto Rafael Carvalho.



Magnífica sala de granito que se iluminava sozinha a noite. Foto Rafael Carvalho.

civilização perdida mais avançada, considerada pelos egípcios como sendo dos “deuses”. Quem sabe poderemos aprofundar essas questões e encaixar mais uma peça nesse interessante quebra-cabeças em um outro templo próximo de Abidus, também muito importante na antiguidade: o famoso templo de Dendera.

DENDERA: O CAMINHO DA LUZ

Os antigos egípcios conheciam a eletricidade? Um dos principais locais que me vem a mente quando me faço essa pergunta é a Cripta de Dendera, localizada no templo da deusa Hathor, na pequena e afastada cidade de Dendera, no extremo sul do Egito.

No complexo de Dendera, que cobre uma área de 40 mil metros quadrados está o Templo da deusa da fertilidade Hathor, o maior do complexo. Esse edifício é do período Ptolomaico, e, segundo as fontes oficiais, foi finalizado pelo imperador romano Tibério, que reinou até o ano 37 depois da era comum.

Essa construção muito bem conservada, mantendo boa parte das cores das suas pinturas e relevos da parte interna, foi edifica-

da sobre os alicerces de um outro templo muito mais antigo, datado de pelo menos 5 mil anos atrás, no período de Quéops. O que restou desse templo ancestral foi sua cripta considerada muito sagrada pelos sacerdotes e mantida em segredo por eles. A cripta de Dendera foi redescoberta em 1857, deixando pesquisadores e arqueólogos da época desconcertados com os altos relevos estranhos nas paredes da cripta.

A cripta é de difícil acesso, sendo preciso, literalmente, se arrastar e contorcer enquanto desce para entrar nela. A altura da cripta é de aproximadamente

2,10m e sua largura não passa de 1,5m. A cripta inteira está em alto relevo com símbolos enigmáticos. Entre eles encontramos a mesma imagem muito representada pelos sumérios e babilônicos, principalmente nos pulsos de seus deuses, uma espécie de relógio de pulso. Acredita-se que esse símbolo seria a representação de uma flor, porém me parece algo mais tecnológico.

No fim da cripta está a famosa e controversa “Lâmpada de Dendera”, não se tratando de um único alto relevo como muitos acreditam, mas dois. O alto relevo maior são duas lâmpa-



Entrada para a cripta de Dendera.

das em espelhamento e do outro lado está um desenho contendo uma lâmpada apenas.

A arqueologia tradicional diz que essa imagem representa o Útero da deusa Nut, que representa a abóboda celeste grávida de Rá, o deus solar. Mas é inevitável a comparação com uma lâmpada incandescente ou um tubo de Crookes.

O tubo de Crookes é um experimento elétrico. A “ampola de Crookes” é feita de vidro ou quartzo e dentro dela se faz o vácuo. Ela contém duas placas metálicas ligadas a uma fonte de tensão elétrica. Quando a tensão fica bem elevada, surge um feixe luminoso. William Crookes e outros, inventaram a Ampola de Crookes em 1869, quase 10 anos após a descoberta da cripta de Dendera. Será que William Crookes ficou sabendo da existência da “Lâmpada de Dendera” e tentou reproduzir algo parecido? Parece que nunca teremos essas respostas, mas certamente isso não seria a primeira e nem última vez que algo assim aconteceu.

Em 1798, Napoleão recrutou 167 cientistas e técnicos para acompanhar a Frota Francesa na conquista de Egito. Em 1801, Volta, o chamado descobridor da pilha ou bateria, recebeu uma medalha e uma pensão de Napoleão, por sua contribuição. A invasão britânica do Egito, em 1801, pareceu destinada principalmente a parar os cientistas franceses de exportar mais artefatos. Era visto como uma questão de segurança nacional naqueles dias.

Outra pista bastante sutil, mas que evidência produção de energia irradiante pelos egípcios, está no simples fato da própria cripta que se estende por vários metros em baixo do templo não ter marcas de fuligem nas paredes e teto. O que seria impossível se tivessem usado uma tocha



Imagem no alto da parede da cripta (Foto Rafael Carvalho). Imagens abaixo de representações mesopotâmicas.

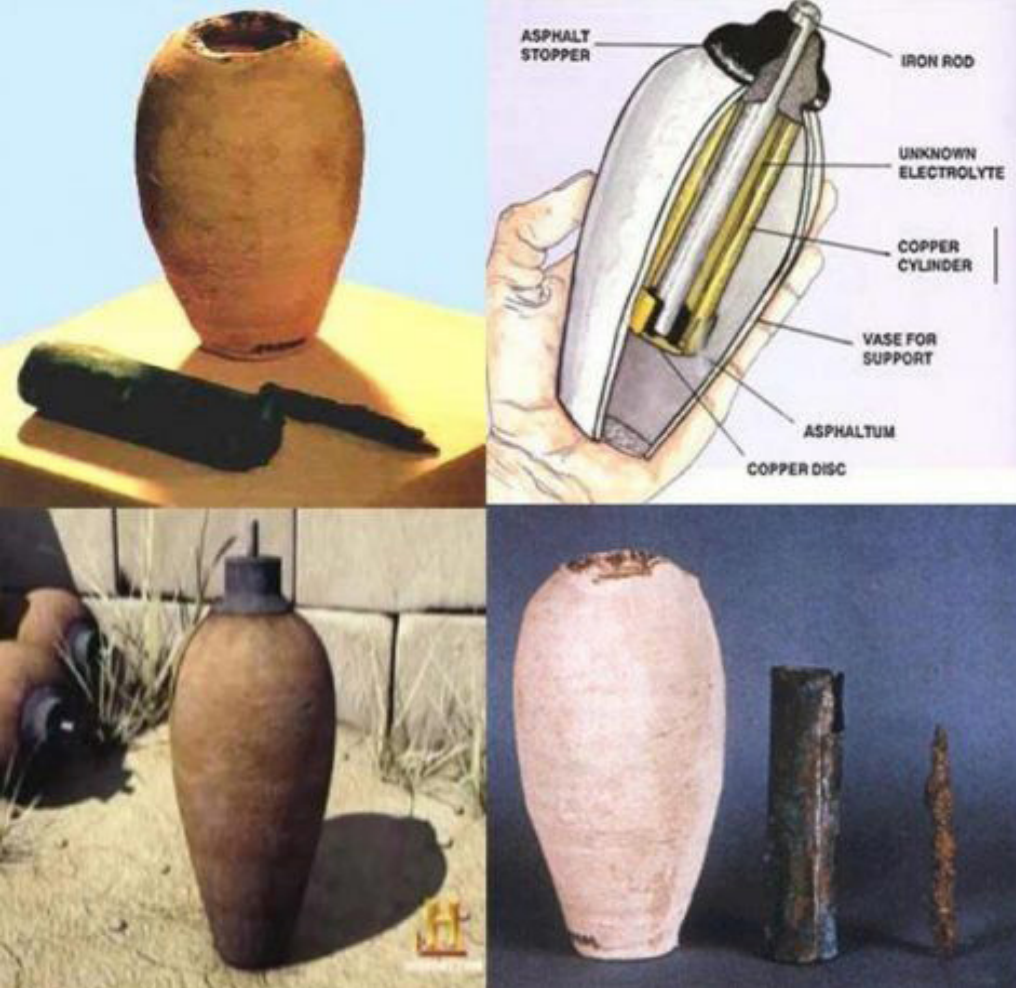
para iluminação, por exemplo. Eu mesmo pude verificar que não tem nenhuma possibilidade de luz natural iluminar aquela cripta. Obviamente, que sem uma fonte de luz seria impossível produzir os altos relevos que decoram as paredes e o teto da cripta.

ESTUDANDO A “LÂMPADA DE DENDERA”

Analisando o desenho da “Lâmpada de Dendera” propriamente dita, observamos seu filamento de luz representado por uma serpente oscilante, o cabo de alimentação e a bateria ou pilha que é simbolizada pelo Djed. A descoberta dos princípios pelos quais o Djed produzia uma corrente elétrica estável, é considerada a maior invenção do século 19.

Na visão mitológica, o Djed, significa a coluna vertebral de Osíris, que tinha faíscas tão brilhantes como a estrela Sirius. É um símbolo da estabilidade, e um dos principais e mais antigos encontrados no Egito. Sua imagem está em todo os templos egípcios,

tamanha a sua importância. No museu de Artes de Walters, nos EUA, há um Djed feito de madeira com camadas de bronze e vidro, sendo, portanto, uma peça real dos fundamentos da produção de eletricidade. Um djed ou bateria é feito colocando dois metais diferentes em ambos os lados de uma peça de madeira ou papiro embebida em água salgada ou ácido. Passando a voltagem através de todos os tipos de material, experimentadores usando estas baterias foram capazes de produzir muitas reações químicas e dividir moléculas como água, em hidrogênio e oxigênio. Egipólogos há muito já suspeitavam do uso de corrente contínua no Egito pelos muitos exemplos de joias galvanizadas e seu conhecimento de outros processos químicos. A máscara mortuária de Tutancâmon por exemplo, não poderia ter sido feita sem esse tipo de tecnologia. A lâmina de aço de Tutancâmon também, que apesar dos seus 3 mil anos, jamais se oxidou. Um detalhe que passaria por um olhar desatento é o duplo contorno feito no indi-



A pilha de Bagdá.

víduo que segura a lâmpada, apenas ele está representado assim, o que poderia indicar um halo energético em volta ou algo parecido, ou uma representação artística do efeito que conhecemos hoje como “resposta galvânica de pele” (GSR) – nome dado em homenagem ao pesquisador Italiano Luigi Galvani, que em 1750 descobriu a ação reflexa da perna de sapos para estímulo elétrico, ela é amplamente utilizada como parte de um teste de polígrafo moderno. A condutividade da pele varia de acordo com o nosso estado emocional, sendo esse fenômeno totalmente involuntário, o que faz a “resposta galvânica da pele” (GSR) ser um dado tão efetivo. Um eletrodo é colado no dedo do sujeito e a condutividade da pele é medida em resposta ao questionamento feito. Sendo assim, a pele é o segredo para alma, revelando mudanças emocionais e psicológicas sutis involuntárias.

Um efeito produzido por um

aparelho de alta frequência e alta voltagem poderia gerar uma aura brilhante ao redor de uma pessoa, semelhante as fotografias Kirlian, ou até mesmo os efeitos do “transformador ressonante”, do gênio Nikola Tesla, capaz de produzir os mesmos efeitos, permitindo a pessoa até mesmo acender uma lâmpada fluorescente em suas próprias mão.

Outro ponto interessante, onde podemos fazer uma clara comparação, seria a serpente oscilante no interior da lâmpada. Egiptólogos dizem se tratar da representação do deus Rá no útero da deusa Nut, mas é inevitável compará-la com o filamento de uma lâmpada incandescente ou, o que eu acho mais provável, uma faísca (raio) semelhante ao gerado pelo “transformador oscilante” de Tesla. O símbolo elétrico que representa o oscilador é uma onda senoidal dentro de um círculo, muito parecido com o Uraeus, um símbolo antigo muito im-

portante. Uraeus significa aquela que se ergue, Aquela que é Verde, segundo o mito, foi um presente de Rá, deus do sol, aos egípcios.

Apenas alguns metros na mesma parede da cripta, onde está o alto relevo da “Lâmpada de Dendera”, podemos ver um desenho muito interessante. Entre a deusa Hator e a deusa Maat está um esquema muito engenhoso, um vaso ornamental com um globo solar em sua base, derramando o que se acredita ser as águas da vida em quatro recipientes sustentados por quatro colunas com o rosto da deusa Hator em sua representação original. Nas colunas à direita de quem observa está a barca sagrada carregando o globo solar entre as colunas. Toda a estrutura está sendo sustentada pelo colar faraônico, ornado pelos enigmáticos símbolos semelhantes a uma flor, encontrados nos braceletes dos deuses da Suméria. Seria possível esse esquema representar na verdade um tipo de motor elétrico sofisticado? Não é difícil de imaginar isso sendo algo semelhante a um indutor eletromagnético, ou um “transformador oscilante” ao de Tesla.

A PILHA DE BAGDÁ

Em 1936 foram descobertos na aldeia de Khuyut Rabbou estranhos vasos de terracota com cerca de 11cm de largura por 14cm de altura. Esses artefatos datados com 2 mil anos de idade aproximadamente foram esquecidos e deixados de lado no Museu Nacional do Iraque em Bagdá. Apenas em 1938, Wilhelm König, diretor do mesmo museu, encontrou os objetos da coleção e os divulgou ao público. Em 1940 König publica um artigo levantando a hipótese desses artefatos serem baterias eletroquímicas.

A bateria é um pequeno vaso de argila com uma tampa de betume, que no seu interior con-

tém um tubo de chapa de cobre. Sua base é selada por um disco de cobre e da área interna projeta-se uma vareta de ferro, aparentemente corroída por ácido.

Surpreendentemente, os investigadores descobriram que sumo de limão, sumo de uva e vinagre foram usados como um ácido eletrólito no interior destes recipientes, justamente para gerar eletricidade. Além disso, as experiências realizadas com modelos criados à semelhança da pilha de Bagdá produziram corrente elétrica entre 3 e 5 volts. Corrente suficiente para galvanizar pequenas joias por exemplo.

ESTRUTURA DOS CONCEITOS RELIGIOSOS

Os conceitos religiosos do Antigo Egito foram estruturados sobre teoria eletromagnética cientificamente comprovada, como o passar do tempo, esses fundamentos científicos foram sendo cada vez menos compreendidos e se transformando em tradições e crenças infundadas, como o são as nossas hoje. A separação entre ciência e religião é um fenômeno moderno, onde confrontos entre culturas em um mundo cada vez menor, forçam compromissos com a percepção da verdade. É interessante notar que apenas após a descoberta da cripta de Dendera, no começo do século XXIII a.C., é que praticamente toda a descoberta dos fundamentos do estudo dos fenômenos elétricos e suas consequências invenções apareceram, quase que em um efeito dominó.

Semelhantemente a antiguidade, os cientistas europeus do século XVIII E XIX correlacionaram os fenômenos eletromagnéticos com o mundo espiritual. No século XVIII, os fenômenos mediúnicos e as sessões espíritas estavam em alta e chamavam a atenção e admiração da classe alta da Europa. Oliver Lodge, um dos

pioneiros da telegrafia sem fio e do rádio, passou grande parte de seu tempo tentando dar legitimidade científica ao Espiritualismo, o próprio William Crookes, desenvolvedor dos tubos de Crookes, também era um assíduo frequentador das famosas sessões mediúnicas de sua época.

Parece-me que tanto na antiguidade quanto nos tempos modernos a tendência humana de correlacionar os fenômenos espirituais com os fenômenos eletromagnéticos se repetem. Talvez isso ocorra porque o eletromagnetismo pode ser uma chave que conecta nossa percepção do mundo com outras realidades físicas ou não. Essa hipótese não parece absurda se levarmos em conta que nossos neurônios se comunicam com troca de sinais elétricos chamadas de sinapses e quaisquer alterações nesses pequenos impulsos elétricos alteram significativamente nossa consciência e por sua vez nossa realidade percebida.

TECNOLOGIA HERDADA

Na opinião do autor e de outros colegas pesquisadores, todas essas tecnologias inexplicáveis e extraordinárias encontradas na antiguidade não foram inventadas pelos egípcios, sumérios, e outros, mas pertenciam a um período muito mais antigo, onde havia uma ou mais civilizações avançadas que foram destruídas por completo após um cataclismo de proporções globais. Esses cataclismos são cíclicos em nosso planeta e podemos encontrar várias evidências desses ocorridos.

Os poucos sobreviventes dessas grandes civilizações não conseguiram recuperar o esplendor tecnológico que foi destruído, e fizeram o possível para passar e guardar certos conhecimentos científicos, filosóficos e espirituais para alguns de nossos ancestrais, assim te-

ria nascido os sacerdotes do latim Sacerdos – sagrado; e otis – representante, portando “representante do conhecimento sagrado”. Ao longo das eras esse conhecimento foi se perdendo e sendo distorcido em sincretismo religioso e mitológico.

“O que foi tornando a ser, o que foi feito se fará novamente; não há nada novo debaixo do sol”. Eclesiastes 1:9



Djed construído com incrustações douradas sobre madeira com vidro.

Imagens das lâmpadas de Dendera no final da cripta.



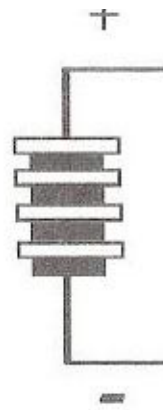
Duplo contorno no indivíduo. Resposta Galvânica?





djed

Pilha ou Bateria

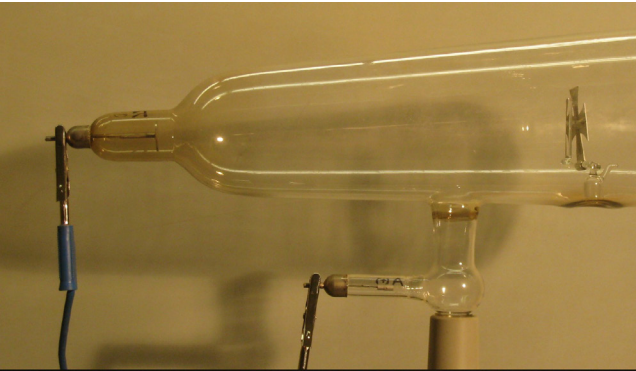


shen

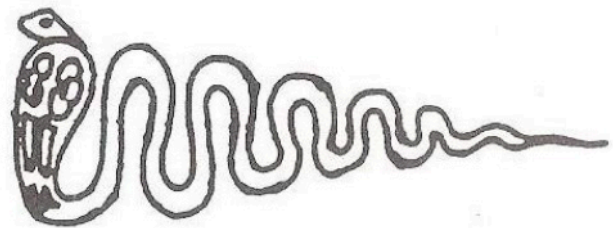
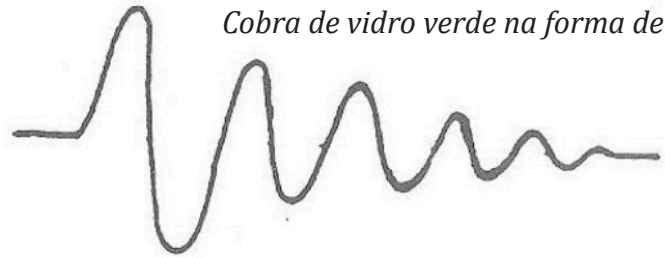
Ohm



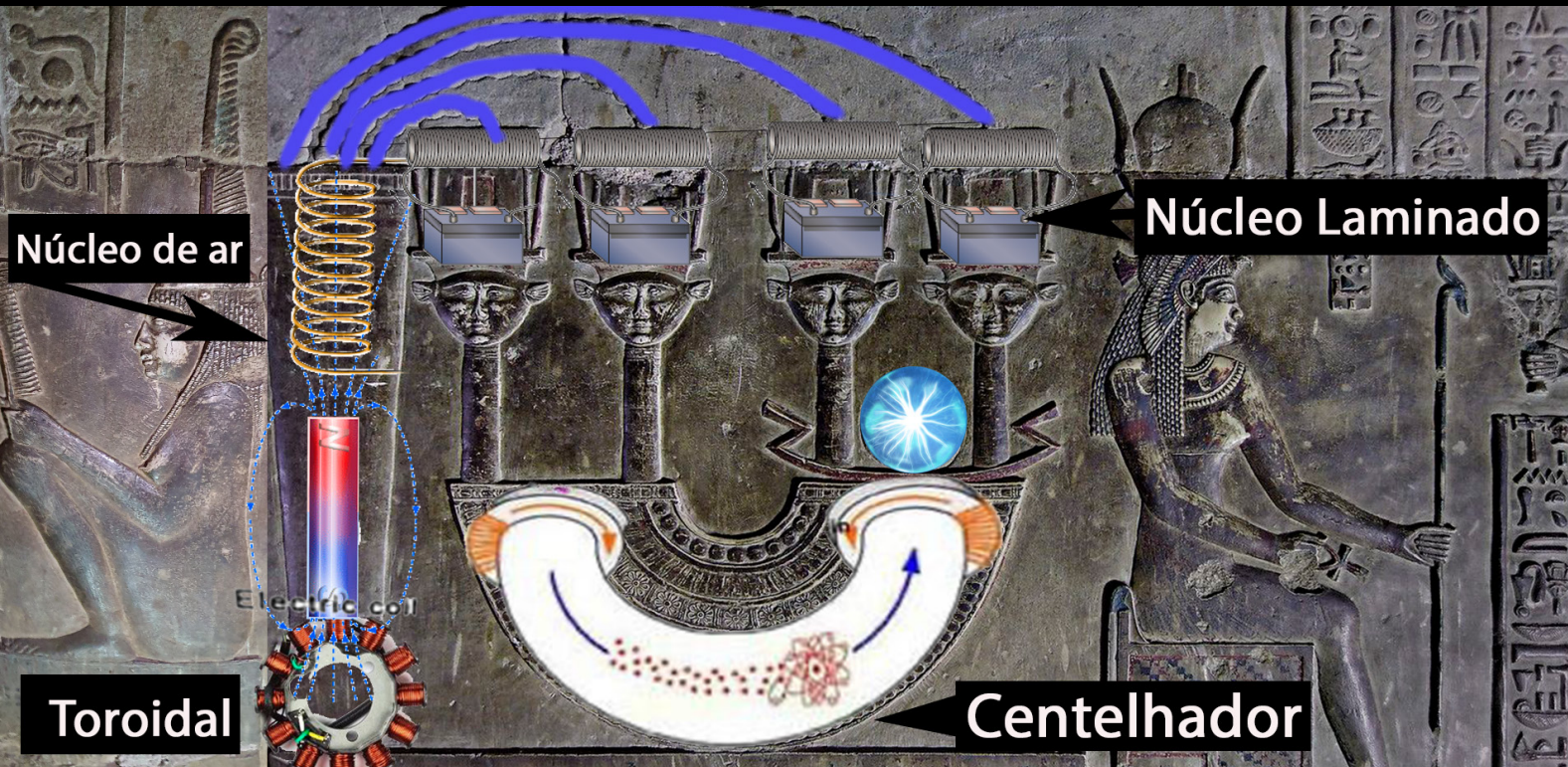
Cobra de vidro verde na forma de um Uraeus.



Ampola de Crookes.



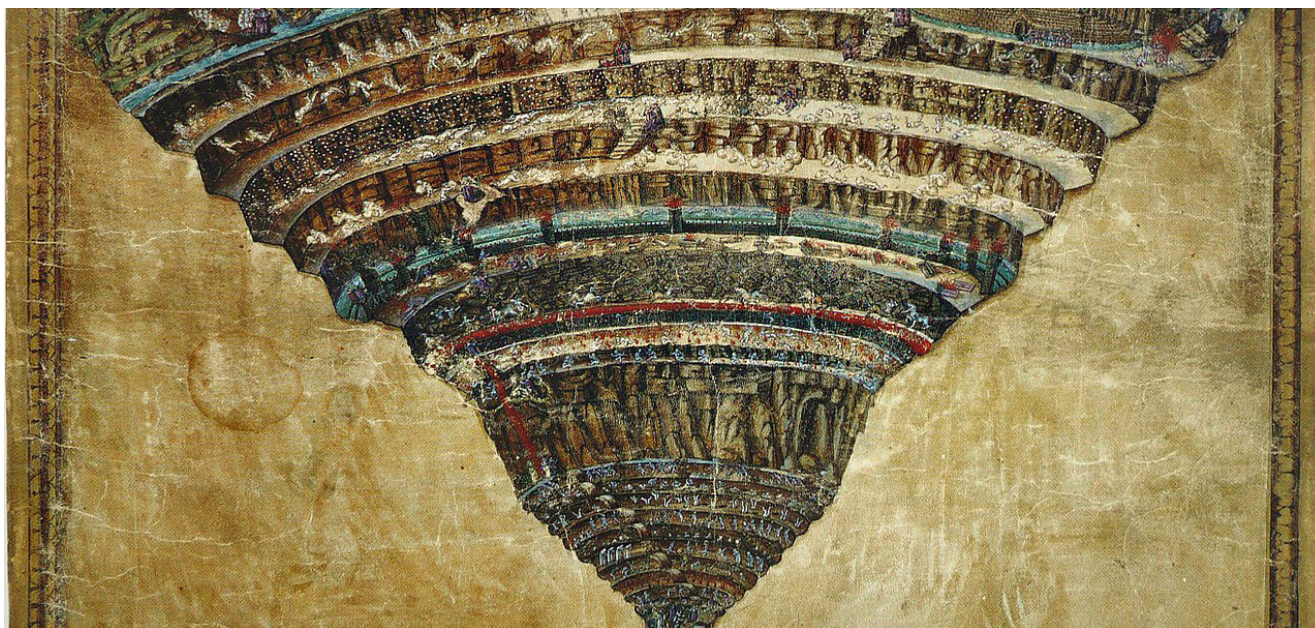
Esquema baseado em desenho encontrado na cripta de Dendera mostrando uma possível representação de um indutor eletromagnético ou transformador oscilante. Gerando energia radiante e calor.



POR MAIK BÁRBARA

BIOSSISTEMAS SUBTERRÂNEOS: DOS MITOS DO SUBMUNDO AO REAL SUBSOLO

A espécie humana intriga em seus mecanismos mentais que criam mitos para explicar o desconhecido à sua volta. Mas quando o passado é analisado com a perspectiva e tecnologia do presente, enxergamos que muitas lendas podem ter sua origem em fatos; com o inferno não seria diferente.

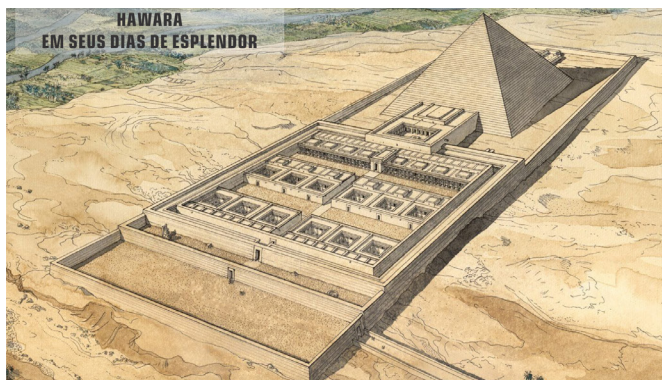


A pintura do Mapa do Inferno, de Sandro Botticelli, é um dos 98 desenhos existentes que foram originalmente incluídos no manuscrito ilustrado da Divina Comédia de Dante, encomendado por Lorenzo di Pierfrancesco de' Medici. Artista: Sandro Botticelli Ano: c. 1485

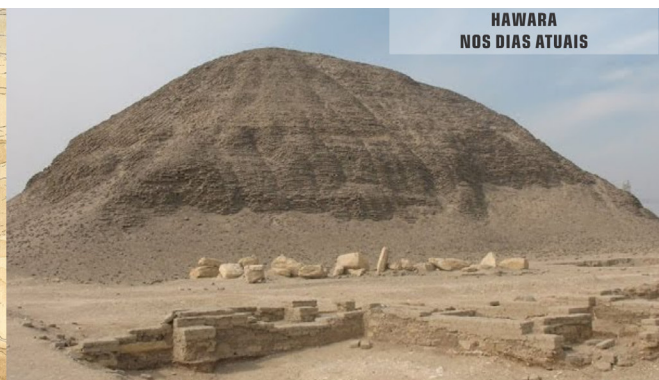
A criação de mitos e arquétipos na psique humana chegam a patamares exímios, porém, quando os mitos começam a fazer sentido, segundo novos achados e provas arqueológicas e/ou através de pesquisas recentes de rastreamento por varredura de radares de sismografia e satélite, então a história muda de figura.

Percebemos que a narrativa das línguas mortas há milhares de anos esquecidas, foram talvez mal traduzidas ou interpretadas, e ao se referirem ao “submundo”, na verdade falavam do “subsolo”. Por vezes, alguns dos mais fantásticos e fantasiosos contos de folclore se provaram verdade. Erroneamente, pesquisadores

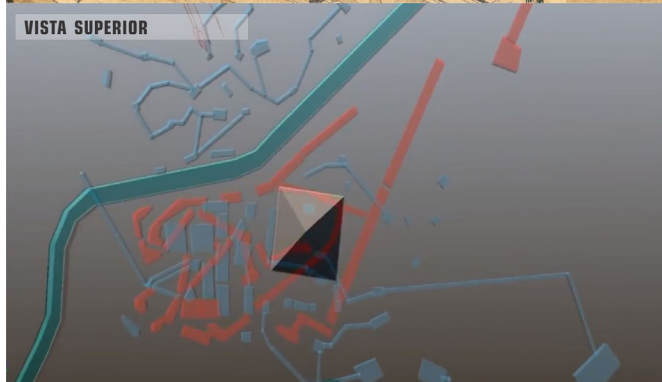
contemporâneos atribuem a distorção da realidade transformando-a em mito devido à necessidade da mente humana de divinizar o desconhecido ao seu redor, ou até conferem isso aos nossos antepassados e sua imaginação fértil, ou até que foram lendas fruto da criação em ritos executados sob o efeito de alucinógenos.



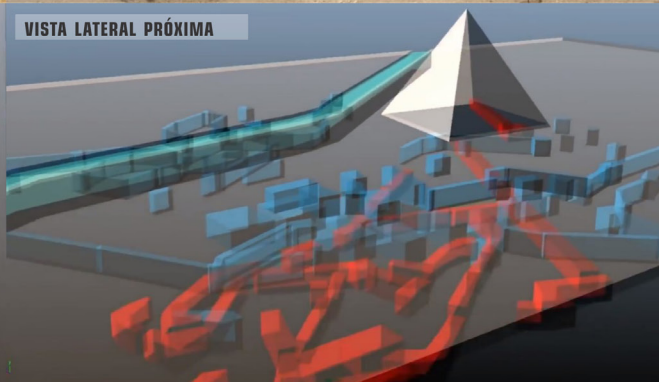
HAWARA
EM SEUS DIAS DE ESPLENDOR



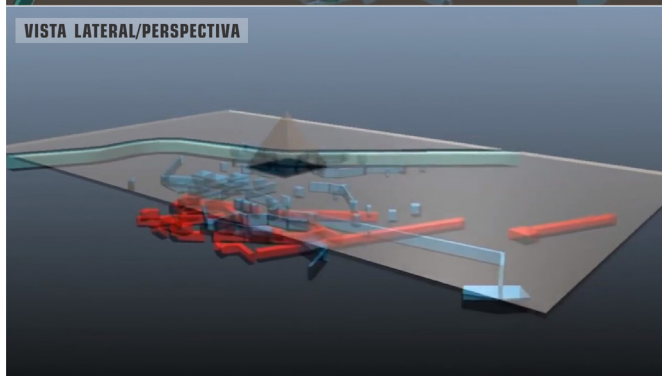
HAWARA
NOS DIAS ATUAIS



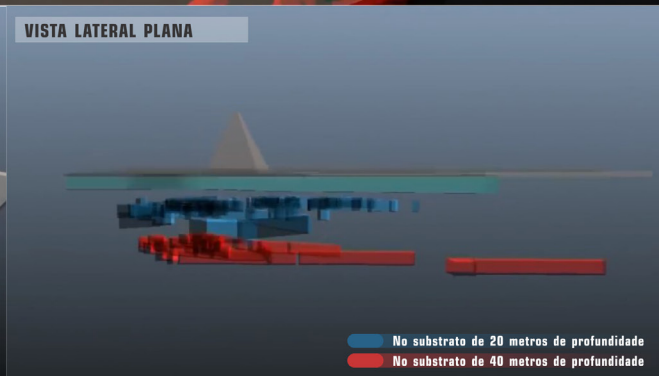
VISTA SUPERIOR



VISTA LATERAL PRÓXIMA



VISTA LATERAL/PERSPECTIVA



VISTA LATERAL PLANA

■ No substrato de 20 metros de profundidade
■ No substrato de 40 metros de profundidade

Pirâmide de Hawara, escavada pela primeira vez pelo egiptólogo Karl Richard Lepsius em 1843.

Todavia, de tempos em tempos, a humanidade falha desastrosamente em sua autoanálise. A história como é narrada sempre parte de algum pressuposto e de achados arqueológicos. A partir daí são criadas teorias. Logo depois da aceitação dessas teses, que nem sempre acontece em um primeiro momento, então a teoria é tomada como certa, até que se prove o contrário. Infelizmente, provar o contrário fica cada vez mais difícil, como Ernst Friedrich Schumacher mesmo escreveu em seu livro "Small is Beautiful: A Study of Economics As If People Mattered" – O Negócio é Ser Pequeno, título da pu-

blicação no Brasil – porém, já na forma de tradução literal ficaria mais assertivo no seu significado, sendo: Pequeno e Belo: Um Estudo de Economia Como se as Pessoas Importassem: "Qualquer tolo inteligente consegue fazer coisas maiores e mais complexas. É necessário um toque de gênio – e muita coragem – para ir na direção oposta". Estudar e tentar emplacar uma nova teoria e revisionismo histórico, ou seja, uma nova vertente narrativa da linha histórica atual, é um desafio enorme, pois a amnésia coletiva social leva a um patamar de establishment passivo – establishment se traduz por ordem

ideológica, econômica e política que constitui uma sociedade. O que coloca a história do mundo, o passado da humanidade, à mercê de ideologias religiosas e credos correntes, geopolítica e até brigas territoriais. De qualquer forma, a pesquisa investigativa pode ser feita por muitos, e as pegadas do passado estão ainda visíveis e rastreáveis, com um pouco de percepção, investimento e tempo, e coragem com genialidade, podemos reavaliar o passado e seus segredos a ponto de compreender as origens dos mitos. Hoje, existem no mundo diversas crenças religiosas, as quais se dividem principalmente em três

grandes grupos/religiões, todas de descendência abraâmica monoteístas, sendo elas: Islamismo, Judaísmo e Cristianismo. Nelas, o conceito de uma dimensão de perdição e penitência, um submundo das trevas, ou apenas o Inferno, é muito bem conhecido e explanado. Todavia, o conceito em si pode ser bem mais que mera alegoria, assim como o mesmo conceito em outros povos do mundo que existem ou já existiram, e a matéria se propõe a explorar não apenas o mundo infernal das religiões abraâmicas, mas a raiz desse mito em um cenário ainda mais amplo.

MITOLOGIA DO MITO

Para entender a ciência por trás da análise do mito, primeiro deve-se entender o mito. Algo que no campo do mundo dos mortos é algo que se faz necessário, e com certa habilidade, tamanha a diversidade e ao mesmo tempo semelhança que o lugar para onde as pessoas vão depois da morte guarda dentro da mente humana: o tão cultuado Submundo nos textos antigos, ritos religiosos e até novas línguas e descobertas plausíveis de serem decifradas.

Não seria razoável abordar o tópico de submundo se não fosse citado o Inferno, o local idealizado pelas religiões abraâmicas do mundo que têm por volta de 1.700 anos de idade. Segundo a mitologia católica, o Inferno seria o local para onde as almas malignas e pecadoras das pessoas vão após a morte e julgamento. Um local de sofrimento eterno, onde são molestados pela entidade que um dia foi o arcanjo mais lindo e habilidoso no reino dos céus, Samael, chamado por outro nome que mais é conhecido: Lúcifer. Inferno é uma palavra portuguesa evoluída do latim *infernus*, que em sua raiz significa “as profundezas da Terra” e “mundo

inferior”. Essa palavra também denotava um local de desordem e confusão, atormentador, e, por esse motivo, que a compreensão, ideia e conotação religiosa que conhecemos hoje arremete esse local de perdimento a uma área física, palpável, abaixo de nossos pés, para as sinistras profundezas da Terra.

Interessante como a etimologia da palavra Lúcifer mostra algumas dissonâncias entre o significado contemporâneo e antigo, porque ela é a junção de duas palavras do latim, *Lux* (luz), e *Fero* (carregar), melhor exposto como Aquele que Carrega a Luz. Nome interessante para um arcanjo do bem. Essa variante do nome vem da versão bíblica da Vulgata, sendo a tradução latina do livro sagrado católico feita por São Jerônimo, que viveu entre 340 e 420. Já na variante que influenciou largamente a Europa nos séculos seguintes, a versão da Bíblia do Rei Jaime ou Jaime VI, 1566 a 1625, que reinou simultaneamente a Escócia, Inglaterra e Irlanda devido à União das Coroas, Lúcifer é citado e traduzido como “a brilhante Estrela da Manhã”.

Ainda segundo o livro bíblico na versão que temos acesso hoje, o mito diz que ele foi expulso do Reino dos Céus por ter se rebelado contra Deus, onipresente e onisciente como prega a religião. Não apenas ele, mas 1/3 de toda a população de anjos que o apoiou em suas ideias de revolução. Após ser derrotado e expulso com seus seguidores, foi condenado a residir na região tida como Inferno, história largamente conhecida hoje em dia. Interessante como essa fração da ideologia religiosa é semelhante com o envio do poderoso Hades para seu reino no Submundo dos Mortos na mitologia grega. Uma nota relevante a se observar é a própria origem da língua por-

tuguesa. O português falado em Portugal evoluiu do latim vulgar, uma versão falada por soldados, cidadãos de cidades capturadas, sitiadas e integradas, e pelo baixo escalão das tropas romanas durante o domínio do Império Romano, que durou de 27 a.C. até 395 d.C., e cobriu imensas regiões da Europa, Ásia e África. Nessa versão do latim, muitas palavras sofriam mudanças não só na pronúncia, mas também em sua conotação principal, por influência da língua original da população dominada. Ritos religiosos também eram agregados a religião romana, tudo para que não houvesse conflitos ideológicos de fé quando um novo governo era estabelecido sobre aquela cidade. Uma estratégia que funcionou muito bem durante séculos, e que por fim criou as novas línguas e variações culturais que vemos espalhadas pela Europa hoje. Tais transformações ajudam a rastrear as origens dos mitos religiosos, tal como a palavra Inferno e seu conceito raiz.

Teoricamente, os textos sagrados que fazem parte da Bíblia foram juntados e canonizados durante o concílio de Niceia, em Bitínia (uma antiga região do noroeste da Ásia Menor, chamada de Anatólia, sendo a moderna Turquia) pelo Imperador Romano Constantino I em 325 d.C. Nesse primeiro concílio foi julgado quais textos seriam evangelizadores, e os que não seriam. Então foram tidos como apócrifos os textos que não fariam parte do cânone bíblico, assim nascendo a primeira versão do livro sagrado cristão. Existiram inúmeros concílios após esse, e mais textos foram cortados e agregados da juntada original, sem falar das múltiplas traduções e novas interpretações feitas durante os séculos. Isso é relevante levantar, pois, como visto, o termo Inferno, do latino *infernus*, que significa “as profundezas, mundo infe-



Ilustração medieval do inferno no Hortus deliciarum, manuscrito de Herrad de Landsberg (cerca de 1180).

rior”, na versão hebraica deriva de outra palavra, a variante grega Hades, que significa sepultura, que por sua vez deriva do hebraico Sheol, Xeol ou Seol, palavra compreendida originalmente como “região dos mortos” ou até “mundo dos mortos”, “dimensão dos mortos”, um termo usado em sua época de forma genérica, que não distingue religião, credo ou origem, seria um local para qualquer pessoa que já foi viva um dia. No Novo Testamento bíblico, se lido em grego, encontramos a palavra Hades se referindo a Inferno, e também Sheol, um tipo de morte temporária, pois segundo o credo da religião cristã e versículos do livro “Apoca-

lipse”: após a morte o indivíduo irá aguardar o dia do juízo final, onde as almas se levantarão dos sepulcros com seus corpos e terão seu julgamento feito; se foram boas pessoas merecerão o reino dos céus, se foram maus serão aniquilados. Ao menos, essa é a versão em um dos apocalipses. Na Bíblia há apenas uma versão do “Apocalipse”, mas nos concílios outros foram removidos e tidos como apócrifos. Lembrando que os textos seriam cartas, transcrições das palavras pregadas e reflexões dos apóstolos, sendo assim, alguns bispos e outras entidades de poder da Igreja julgaram e votaram durante os concílios que alguns apóstolos

estavam errados em suas narrativas e não os colocaram na Bíblia.

Mas onde mora a relevância com o mito do submundo, do mundo inferior? A ideia de submundo, como podemos observar na palavra Hades, originada da mitologia religiosa grega, também carrega o mesmo significado. No Reino de Hades, Submundo ou Mundo Inferior, há um governante descido (caído) do divino Monte Olimpo pelo deus regente Zeus. Esse líder, Hades, é conhecido como deus do Submundo. Lá as almas condenadas são levadas para uma aflição eterna sob as mãos de Hades e seus demônios. Dentro do Reino de Hades havia um local com as cavernas e grutas mais profundas e os cantos mais terríveis, a pior perdição para as almas julgadas por suas paixões humanas malignas, o Tártaro – do latim tartarus, do mongol tártaro, e do grego tártaris. O mais importante é que nas lendas gregas esse reino era um lugar palpável, onde indivíduos vivos poderiam ir. Partir ao Tártaro era considerado um grande feito, podendo ser executado apenas por deuses ou semideuses. Esses mitos parecem uma reciclagem mitológica das narrativas dos poemas sumérios sobre o submundo (Kur), pois Inanna, Dumuzi, Gilgamesh, Enkidu e outros personagens também desceram da superfície ao subterrâneo. É importante ressaltar que para os nórdicos também existia um lugar de perdição pós-morte comandado por um dos três filhos de Loki, e sua filha, a deusa da morte Hel, por vezes chamada de Hella. Em seus domínios, o Helheim, traduzindo para Reino de Hel, também era considerado uma morada de perdição das almas que morrem com desonra e são torturados por seus habitantes, mas acima de tudo, uma localidade palpável, tangível, um indivíduo vivo poderia chegar a esse local, tudo

dependendo das capacidades do herói do mito. A semelhança fonética entre o nome Hel, do Reino de Helheim é clamada pela filologia como sendo uma mera coincidência com o som da palavra em inglês que significa Inferno: Hell.

Já abrangendo os habitantes desses reinos e principalmente do conceito de Inferno segundo as religiões abraâmicas, Demônio em português-brasileiro, vem de demônio (europeu), e deriva do grego, daimon, que chegou ao português pelo latim vulgar daemionium. Para a mitologia cristã seria a palavra que determina o opositor ao bem do Criador Supremo, já no contexto judaico e islâmico (as outras duas das três grandes religiões abraâmicas) a conotação é outra, pois demônios se tratam de seres imperfeitos criados no 6º dia da criação das coisas por Deus, na língua local dessas religiões são mais conhecidos como jinn, ou em tradução literal: gênio.

Jinns são seres da religião islâmica ou muçulmana que pertencem ao mundo intermediário entre o conceito de Céus e a Terra, angelical e humano, sendo criaturas sobrenaturais e dotadas de alguns poderes diversos, mas a grande diferença é que são ligados não apenas ao mal, como na religião cristã, mas ao bem também. Podendo ser agentes de ambos os lados a depender de sua natureza. Portanto, as etimologias das palavras têm mais a nos ensinar que apenas os seus significados distorcidos que transitaram de milênios atrás até os dias de hoje.

Porém a compreensão do mito não reside apenas nas palavras, mas nas origens, a cultura do povo que o criou, seu momento evolutivo e muito mais. Como pode ser observado, as três grandes religiões abraâmicas têm origens iguais, de Abraão, um ho-

mem nascido, crescido, educado, ensinado, que absorveu a cultura local e imigrou da cidade de Ur, umas das três maiores e mais importantes cidades da Acádia, que antes disso era o império Sumério até se miscigenar.

Resultado de pesquisas do historiador André de Pierre sobre a cultura suméria, e citando uma das fontes de grande impacto no mundo ocidental atual, o sumerólogo, tradutor e historiador Samuel Noah Kramer (1897-1990), prolífico produtor de vários livros, que traduziu centenas de tábuas sumérias com escrita cuneiforme que têm até mais 5.500 anos de idade.

Em um desses livros, "The Sumerians: Their History, Culture and Character" (Os Sumérios: Sua História, Cultura e Caracteres/Escrita), ele lista diversas semelhanças entre o Velho Testamento que vão muito além do fato de Abraão ser da cidade de Ur.

André de Pierre cita de forma clara e direta em suas pesquisas as semelhanças entre as traduções de Noah Kramer e as ideias empregadas nos livros sagrados da linha abraâmica quanto à criação do universo sumério e bíblico, assim como a semelhança absurda da criação do Homem, passando pelo mito do dilúvio, ou mesmo a disputa e história de assassinato entre os irmãos Caim e Abel, a narrativa da Torre de Babel e a mistura das línguas, a ideia de "anjo da guarda" que também vem da mitologia suméria. O conceito de retaliação divina em forma de catástrofe, frequente na Bíblia, também faz partes das histórias divinas sumérias, tradições religiosas que perduraram e têm pelo menos 3.000 anos a mais que os textos bíblicos. Algo que Abraão absorveu como traço cultural de sua cidade natal.

Enfim, a Suméria influenciou também as outras culturas sobre a morte e mundo inferior. Devemos lembrar que a Bíblia, por exemplo, foi escrita em diversos dialetos da época, ao menos antes de ser juntada em um livro, sem falar dos textos de Moisés, que formam o Velho Testamento e são centenas de anos mais antigos. O Sheol hebraico bíblico, assim como o Reino de Hades grego, são oriundos de uma mesma descendência, o Kur sumério.

O Kur é tido como a última morada escura e terrível dos mortos. Compreendido como um mundo palpável e existente abaixo da superfície. Ele era apresentado dessa forma por se tratar de um lugar onde deuses poderiam ir e vir, com certas dificuldades, mas ainda assim, poderiam. Por vezes traduzido como subterrâneo e não submundo a partir das tábuas com registro em cuneiforme e palavras originais do povo da época. A conotação de submundo como sendo uma dimensão subalterna ao mal e à dimensão do bem, é uma confusão normal ao termo subterrâneo, já que em várias línguas os termos, a palavra empregada para ambos os significados era a mesma. Em vários documentos literários escritos em cuneiforme decifrados por Kramer das milhares de placas de argila encontradas até hoje, várias narrativas mostram que alguns dos mitos perduraram até os dias de Abraão e os conceitos foram passados para frente através de ensinamentos religiosos, e por consequência de seus ensinamentos, chegaram até os dias atuais. Para compreender melhor o mito, devemos entender suas origens. O conceito do como seria e o que significaria Kur para os Sumérios está impregnado por paralelos do que foi trazido à luz pelos textos bíblicos na atualidade. Numa citação direta de um texto sumério, feita por Kramer, Kur seria "o lamentável

lar de antigos reis e príncipes”, “a ressurreição das sombras dos mortos”. Em outro momento, André de Pierre expõe o paralelo do aprisionamento em Kur, do então deus da fertilidade e pastor Dumuzi, que em hebraico/bíblico tem seu equivalente usado sob o nome de Tammuz, aquele por quem as mulheres de Jerusalém lamentavam com fervor até os dias do profeta Ezequiel.

Os sumérios ainda tiveram textos narrando desbravadas de heróis e deuses indo até o submundo, fisicamente, tal como podemos observar o mesmo teor na mitologia grega também. Exemplo disso é Inanna, a deusa suméria associada ao amor, ao erotismo, fertilidade e fecundidade, que teve seu nome modificado por outros povos, tal como Astarte pelos gregos, e mais tarde popularmente conhecida como Afrodite. O nome seguia mudan-

do conforme o povo que a venerava: Ashratum para os babilônios, na mitologia mesopotâmica em geral já seria Ishhara, Irnini, Astarteia e Astoreth. Já para Canaã: Asherah, Ashtaroth ou Ash-toreth seria a deusa do amor, das plantas e da fertilidade, com associação aos oceanos e à Lua. Há uma narrativa em escrita cuneiforme que fala da sua jornada ao submundo para visitar sua irmã, Ereshkigal.

Interessante, é que para os povos antigos, a ideia de transição dos seres tidos como deuses entre a superfície da Terra até o submundo era algo palpável, físico, pois os ditos deuses eram mortais, morriam, e por sua vez, iam em jornadas para o submundo por motivos múltiplos, mesmo assim, o ápice da narração era sempre o retorno e suas conquistas. Típica narrativa arqueológica ou uma reminiscência de

algo palpável?

E se esse submundo imaterial e dimensionalmente inalcançável pelos vivos, fosse apenas uma tradução indevida em certos momentos do que realmente a palavra em foco queria transmitir: subterrâneo. Em certos momentos, submundo poderia ser apenas subsolo, e Anúbis, deidade egípcia, pode nos trazer mais pistas sobre isso.

O SUBMUNDO EGÍPCIO

A antiga religião Egípcia teve origem parecida com as outras, culto ao desconhecido, veneração pelo poder alheio e superior aos humanos tribais primitivos. E no caso das raízes do deus Anúbis, não seria diferente. Os nômades do deserto tinham duas premissas para atravessar os longos caminhos sobre as areias escaldantes: seguir o Sol como o direcionador de trilha e ter acesso à água. É presumido por diversos pesquisadores de áreas diferentes desde a antropologia, passando pela arqueologia e indo até a teologia, que o culto ao chacal tenha partido dessa necessidade primitiva do viajante do deserto.

Antes de se localizar pelo Sol e seguir sua jornada, o viajante deveria localizar água a fim de não perecer antes de chegar em seu destino, uma tarefa um tanto desafiante nesse ambiente. Todavia, uma das formas mais eficientes era observar e seguir os chacais. Chacal é um termo referência para três espécies caninas, e uma delas, o Chacal Dourado, tem várias táticas extremamente eficazes de sobrevivência para os desertos. Eles têm um chamado característico para avisar os outros animais da matilha sobre uma forte tempestade de areias que está por chegar, o que pode alertar minutos, ou até segundos antes a um viajante que irá se precaver e não ser açoitado de surpresa por ventos misturados



Dr. Carmen Boulter, professora acadêmica na Universidade de Calgary no Canadá, na Divisão de Pós-graduação em Pesquisa Educacionais. Também é escritora, diretora documentarista, produtora e pesquisadora de mistérios históricos.

com areia e detritos que chegam violentos e de repente, a mais de 70km por hora. Mas acima de tudo, os chacais têm uma característica importantíssima: uma das formas mais eficazes de encontrar água no deserto. Por esse motivo, esses animais eram vistos como criaturas que levavam à vida, condutor das pessoas pelos caminhos árduos até a fonte da vida.

Centenas, se não milhares de anos de evolução se passaram, e, o que no início foi um modo de sobrevivência, evoluiu junto com a cultura de um povo, sobrepujando-se e sendo adaptado em forma de culto. O conceito então subiu um degrau, e não mais o animal era foco de adoração, mas uma deidade em pessoa, meio-homem meio-chacal, transformado primeiro na poderosa divindade condutora para a fonte de vida, a água, e depois no condutor das almas pelo submundo até o ponto do julgamento final feito por Osíris. O conceito de morte como compreendemos não existia para os antigos egípcios até certo momento da história, sendo então a morte uma passagem para a vida pós-morte, onde realmente a vida começaria.

Em síntese, a depender da dinastia faraônica que cultua Anúbis ou até a região do Baixo ou Alto Egito, essa é uma das versões mais abrangentes. Fato é: os Egípcios também dedicaram sua literatura em parte, e grande parte, ao submundo (ou seria subterrâneo?). Em estudos mais recentes, 2019 e 2020, onde por vezes as traduções dos cartuchos de escrita hieroglífica diziam submundo, constatou-se que nem sempre a palavra submundo se referia ao mundo dos mortos como sendo uma outra dimensão, mas sim ao subsolo, ao subterrâneo. A diretora, documentarista e pesquisadora Carmen Boulter, durante o ano de 2019 e 2020

executou testes e varreduras no Egito que envolviam autorizações especiais governamentais, radares de penetração de solo via sismografia e escaneamento de alta definição feito por satélites. Tecnologias que unidas sob a supervisão de ótimos profissionais têm a capacidade de atingir até 6km de profundidade em varredura, e o mais revolucionário: têm a capacidade de ir além de camadas, ou seja, detectando diferente densidade de materiais, rochosos ou não, atravessando a camada mais maciça ao atingi-la. Sendo assim, são capazes de encontrar o que arqueólogos levariam décadas escavando e talvez nem chegassem a tamanha descoberta.

Boulter constatou que aquilo descrito pelos visitantes intercambiários filósofos gregos da antiguidade sobre os segredos da humanidade estarem guardados sob a pata da Esfinge, poderia ser algo mais abrangente, o que a fez investigar todo o subterrâneo do Planalto de Gizé, produzindo varreduras melhores em áreas menos vigiadas pelo protecionismo religioso do governo egípcio, como a pirâmide de Hawara. Nesse local ela fez diversas descobertas ainda não liberadas totalmente.

Nessa pirâmide foi encontrado um labirinto subterrâneo que está praticamente à altura do solo, não tão profundo como foi um dia. Já como Carmen constata, bem abaixo da pirâmide foi encontrada uma camada de túneis e câmaras simétricas, com ângulos retos, que estão a incríveis 20 metros de profundidade. Todavia, o mais interessante é um conjunto de outros túneis e câmaras localizados ainda mais abaixo, a incríveis 40 metros de profundidade. Curiosamente, escaneando todo o perímetro constatou-se que o nível 1 não tem ligação de forma alguma com o

nível 2. Concluindo-se, que os conjuntos foram utilizados em momentos diferentes da história daquela região, ou os acessos para o nível mais inferior foram eximamente obstruídos, de forma a não deixarem rastros de emendas, uma vez que não foi possível encontrar passagens de acesso entre um e outro. No total são 63 câmaras e várias delas têm proporções maiores que uma piscina olímpica – 50 X 25 X 3,05 metros.

Outra peculiar descoberta que Carmen teve o prazer de presenciar foi um achado na Turquia. Em uma caverna a qual ainda não foi divulgada a localidade, um aglomerado de joias e estatuetas de ouro foi encontrado. Interessante ressaltar que entre as imagens aparentemente mostrando figuras e deidades egípcias, há no destaque a figura de Aquenáton, o que poderia direcionar uma possível datação dos itens. Algo por volta do reinado desse faraó ou posterior, portanto não mais velho que 1.340 a.C.

No enquanto, a composição das estátuas era diferente do que o convencional, ou seja, não eram de ouro maciço, mas foram esculpidas em madeira e depois recobertas por ouro. Gerando assim a possibilidade de raspagem do ouro para chegar até a camada orgânica para fazer a datação por carbono 14. A surpresa veio em seguida, pois a idade da decadência do isótopo radioativo de carbono da matéria orgânica, a madeira, apontou a idade descomunal de aproximados 11.500 anos. Diga-se de passagem, 11.500 anos atrás é a mesma datação calculada para o evento narrado sobre o desaparecimento de Atlantis registrado na literatura grega pelo filósofo e escritor Platão. O sacerdote egípcio que trouxe à tona a história para Sólon, antepassado de Platão, sobre Atlântida e seu sumiço em um dia

e uma noite, contou que a cidade-capital Atlantis também era uma colonizadora, e possuía diversas colônias espalhadas pelo mundo, sendo o Egito uma delas.

As descobertas de Carmen possivelmente não serão divulgadas tão cedo, já que as estatuetas se parecem egípcias, mas são de milênios antes das datas da era dos faraós (algo por volta de 3.500 a.C.). Ou seja, essas estátuas podem ser a primeira prova física da existência de fato de Atlântida, um povo que carregou sua cultura religiosa para a colônia egípcia, e ao ser varrida da face da Terra por algum fenômeno, deixou suas colônias como herança para seus comandantes da época, juntamente com os traços de sua cultura religiosa. O governo turco apreendeu o material produzido por ela e obstruiu quaisquer novas filmagens. Felizmente nem tudo foi perdido, e o que restou foi uma centena de fotos que ela fez com o celular na época da visita ao sítio arqueológico. Esse material ainda está em preparação para um próximo documentário.

Todavia, a relevância da datação é o mais importante aqui, já que retroagimos até a época de Gobekli Tepe ou ainda até antes. Colocando em cheque, mais uma vez, o que conhecemos de nossa própria história e das capacidades do desenvolvimento de abrigos subterrâneos por aqueles que fugiram de alguns cataclismos globais que conhecemos hoje e que varreram a face da Terra, mas não o subsolo. Se havia desenvolvimento elevado além do que imaginamos, não é difícil imaginar grandes bunkers de sobrevivência, entradas para biomas autossustentáveis ou até artificiais. Hawara foi apenas um pequeno pedaço da superfície que teve o privilégio de tamanho investimento de tempo, expertise, tecnologia e dinheiro na pro-

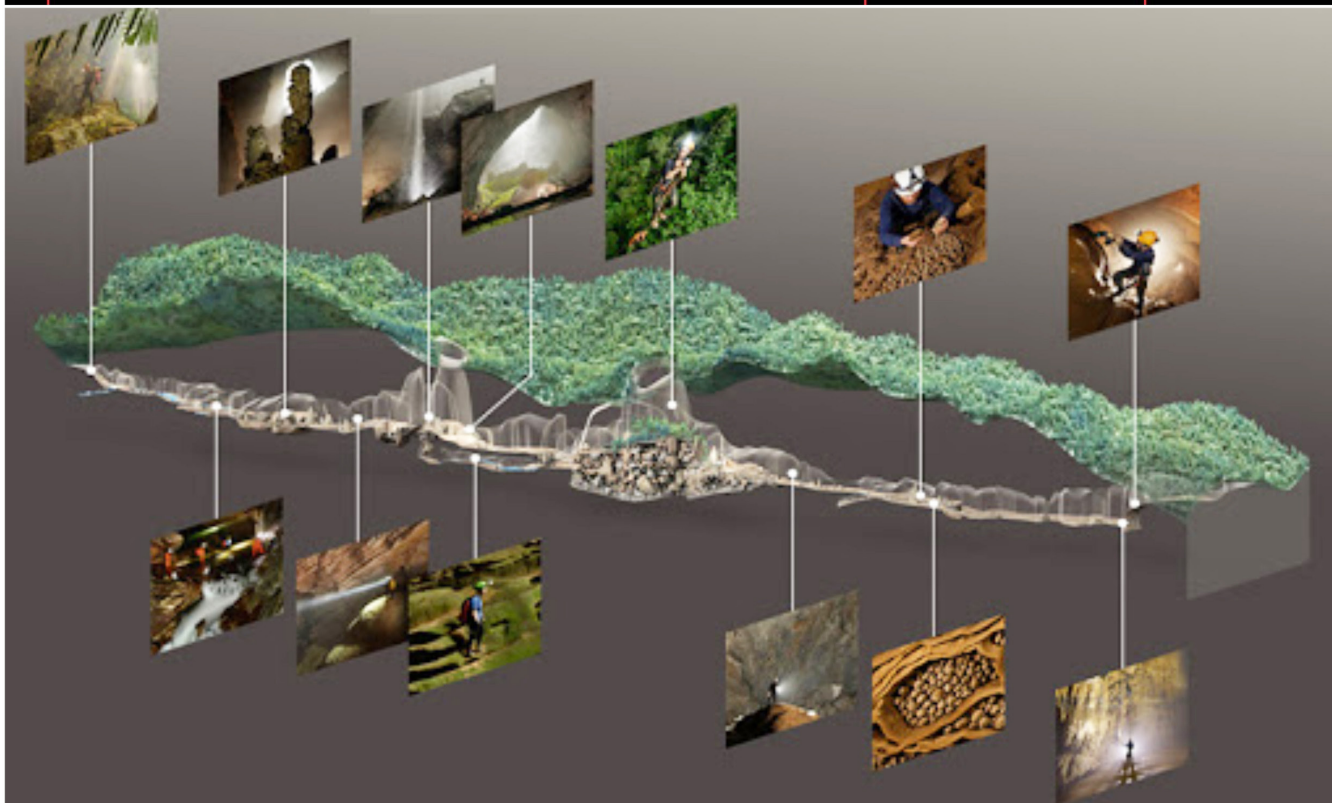
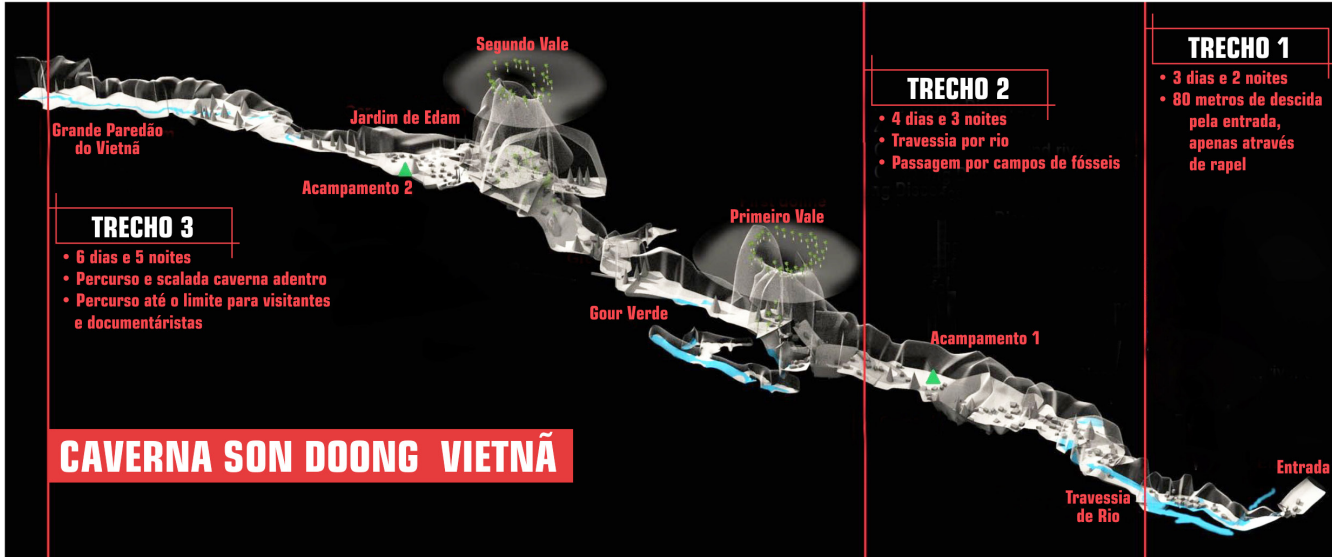
cura por respostas arqueológicas nas profundidades do solo rochoso esculpido, agora imagine se mais locais fossem investigados? Uma construção 40 metros abaixo do solo é algo descomunal até para a arquitetura moderna, e sem ligação com o nível superior, 20 metros acima. Lembrando apenas que na arqueologia, quando se refere a leitura de substratos e datação: quanto mais profundo, mais antigo. O que caberia muito bem no tópico, pois uma diferença de substrato de 20 metros em um terreno rochoso não é para qualquer sítio arqueológico ou civilização, isso pode significar milênios de diferença entre a construção e uso de um nível mais profundo em relação ao outro (podendo ser uma diferença de 10 mil anos entre um estrato e outro). Aqui então percebemos que as narrativas egípcias antigas do submundo poderiam representar um local que realmente existe no subsolo e não outra dimensão como muitas vezes divulgado. Podemos somar essa área recentemente encontrada com as já descritas na matéria da Revista Enigmas sobre a Tumba de Osíris, os túneis e passagens subterrâneas do planalto de Gizé, as câmaras sob a Esfinge, a própria Tumba de Osíris penetrando três andares chão abaixo.

Estariam, então, as traduções dos cartuchos que citavam o submundo se referindo mesmo ao mundo dimensional dos mortos por onde Anúbis caminhava e Osíris se recolheu depois de 80 anos do reinado faraônico, ou seria esse submundo um local subterrâneo onde pessoas tidas erroneamente como deuses por adoradores de mentes mais primitivas, se resguardavam em níveis inferiores chão adentro? Estaria apenas o Egito com esse equívoco interpretativo, ou veríamos isso em outros locais do mundo e em outras culturas? A resposta é sim, há centenas.

Enfim, essas foram constatações de estruturas feitas pelo Homo sapiens, ou assim esperamos. Mas, e quanto às estruturas naturais, que chegam a dezenas de quilômetros de profundidade? Elas desafiam o que conhecemos até o momento. Seríamos nos dias atuais os primeiros descobridores desses absurdos locais subterrâneos, ou como colonizadores europeus ao chegar nas Américas estamos por descobrir que existem muito mais coisas do que nossos mitos contavam nas camadas geológicas mais profundas? O que esses lugares guardam para a surpresa dos céticos e dos estudiosos que buscam respostas?

BIOSISTEMAS SUBTERRÂNEOS

Na matéria da Revista Enigmas sobre o “Adão e Eva: O livro censurado pela CIA” é largamente explicada a composição geológica macro do planeta. É explanado sobre as subcamadas abaixo da superfície, desde a Crosta Continental até chegar no centro da Terra. Sendo assim, partindo do centro temos as seções divididas pelo Núcleo Interno, cerca de 1.200km de espessura, depois o Núcleo Externo com 2.200km, e então a camada mais espessa, o Manto Interno com seus aproximados 2.885 quilômetros, e logo acima, se comparada às outras divisões, a minúscula camada do Manto Superior, com algo por volta de 650km, e por último à Crosta Terrestre com apenas 30 quilômetros. A teoria mais aceita sobre as camadas é que o atrito de rotação e interação do Manto Interno com as demais camadas geram o campo eletromagnético terrestre, isso devido a composição metálica dos Núcleos. O Campo Eletromagnético da Terra garante a integridade e estabilidade atmosférica da troposfera, estratosfera, mesosfera, termosfera e, por último, mas não menos importante, a exosfera. Além



de proteger a superfície da Terra de violentas rajadas e ondas de explosões/erupções solares, os tão famosos Solar Flares, resguarda-a também de radiação cósmica e até de pequenos objetos do Sistema Solar.

Entre os sistemas autossustentáveis que existem pelo mundo, um peculiar se destaca no meio geográfico, os biomas. Eles consistem na união das palavras gregas bio (vida) e oma (proliferação). Descobertas recentes atestam que certos biomas geológicos subterrâneos são extremamente autossuficientes a um nível que produziram até vida animal própria ou conservaram algumas espécies da extinção, fazendo que elas existam apenas lá, tal como o caso de cavernas isoladas com águas que reservam alguns tipos de camarões e peixes existentes apenas em seus biomas, ecossistema especial gerado pelo isolamento biológico.

Outro exemplo claro sobre bioma subterrâneo de longa data de existência é a caverna Hang Son Doong, no Vietnã. Ela é considerada a maior caverna do mundo, com mais de 200 metros de altura, e vasta extensão. Essa caverna é tão grande que tem seu próprio clima, uma floresta, jardins isolados, rios passando dentro e cortando a vista, fósseis de mais de 300 milhões de anos facilmente detectáveis, estalactites e suas opositoras estalagmites, até penhascos apontando para baixo com mais de 350 metros de profundidade, uma grande muralha lateral interna, um reservatório de pérolas e incríveis nuvens próprias, pairando em seu céu próprio na parte superior da limitação rochosa. É cercada por túneis que lembram labirintos e muitos visitantes e profissionais experientes relatam que sem a técnica devida, é possível se perder e morrer tentando sair de lá. Estimasse que ela foi formada

a cerca de 2,5 milhões de anos atrás. É mais precisamente localizada no Parque Nacional Phong Nha-Ke Bang, a 280 km ao sul de Hanói, a capital vietnamita, e sua entrada se encontra 80 metros abaixo da superfície, tendo seu acesso apenas através de uma descida por rapel.

Enfim, essa é uma mera e fabulosa caverna que tem uma grande entrada aberta para o homem observar e adentrar. Será que outras entradas mais escondidas podem ser habitadas por algum povo que se refugiou ali e se adaptou a não ver a luz do sol? Talvez até tenham deixado pegadas de sua estadia na superfície, porém, o que um dia foi fato, passou a lenda e evoluiu ao mito.

ONDE ESTÁ A RELEVÂNCIA DESSE ARGUMENTO?

Por todo o mundo, mitos e lendas são levantados desde quando a humanidade se vê como desenvolvida, ou seja, segundo os meios de comunicação tradicionais, não mais que seis mil anos atrás. Inicialmente cultuando a natureza e tudo que a cerca, desenvolveu-se o primórdio do que seria a religião. Milênios de evolução e começaram a cultuar animais poderosos do ecossistema que interagem. Então, com o passar do tempo, evoluindo um pouco mais, houve o avanço dos credos, a criação de cultos e ritos sagrados transmutando a ideia de poder animal para os humanos, fazendo com que pessoas pudessem ser divinizadas. Podemos ver isso claramente nas culturas dos primeiros registros escritos, como os povos mesopotâmicos sumérios e acádios, passando pelos antigos egípcios, indo para países asiáticos como a China, atravessando oceanos e observando os povos astecas, maias e incas, e até mesmo as culturas anteriores a esses povos americanos.

Essa mitologia criacionista religiosa gera relevantes arquétipos que são inerentes aos seres humanos, mas também deixa lacunas quando a pesquisa se refere a um item em específico, os mitos que envolvem o pós-morte e a busca pelo que virá depois da vida. A inquietação racional sobre o religioso criou mecanismos de proteção mental para lidar com a finitude da criatura, do ser, do humano. Filósofos refletem a esse respeito há eras. Todavia, numa visão um tanto mais palpável e menos arquetípica podemos rastrear pegadas no passado que irão gerar desconforto para aqueles que têm informações limitadas sobre o submundo dos povos antigos em paralelo com a sua própria ideia de local da perdição eterna, o Inferno. Hoje com discernimento suficiente e tecnologia para rastrear o que há além da toca de coelho que Alice entrou, podemos serrar os punhos e ir para a briga em favor dos novos fatos e descobertas.

Pesquisas recentes vêm mostrando que há muito mais sob a superfície e nos espaços ocultos da Crosta Terrestre que meras coincidências entre os mitos antigos de distintos povos do planeta: os biomas autossustentáveis em gigantescas cavernas e concavidades rochosas podem ser prova disso. E essa não seria a primeira vez que a ciência mira para o alto, sem rumo, e acaba certamente atirando bem no centro do alvo. Michael Mott em seu livro "Caverns, Cauldrons, and Concealed Creatures: A Study of Subterranean Mysteries in History, Folklore, and Myth" (Cavernas, Caldeirões e Criaturas Ocultas: Um Estudo de Mistérios Subterrâneos na História, Folclore e Mito), de 2011, explora a possibilidade da existência de espécimes altamente peculiares e desenvolvidos, sob nossos pés, nossas casas, entre eles humanóides e animais.

No livro consta os resultados de testes sismológicos feitos na região Mohorovičić do subsolo, ou seja, o ponto de descontinuidade entre a Crosta Terrestre, secção sólida, e o Manto Externo, área teoricamente liquefeita, descoberta pelas pesquisas dos cientistas Andrija Mohorovičić, Beno Gutenberg e Inge Lehmann. Nesse ponto, as velocidades de ondas sísmicas se alteram, aumentando. Algo que até as pesquisas dos três cientistas do início do século XX não era sabido. Ainda, segundo Alberto Matias, em sua obra “Descontinuidade de Gutenberg”, 2019, exatamente nesse ponto que é feita a divisão entre essas duas camadas: 32 a 40km abaixo da superfície terrestre e 5 a 10km sob os oceanos.

Apenas em tempos recentes, através da ciência da sismologia, foram encontradas áreas anômalas nessa região peculiar. Dentre as anomalias em especial há algumas que se destacam por serem potenciais biomas autossustentáveis. Com tais varreduras foi possível rastrear espaços ocultos mostrando grandes vales, picos dentro desses vales, como se fossem montanhas, áreas com menor densidade do que está a sua volta, ou seja, grandes bolhas geológicas.

Territórios de proporções monumentais. Entretanto, há de se ressaltar que algumas dessas regiões são totalmente tomadas por água, isso é detectável devido à densidade rastreada, por vezes há o preenchimento de magma e em vários casos de grandes bolsões de oxigênio. Cavernas e grandes formações de túneis ou minas de sal soltam grandes quantidades de ar em direção à superfície, misturadas a líquidos e água superaquecidos, procurando escapes pela crosta. Isso explica esses espaços ocultos mantidos com suprimentos de oxigênio presos ou circulando dentro

de si.

Essa região teve o nome encurtado para Moho, uma estrutura que apresenta anomalias de espaços ocultos por todo o planeta. Fato esse que não passa despercebido das nações. Uma vez que, como já citado na matéria da Revista Enigmas sobre o livro censurado de Adão e Eva, os Estados Unidos mostram um grande interesse em quaisquer assuntos voltados para esse campo, a geologia, tanto que em seus regimentos e leis de direito de liberdade de expressão há adendos que dão poder ao Estado de intervir e censurar qualquer pesquisa, publicação e estudo voltados para a geologia, o que foi o caso do livro “The Adam and Eve Story – The History of Cataclysms”, de 1963.

Mott exemplifica sobre os olhos atentos dos países e seus comandantes que já tentaram perfurar a crosta para chegarem até um desses bolsões de ar na região do Moho, onde possivelmente existem ecossistemas inteiros, milenares, e totalmente separados da interação com o resto do mundo. Como o desconhecido é sempre foco de interesse, uma vez que a regra é clara, o primeiro que descobre também passa a ser o primeiro a explorar os recursos. Ainda segundo o que autor Michael Mott estabelece em seu livro, o interesse é tamanho nessa misteriosa região do Moho, que por vezes alguns países procuraram chegar a esses níveis, e os objetivos, à priori, seriam bélicos militares. Ainda narra que houve a tentativa da marinha norte-americana de chegar até essa profundidade em um dos espaços com oxigênio indicados por varredura sísmica. O mesmo aconteceu com os russos, e supostamente nenhuma das duas nações tiveram sucesso em chegar até essa subcamada terrestre.

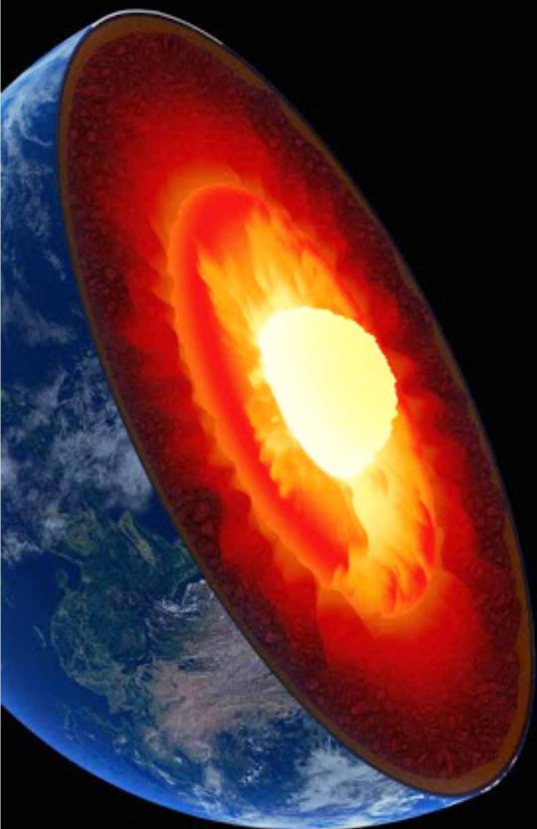
Fica claro que é necessário

mais exploração e pesquisa, uma vez que por mais mirabolantes que possam parecer as lendas, os antepassados humanos não parecem nada primitivos.

UM ESTUDO DE CASO

Explorando ainda mais as possibilidades sobre um possível cenário civilizatório ou traço evolucionário desconhecido da raça humana, devemos ponderar o que há na literatura recente e com os dados mais remotos de nossas origens.

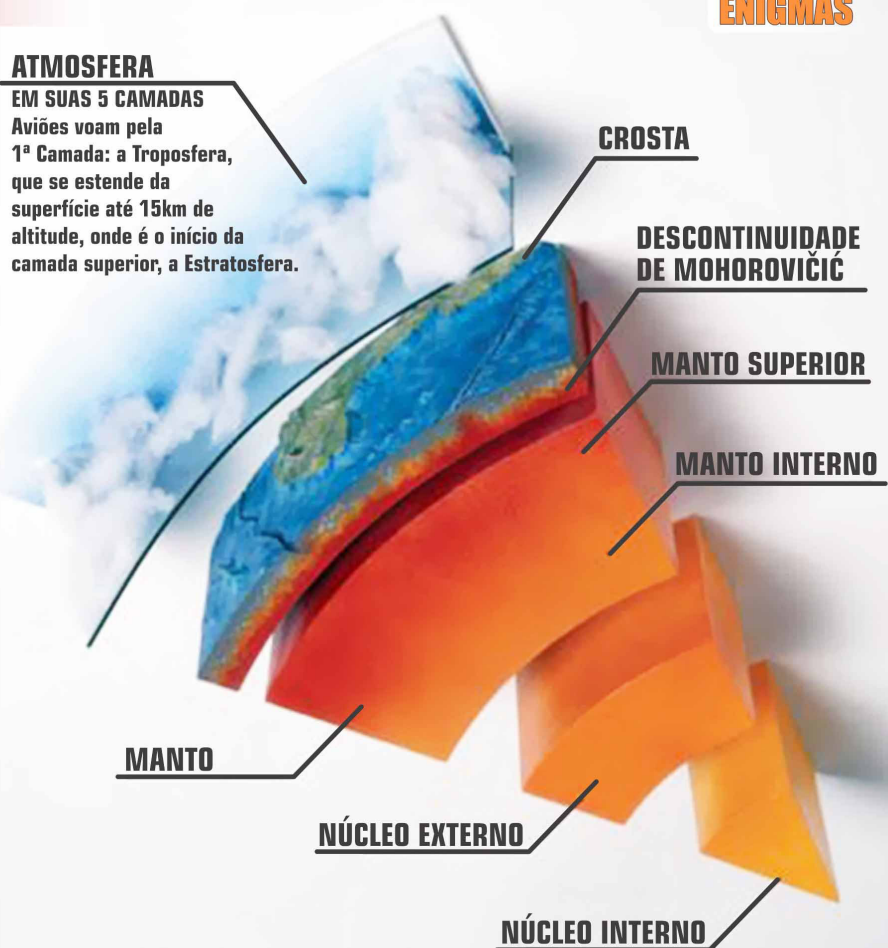
Com origem na Índia, uma lenda genuinamente antiga que antecede a própria e ancestral religião hindu, fala de uma grande ilha de beleza incomparável que há muito tempo esteve no centro de um vasto mar localizado na Ásia Central, ao norte do Himalaia dos mapas atuais. De acordo com a história, os habitantes dessa ilha eram uma raça de pessoas semelhantes aos deuses, possuíam poderes peculiares e viviam isolados em seu território cercado por água com o objetivo de não se comunicarem com o mundo exterior. Todavia, conheciam uma série de profundos túneis que se estendiam em todas as direções a partir dessa ilha, cada um com centenas e até milhares de quilômetros de comprimento, o que causava um isolamento apenas unilateral, eles iam e vinham, mas nenhum ou poucos iam do exterior até lá. Por vezes, esses túneis foram cavados por esses habitantes, mas, em outros momentos, aproveitavam-se de formações naturais para criarem interconexões. Os túneis eram imensos e tão massivos que chegavam a passar por continentes e oceanos inteiros. Nessa lenda, tal sociedade isolada teve um extraordinário índice de crescimento tecnológico, onde floresceu a ciência e as artes em uma taxa acelerada. Era também um povo de desenvolvimento pacífico, nunca ameaçado por guer-



ATMOSFERA

EM SUAS 5 CAMADAS

Aviões voam pela 1ª Camada: a Troposfera, que se estende da superfície até 15km de altitude, onde é o início da camada superior, a Estratosfera.



ras ou epidemias. Permanecendo assim, propositalmente escondidos a fim de proteger sua riqueza de conhecimento e modo de vida das calamidades que habitualmente atormentavam o mundo exterior.

Uma força catastrófica planetária foi profetizada pelos sacerdotes, e mesmo os habitantes dessa sociedade avançada, quase divina, estariam condenados a destruição se permanecessem ali. Talvez a causa dessa destruição mundial fosse uma grande enchente, ou forças espaciais afligindo a superfície terrestre com ondas solares e meteoros gigantes, talvez a inversão dos polos magnéticos ou algo de proporções épicas; a razão exata não é conhecida, mas a história conta que o povo da ilha escapou mudando sua sociedade para esses túneis, o que os levou à reclusão. Posteriormente reconstruíram sua civilização em ambiente totalmente subterrâneo, onde era

mais seguro. Essas são algumas citações de uma lenda que remonta milhares de anos, segundo os textos dos vedas. Esse reino subterrâneo não deixou vestígio de sua existência na superfície, apenas os túneis de acesso para o desconhecido, onde a maioria das entradas cederam ou desmoronaram, sumindo através das areias do tempo. Esse império perdido e mítico foi descrito e conhecido por muitos nomes, e neste texto usaremos seu nome original segundo os vedas: Agarttha. Outros nomes já foram utilizados, versões de diferentes nacionalidades, culturas e períodos da história: Agarttha, Agharti, Agarta, Asgartha e até na variante da mais popular e conhecida mitologia nórdica, com a mutação linguística para Asgaard, o reino onde os “deuses” viviam.

Na Índia, é conhecido que vários desses túneis e suas entradas ocultas sobreviveram e ainda existem nas antigas cidades,

escondidos entre as ruínas do país, tal como nas áreas de Ello- ra, Elefanta e as famosas cavernas Ajanta, bem como é clamado existirem entradas em outros países, tal como no recesso do Afeganistão, no Kush Hindu, também nomeado como Indocuche, Hindū Kūsh ou Hindukush - uma cordilheira que cobre desde o Paquistão Ocidental. Essa lenda da ilha é particularmente estranha, pois não pode ser tomada e interpretada de forma literal, uma vez que, obviamente, não há oceano ao norte do Himalaia, ao invés disso existem os desertos de Taklamakin e Gobi. No entanto, após várias expedições, tanto exploratórias quanto de alpinistas nessa região de clima árido, subindo os picos branqueados do Everest, K2, Godwin-Austen, também no Kochenjunga, foram encontrados incontáveis ossos fósseis de peixes e vida marinha remanescentes de recife de coral, também fósseis de lírios mari-

nhos espalhados pelos mais altos picos, sendo eles tão abundantes que por vezes foram registrados em fotos por alpinistas que literalmente pisavam e tropeçavam nesses achados.

De fato, é um episódio um tanto desconhecido essa parte da história dessa cadeia de montanhas conhecidas como o poderoso Himalaia, por vezes chamado de Telhado do Mundo, que já foi um dia subaquático, coberto pelo mar Tétis durante a Era Mesozoica, e que teve sua separação e posterior choque de massas continentais devido aos eventos geológicos da Deriva Continental: em resumo o que hoje conhecemos como o território da Índia colidiu com a Eurásia, onde permanece até hoje. O mar de Tétis corresponde ao proto-mediterrâneo. Não é um paralelo tão válido com o mito Hindu, pois aos olhos de um observador de um ou dois milênios atrás, os fósseis à vista testemunhados pelos nossos atuais alpinistas, podem ter levantado uma ideia errônea de que ali, num passado não tão longínquo, possa ter existido um mar ou oceano, dando suporte para a lenda que já existia da ilha divina.

Interessante ressaltar que os túneis que supostamente estendiam-se por todo o mundo, segundo os mitos hindus, são também foco de narrativas mitológicas por todo o mundo. Os Hindus são por vezes extremamente exagerados em criatividade e ultranacionalistas quando o assunto é: divindades e autoexaltação. Mas, de qualquer forma, com exageros ou não, a lenda de Agartha combina com muitas evidências de pesquisas recentes.

Fica a questão: pessoas que residem em vastas habitações subterrâneas protegidas das calamidades da superfície aparecem em tradições e culturas em vários continentes? Sim. Da Áfri-

ca à Ásia e por todas as Américas, traçando suas raízes até o início das civilizações, ou testemunhadas por homens que afirmam ter visitado, ou tido contato de alguma forma com essa civilização do plano inferior da Terra.

DECIFRANDO AGARTHA

O conceito de Agartha é enganosamente simples: um reino terrestre subterrâneo ligado a cada continente do mundo por meio de uma extensa rede de túneis. Uma investigação nada fácil para um tópico tão extenso e arcaico que é tipicamente distorcido com recentes teorias da conspiração e tentativas de *misdirection* - despistas.

Todavia, se buscarmos as fontes primárias podemos ter um resultado totalmente diferente das pesquisas rasas da atualidade feitas apenas por resultados de buscas na internet. Quanto mais antigo e original o documento, livro ou material, mais confiável é a fonte e menos distorcida é a lenda, ainda mais se estiver registrado em sua língua original.

Portanto, a resposta para a realidade de uma possível civilização subterrânea e oculta, que possa existir até os dias de hoje, permanece abrigada em documentos enigmáticos, por vezes apontados como guardados por lhamas budistas e sob os ensinamentos perdidos de um tipo de seita que tem pelo menos 300 anos de idade, o chamado "Culto a Agartha". Joseph-Alexandre Saint-Yves d'Alveydre, autor francês de grandes obras, e entre alguns livros de destaque estão, "O Arqueômetro" (1910), o precursor de publicações que envolviam Agartha no título, como a obra "O Reino de Agartha". O então, "Missão da Índia na Europa" (1886), que tem uma história interessante referente à forma que Saint-Yves trouxe ao conhecimento do mundo ocidental a teoria e mito-

logia sobre Agartha, e o mundo secreto sob nossos pés.

Ele foi autor, filósofo e ocultista francês que viveu de 1842 até 1909. Um renomado e reconhecido homem do conhecimento vasto que além de ter a concessão do título de Marquês de Saint-Yves d'Alveydre, outorgado pelo próprio Papa da época, ainda, depois de sua morte, amigos fundaram uma instituição, uma sociedade civil, em seu nome: Os Amigos de Saint Yves, a fim de divulgar suas obras e descobertas, inclusive sua mais misteriosa obra escrita foi publicada um ano após seu falecimento. Saint-Yves introduziu a ideia de Agartha para a cultura ocidental, sob aspecto quase acidental. Hoje ele é tido como uma figura enigmática e quase desconhecida do público em geral, mas no século 19 os escritos e ensinamentos deste respeitado filósofo pavimentou a fundação do que mais tarde seria dado como a tradição esotérica francesa, e isso foi em grande parte devido à sua curiosidade insaciável pelos mistérios do mundo. Talvez um uso indevido de suas constatações fez com que, o que ele comprovou, tenha se tornado esotérico conforme o tempo se passou.

Tendo ele adquirido muito conhecimento ao aprender a língua hebraica antiga para fazer uso em sua missão revolucionária de trabalho junto aos judeus, segundo amigos, Saint-Yves demonstrava-se ansioso para aprofundar sua compreensão do mundo e desbloquear segredos por meio da antiga linguagem hebraica e pela tradução direta de manuscritos que vinham parar em suas mãos. Com afinco, estava determinado a investigar mais, e para tanto precisava aprender outra língua anciã, se dedicando ao ancestral sânscrito, língua raiz de todas as línguas indo-europeias modernas.


Em 1885 ele contratou um professor que mudaria sua vida, sem saber que mais tarde esse professor viria a ser um mentor no assunto Agartha, mesmo de forma não intencional. Tal professor se autodenominava príncipe Harji Sharif, um estudioso suprimido que supostamente teria deixado a Índia após a rebelião de 1857, e se refugiara na Europa seguindo sua vida com uma loja na França vendendo pássaros e lecionando línguas orientais. Suas verdadeiras origens, no entanto, são nebulosas e há até uma hipótese de que Sharif na verdade era um Afegão e usava um pseudônimo, nova identidade para se esquivar de perseguições. De uma forma ou de outra, seus requintados manuscritos rema-

nescentes encontrados hoje na biblioteca de Sorbonne, em Paris, não deixam dúvida do conteúdo de seu conhecimento e através desses documentos ele se mostra um homem altamente erudito e instruído no que ele ensinava, e possivelmente membro da nobreza como sempre narrou ser.

Sharif ensinou Saint-Yves. No início de 1885 uma das primeiras lições que tomaria teve o nome Agartha, que intrigou o aluno que não hesitou em questionar, mas o professor ignorou-o e seguiu com o sânscrito. Tais detalhes estão presentes nos inúmeros cadernos de anotações de Saint-Yves conservados pelo seu filho adotivo, hoje parte de uma coleção.

Inclusive é dali que saiu a primeira lição de sânscrito também encontrado nos registros da biblioteca de Sorbonne: “Monsieur Marquis Saint-Yves d’Alveydre Paris de 08/06/1885 pelo professor (no sentido universitário) H. S. Baghwandas da Grande Escola Agarthiana (Agarthian School)”. Ao questionar Sharif do que se tratava essa Escola Agarthiana, as respostas foram sempre vagas e as lições sobre o sânscrito continuaram.

Aparentemente, pelos vários fragmentos de anotações de Saint-Yves sobre Agartha em seus cadernos, ele não se contentou com respostas vagas. Mesmo com suas três aulas semanais e dificuldades com a língua, ain-

TAROT ARCANANA	NUMEROLOGIA	EQUIVALÊNCIA	ALFABETO HEBREU	HEBRAICO SEFER VEZIRA	CRISTÃO JEAN-BAPTISTE PITRIS	ALFABETO ASTRAL	DERIVAÇÕES	ALFABETO VATTAN	FRAGMENTO DE ANOTAÇÕES SUPOSTAMENTE FEITAS EM VATTANIANO DE SAINT-YVES
I	1	A	א	(i)		⊥	⊥	⊥	
II	2	B	ב	⊙	⊙	⊙	⊙		
III	3	G	ג	♀	♀	♀	♀		
IV	4	D	ד	♄	♄	♄	♄		
V	5	E	ה	♃	♃	♃	♃		
VI	6	V	ו	♂	♂	♂	♂		
VII	7	Z	ז	♁	♁	♁	♁		
VIII	8	H	ח	♂	♂	♂	♂		
IX	9	T	ט	♁	♁	♁	♁		
X	10	Y	י	♃	♃	♃	♃		
XI	20	C	כ	♂	♂	♂	♂		
XII	30	L	ל	♁	♁	♁	♁		
XIII	40	M	מ	(ii)					
XIV	50	N	נ	♃	♃	♃	♃		
XV	60	S	ס	♁	♁	♁	♁		
XVI	70	OU	ש	♃	♃	♃	♃		
XVII	80	P	פ	♀	♀	♀	♀		
XVIII	90	Ts	צ	♁	♁	♁	♁		
XIX	100	K	ק	♃	♃	♃	♃		
XX	200	R	ר	♄	♄	♄	♄		
○	300	SH	ש	(iii)					
XXI	400	TH	ת	♂	♂	♂	♂		

Coletânea de estudos comparativos e anotações do então estudante e autor Joseph-Alexandre Saint-Yves, 1842 a 1909.

REVISTA ENIGMAS

*ANOTAÇÕES ORIGINAIS DO AUTOR

da destoou sua atenção ao anotar fragmentos de informações que apareciam durante as aulas e conversas informais com seu professor. Tudo registrado em sânscrito, que posteriormente foram traduzidos e continuam frases como, “A Terra Sagrada de Agartha”, “Como ele pôde partir de Agartha” e “Elementos para ritos Agarthianos para uso apenas de iniciados”.

Fica claro nos documentos e publicações que Harji falou com Saint-Yves por vezes dessa região chamada Agartha e explicou sobre seus comandantes, sobre ser uma terra de grande sabedoria e conhecimento antigo, um lugar protegido do mal externo, entre outros detalhes.

Um dos pontos mais intrigantes julgados por Saint-Yves, destaque em seu livro, foram as 22 Cartas citadas por seu professor. Um tipo de coletânea escrita em Vattanian, ou Vartanian, uma língua morta antiga e um tanto desconhecida até para estudiosos contemporâneos, mas falada e escrita fluentemente por Sharif tal como o seu francês e sânscrito. Sharif explicou ainda se trataram de documentos registrando os primórdios da civilização humana, o que teria acontecido precisamente 51.900 anos antes de Cristo segundo os textos. Época também que teria acontecido “a confusão das línguas”, ou, quando houve a mistura de dialetos e separação entre povos e evolução linguística apartada, o que levou a novos dialetos e escritas. Narrativa que se assemelhava muito com a tão conhecida história do mito da Torre de Babel. Segundo as anotações, esses textos, registros e cartas se manteriam sãos e salvos em uma das bibliotecas de Agartha.

Saint-Yves teve diversos ensinamentos indiretos sobre Agartha dados por Sharif, e com ma-

estria anotou cada detalhe do que era passado a ele, o que mais tarde compilou tudo em publicações literárias, em dois livros: “Mission de l’Inde - Mission de L’Europe En Asie” – 1886 – (Missão da Índia - Missão da Europa na Ásia, publicado no Brasil pela editora Madras em 2005).

Segundo Saint-Yves uma das entradas para Agartha estaria em algum lugar no raio de cobertura das montanhas do Himalaia, protegido pelo difícil acesso territorial, clima e uma complicada rota até a abertura principal.

Esse enorme complexo subterrâneo de cidades e população de milhões seria governado pelo soberano e pontífice conhecido como Brahâma, e outros dois de posições semelhantes: Mahatma e Mahanga. Os três líderes seriam defensores e guardiões dos conhecimentos e valores, assegurando e armazenando tudo em suas bibliotecas de pedra e registros esculpidos em pilares de rocha, também na língua materna deles, o Vittanian.

O professor Harji também expõe que em certo tempo Agartha existiu sobre a superfície, mas se recolheu ao subsolo para se proteger do que viria a ser o período Kali-Yuga, o presente ciclo da Idade das Trevas Hindu, o que cronologicamente se iniciou 3.200 a.C., ou 5.200 anos atrás. Sem dúvida, um fragmento de informação para se cruzar com a lenda Hindu do povo próspero da ilha que desapareceu junto com seu oceano, porém cronologicamente em disparidade. Interessante como certas datas e fatos se confundem com outras lendas.

Mas os registros de Saint-Yves não param por aí. Ele narra ainda sobre tecnologias que Agartha detinha, e que passaria aos humanos da superfície. O que chega a ser intrigante, pois por vezes ele esteve correto em suas previsões,

publicações de mais de 100 anos atrás, obras contendo adventos tecnológicos futuros à sua época, tal como: ferrovias, iluminação à gás e viagens aéreas (lembrando que o livro foi publicado quase 20 anos antes do primeiro avião do mundo decolar com os Irmãos Wright em dezembro de 1903 e, posteriormente, com o brasileiro Santos Dumont em setembro de 1906). Ele surpreende em uma passagem do livro quando descreve em forma de predição algo conhecido hoje pela atual tecnologia de comunicação: fibra ótica. “Caminhos elétricos, não feitos de aço, mas de vidro flexível, que não esgotam imprudentemente as reservas de carbono do planeta. Sem estrutura metálica, e mesmo assim não menos condutivo (propícia à propagação) de que algumas pragas cósmicas”.

O MAIS ANTIGO MITO DO MUNDO

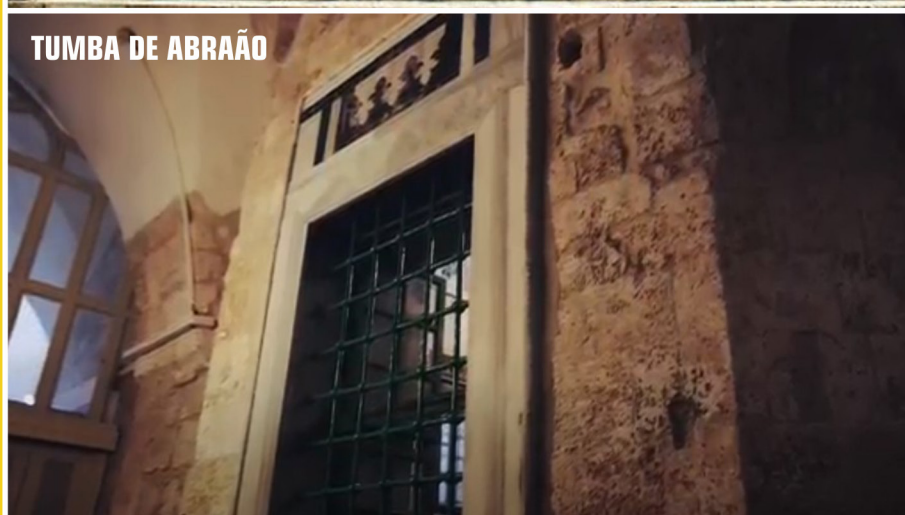
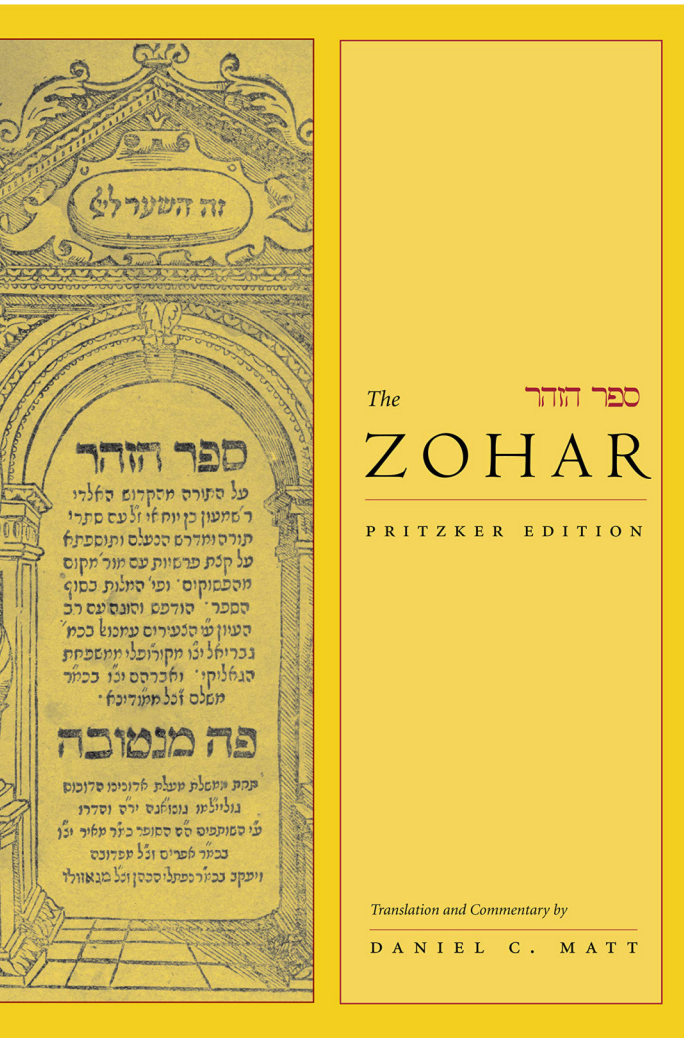
Em uma época de exploração e expansão científica, Alexandre Saint-Yves se interessou muito por Agartha. Inicialmente parecia tão estranho e bizarro, mas ao mesmo tempo apaixonante pelas possibilidades abertas, o que elevou o tópico a níveis irresistivelmente fascinantes.

Talvez essa história tenha sido uma inspiração para os fatos narrados supostamente pelo contra-almirante Richard Byrd (1888-1957), famoso piloto e herói norte-americano, em sua desbravada ao Polo Norte. Segundo um diário secreto publicado após a sua morte, Byrd, em missão, sobrevoou a larga área de gelo indo diretamente para o centro do Polo Norte geológico. E para sua surpresa, ao invés de mais neve e paisagem alva encontrou uma grande abertura no chão que podia compreender não apenas o tamanho de seu avião, mas também abarcaria manobras de retorno. Ele narra que adentrou

a abertura no chão. Ainda seguindo os registros de seu suposto diário, ele descreve que desde a entrada nessa passagem até cruzar o largo caminho, voo durante aproximados 2.700km. Pelo caminho só encontrou o inesperado, quanto mais aprofundava e sobrevoava mais as formações montanhosas se tornaram livres da neve e davam lugar a algo extraordinário, descreveu lagos, rios, vegetação verdejante e até vida animal. Admirou tudo do alto, e pode ver também animais detalhados como “monstruosos”, de grandes proporções, semelhantes a mamutes. Por fim, ele chega a uma região citada como uma cidade de certa civilização próspera. Ao chegar na cidade, foi abordado por dois aparelhos voadores desconhecido por ele, que o escoltaram até o chão. O

restante do seu suposto diário narra o encontro com os nativos: pessoas enormes, que conseguiram se fazer entendíveis, uma vez que explicaram manter registros do que acontece acima da superfície. Depois de vários outros acontecimentos dessa sua desbravada, foi escoltado para fora do local de entrada e retornou com uma história fantástica que aparentemente poderia ser uma das maiores descobertas da humanidade. O segredo momentâneo teria sido solicitado pelo alto escalão. Em seguida, uma nova missão, então, em 1956, o almirante liderou a viagem exploratória à Antártida, Polo Sul. Lá conseguiu resultados semelhantes, encontrando outra entrada e novamente indo parar em uma cidade subterrânea da mesma cultura que o recebeu

no outro encontro. Cita que viajou 3.700km até chegar em seu destino. Ele relata que chegou ao seu conhecimento a existência de outros acessos no planeta para certas cidades do subsolo. Infelizmente, como é de se esperar nesses casos, existem informações escassas sobre a autoria do diário, que pode ser um pseudônimo (nome falso do autor). Algum pesquisador da Teoria da Terra Oca pode ter se utilizado da grande reputação de Byrd para fortalecer suas ideias. Ou, pode ser que o diário realmente tenha sido escrito pelo almirante e a única forma de ocultar seu testemunho sobre as cidades subterrâneas seria desacreditando a autoria do livro, já que Byrd é um herói nacional e qualquer argumento utilizado contra ele não seria bem visto.



Santuário de Abraão, Túmulo de Abraão, Tumba de Abraão, Gruta de Machpala, Mesquita Ibrahimi: nomes empregados ao mesmo templo da cidade de Hebron, sudoeste da Cisjordânia, antiga Judeia. O nome Me-arat Hamachpelah traduzido para “O túmulo das duplas sepulturas”. Segundo a tradição judaica, lá supostamente reside as sepulturas de casais das tradições religiosas de raiz abraâmica: Adão e Eva; Abraão e Sara; Isaac e Rebeca; Jacó e Lea. 31



Estatuetas egípcias encontradas na Turquia. Destque Akhenaton.

Voltando à Saint-Yves, durante seus estudos do hebraico antigo para sua Missão de Trabalhos Judeus, ele encontrou textos que indicaram uma pista da localização da Tumba dos Patriarcas, ou como é nomeada pelos judeus a Gruta de Machpala, localizada em Hebrom, Cisjordânia, antiga Judeia, chamada pelos muçulmanos de Santuário de Abraão, ou Tumba de Abraão, ponto que se tornou um dos mais sagrados locais de peregrinação para ambas as religiões. O que é declarado de forma clara no livro “O Zohar” – inicialmente escrito em aramaico e hebraico medieval. Nele pode-se observar que o Jardim do Éden poderia ser um mundo no subsolo, paralelos até oportunos com Agartha. Há inúmeras outras culturas antigas, isoladas e que, aparentemente, nunca tiveram contato entre si, seja por separação de territórios, continentes ou oceanos, até a diferença de milênios entre as origens de um povo e outro. E, mesmo assim, ainda mostram traços de semelhança sobre as ideias de submundo e suas origens.

- Na América do Norte os nativos da região nordeste do Arizona, EUA, os navajos acreditam que seus ancestrais emergiram de um mundo subterrâneo sob as Montanhas Navajo;

- Ainda na América do Norte, em uma reserva de nativos do povo Hopi: eles têm ritos de passagem masculinos, da vida juvenil para a adulta, que envolvem adentrar em certas cavernas da região, onde apenas eles conhecem as entradas, e percorrem caminhos longos e escuros até encontrar algum artefato do povo que vive por lá, no subterrâneo, e roubar um desses itens para que o jovem prove sua coragem e use o objeto coletado em rituais posteriores. A jornada pode durar dias, e suprimentos são necessários.

- Na América Central, os astecas alegavam ser uma das sete tribos que vieram das cavernas de Astlan.

- Nos EUA, em sua porção territorial mais central, as antigas tribos do povo conhecido como Creek declararam aos primeiros exploradores que eles vieram do subterrâneo e quando a terra se abriu ao oeste eles saíram de lá;

- Na América do Norte os nativos apaches declaravam abertamente que “a terra se abriu e seus antepassados saíram de lá”. Um mito da criação que envolve a origem das pessoas a partir da vinda do subsolo, pois as suas narrativas contam também a respeito do tempo anterior a isso, e

dizem que os Homens viviam em cavernas antes de poderem ver o céu novamente. Os apaches ainda têm uma velha lenda que fala sobre uma caverna no Arizona que depois de quilômetros de percurso chega-se ao reino de habitação de uma civilização, conhecida por eles e respeitada ao mesmo tempo.

- Nos EUA, na região de Nebraska e ao norte de Kansas, reside outro povo indígena norte-americano que tem em seu mito da criação semelhança com o de seus compatriotas de outras tribos na parte norte do continente, porém com algo a mais. Os Pawnee, Paneassa, Pari ou Pariki têm em suas tradições a declaração de não apenas eles terem vindo de sob a terra, mas que de lá surgiram também os animais, ao menos os animais que faziam parte do seu habitat.

- O povo Zuni conta em suas lendas que no início todos os Homens viviam sob o solo, em grande profundidade, e seus antepassados vieram de lá, mas outros ficaram.

A lenda de Shambhala vai além de Agharta e outras tribais. Trata-se da mítica cidade que poderia ser encontrada embreado-se pelas montanhas do Himalaia, indo abaixo por passagens e cavernas labirínticas. Área de uma população que vive em paz, felicidade e harmonia, altamente civilizada que cativa pesquisadores do mundo todo. Sendo fato ou lenda, o importante é que teve uma das suas primeiras menções pelos missionários católicos João Cabral e Estêvão Cacella, que fizeram referências sobre a Cidade Perdida de Shambhala através de uma transcrição e tradução de fragmentos de documentos budistas tibetanos. Num primeiro momento, confundiram a citação com a cidade chinesa de Catai, mas se corrigiram em seguida e

POR CLÁUDIO SUENAGA

VELHA NOVA ORDEM MUNDIAL A AGENDA MILENAR OCULTA DAS SOCIEDADES SECRETAS PARA O CONTROLE TOTAL DA HUMANIDADE

Na presente situação em que se encontra o mundo, ninguém mais pode duvidar de que os grandes acontecimentos históricos não são simplesmente produtos de sucessões de acasos ou circunstâncias acidentais e fortuitas, mas adrede pensados e realizados como projetos e que, como tais, revelam intenções ocultas. Ou seja, nada é o que parece ser e tudo está de alguma forma interligado pelos interesses de uma elite “iluminada”, de um grupo de indivíduos que, acima dos governos, secretamente comanda o destino das nações e da humanidade como um todo para alcançar fins inconfessáveis. O objetivo final, o de um gerenciamento político centralizado que transcende o próprio Estado e se permite o controle total da vida das pessoas, em todos os aspectos, vai se realizando plenamente e de forma acelerada nos últimos anos, ainda mais com a pandemia de Covid-19, fabricada justamente para restringir as liberdades e implantar de vez uma ditadura autocrática. A partir de agora você irá tomar conhecimento de como a agenda de longo prazo das elites foi sendo implementada ao longo dos séculos até alcançar seu ponto culminante nesta segunda década do século XXI.

Remonta ao século 23 a.C. o relato babilônico acerca de um rei chamado Ninrode, construtor de cidades na Mesopotâmia. Em Gênesis 11:4, consta que Ninrode desejava reunir e unificar toda a humanidade em torno de si, e que para tanto mandou construir uma torre (ou zigurate) que chegasse até os céus, de maneira a que ninguém mais fosse tragado por outro dilúvio. Com a grande estatura da torre, chamada de Torre de Babel (“Confusão”), Ninrode tornou-se conhecido como “Príncipe dos Céus”. Ninrode queria encontrar-se com Deus e entender seus trabalhos. Sua torre foi, literalmente, uma escada ou portal de entrada para o Céu, uma forma de penetrar na dimensão que Deus habitava, igualando-se a Ele. Mas é claro que Deus não gostou nada daquele projeto de criação de um governo global, de uma religião e uma economia também globais, e fez confundir as linguagens e dispersar os povos. Neste mito da Torre de Babel, encontra-se o âmago do que vem sendo buscado por aqueles que há milhares de anos se autoperpetuam dinasticamente no poder e que, não satisfeitos em conduzir os destinos da humanidade, ambicionam, como finalidade última, a Apoteose, ou seja, desbançar a Deus e assumirem eles mesmos essa condição.

Em Gênesis 9:20-27, lemos como Cam (Cão ou Cham), o filho mais novo de Noé, é amaldiçoado por este por ter zombado de sua nudez enquanto estava embriagado. Da descendência de Cam, pai de Cuxe, Mizraim, Pute e Canaã, teriam surgido os povos jebuseus e cananeus (ou cananitas), bem como os caldeus, assírios, babilônicos e egípcios. Em Gênesis 10:8 consta que Cuxe (Cush, Cus ou Kush), tomou por mulher Semíramis (mencionada em Atos 19 como Diana dos Efésios), que com ele teve um filho chamado Ninrode (ou Nemrod,



A Torre de Babel, de Bruegel, o Velho (1563).

nome que vem da palavra hebraica marad, que significa “os que se rebelaram” ou “se revoltaram”). Ninrode foi a exata personificação da desobediência, agindo sempre de maneira contrária a Deus. Dentre outras cidades, Ninrode edificou Nínive e Babel, que se tornaria a Babilônia. Primeiro líder a se autointitular “deus”, Ninrode era adorado sob o epíteto de “Deus Sol”. Ninrode se tornou o primeiro humano todo-poderoso da terra, isto é, ele foi o primeiro que concebeu um plano de governo e submeteu os homens a esse governo. Ele foi um dominador, o primeiro que reduziu muitas pessoas e várias cidades a uma forma de governo da qual ele era o chefe supremo, fosse por meio da força ou da usurpação, ou pelo próprio consentimento das pessoas, por meio do engano e da persuasão.

Houve nas remotas Pré-História e Antiguidade, uma “Velha Ordem Mundial”, digamos assim, como atestam as obras e es-

truturas megalíticas de mesmo padrão e estilo espalhadas por todo o planeta, até nas ilhas mais isoladas e remotas, bem como um arcabouço comum de crenças e práticas. Tudo indica que existia uma espécie de centro de onde emanava as altas cultura e tecnologia, comandado por uma estirpe ou linhagem divina que impunha um controle rígido em termos religiosos e políticos que se não era propriamente totalitário, era de influência preponderante e majoritária.

A Babilônia era conhecida como Bâbilâni, ou “Porta dos Deuses”, o lugar onde estes desciam. Elevada à capital do Império de Hamurabi ou Hammurabi (1810-1750 a.C.), sexto rei da Primeira Dinastia, permaneceu como o centro comercial e cultural do mundo por vários séculos. Destruída pelos assírios em 689 a.C., não tardou a ser reconstruída. Os babilônios derrotaram a Assíria em 607 a.C. e ela voltou a ser a capital do império. Sob Nabuco-

donosor II (632 a.C.-562 a.C.), reviveu seus dias mais esplendurosos. Dentre as grandiosas edificações da cidade, salientavam-se o Templo de Baal, o Palácio dos Imperadores e os Jardins Suspensos (século 6 a.C.), uma das sete maravilhas do mundo antigo. Foi conquistada em 539 a.C. por Ciro II (559 a.C.-529 a.C.), da Pérsia que para tanto teve de desviar o leito do Eufrates. Em 480 a.C. foi destruída pelo rei persa Xerxes [na Bíblia, esse rei é chamado de Assuero (519 a.C.-466 a.C.)]. Alexandre Magno escolheu-a para capital de seu imenso império, iniciando a reconstrução do templo e da cidade. Após a morte de Alexandre, os selêucidas que lhe sucederam no governo da Babilônia, transferiram a capital para a nova cidade fluvial de Selêucia (a 8 quilômetros da desembocadura do rio Orontes, que corre nos territórios do Líbano, da Síria e da Turquia e deságua no Mar Mediterrâneo) e Babilônia veio a desaparecer. A palavra é algumas vezes empregada como sinônimo de babel, acepção de grande confusão e desordem. Usa-se também para designar cidades cujos costumes são dissolutos, corrompidos, tais como os da antiga Babilônia. Após a destruição de Babel, e mais tarde da Babilônia, o povo de Ninrode começou a migrar pelo mundo, conquistando outros povos e ensinando-lhes suas crenças pagãs. Da Babilônia eles vão para a Pérsia, que no século IV a.C. cai sob o domínio do Império de Alexandre III da Macedônia, o Grande (356-323 a.C.). Com isso, a Grécia começa a crescer, e Ninrode se torna Zeus. Da Grécia, Ninrode emigra para o Egito, onde se torna Osíris, que teve seu corpo esquartejado e os pedaços separados por seu irmão Set. A deusa Ísis foi quem percorreu o Egito à procura dos pedaços. O sol que Ísis conquistou com seus chifres representa a luz que ela detém ou mantém

escondido à espera de seu amado marido Osíris. No Império Romano, Ninrode se torna Saturno.

O CULTO A SATURNO

Saturno (do latim Saturnus), deus romano do tempo equivalente ao grego Cronos, com uma foice dada por sua mãe Telo (do latim Tellus), deusa da Terra (na mitologia grega era Gaia, “Terra Mater”), mutilou o pai, Urano, tomando o poder entre os deuses. Foi expulso do Céu por seu filho Júpiter (Zeus, sendo ele mesmo, portanto, pai e filho, dualidade que foi absorvida pelo cristianismo) e se refugiou no Lácio (em latim Latium, e em italiano, Lazio, região da Itália central), onde se tornou soberano e fez reinar a Idade do Ouro, cheia de paz e abundância, tendo ensinado aos homens a agricultura. Saturno teria criado divindades como Juno ou Hera e heróis fundadores como Rômulo. É representado com três aspectos distintos: deus barbudo com a foice, jovem deus solar com a cabeça ornada de raios e jovem deus lunar coroado com o crescente.

Os romanos, com receio que o deus abandonasse o seu lugar, prendiam a sua estátua com faixas de lã e não a libertavam senão quando se realizavam as Saturnais ou Saturnálias no solstício de inverno, daí a sua ligação com o signo de Capricórnio. Nessa época, ele ressuscitava por um certo tempo a Idade de Ouro, e durante uma semana todas as atividades profissionais eram suspensas – até as campanhas militares eram interrompidas – e se realizavam inúmeros banquetes, onde os cidadãos serviam seus escravos. Origem primordial de nosso Carnaval, tais festividades desembocavam em grandes orgias. O Natal, que hoje é celebrado na mesma data das Saturnálias, representava a morte e ressurreição do Sol, o Sol

Negro.

O nome Roma vem do etrusco Ro (vermelho) e Ma (Mãe). Não é à toa que os Bauers mudaram o sobrenome para Rothschilds (“Escudo Vermelho”). O vermelho é o sangue dos sacrifícios dos rituais satânicos que continuam sendo praticados intensamente, principalmente nos sabbaths, quando se bebe o sangue de bebês e crianças e da menstruação de virgens.

Cronos (que deu origem à palavra crow, em grego corone), filho do Céu (Urano) e da Terra (Gaia, Geia ou Gea), divindade grega da segunda geração de titãs, aliás, o mais jovem dentre eles, corresponde ao romano Saturno e relaciona-se com “Cronos”, o antigo demônio indiano Kroni. A pedido de sua mãe, Cronos se tornou senhor do céu castrando o pai com um golpe de foice. A partir de então, o mundo foi governado pela linhagem dos Titãs. Cronos casou com a sua irmã Reia, que lhe deu três filhas (Héstia, Deméter e Hera) e três filhos (Hades, Poseidon e Zeus).

Durante o reinado de Cronos, a humanidade viveu a sua “Idade de Ouro”. Como tinha medo de ser destronado, Cronos devorava e engolia os filhos ao nascerem. Comeu todos, exceto Zeus, Hades e Poseidon, que Reia conseguiu salvar enganando Cronos enrolando uma pedra em um pano, a qual ele engoliu sem perceber a troca. Quando Zeus cresceu, resolveu vingar-se de seu pai. Para tanto, pediu a ajuda de Métis, a Prudência, que ofereceu a Cronos uma poção mágica que o fez vomitar os filhos que tinha devorado. Zeus (Júpiter para os romanos) tornou-se o Senhor do Céu e a divindade suprema da terceira geração de deuses ao banir os Titãs e afastar o pai do trono. Segundo Homero, Zeus o prendeu com correntes no mun-

do subterrâneo, onde foi encontrado dez anos depois pelos seus irmãos, os Titãs, que intencionavam reconquistar o poder de Zeus e dos deuses do Olimpo. O símbolo astronômico do planeta Saturno é a foice do deus romano Saturno. A representação do esqueleto da morte segurando nos dedos ósseos a foice do ceifeiro, refere-se, portanto, a Saturno, o pai dos deuses, carregando a foice com a qual mutilou Urano, o seu próprio pai. As sociedades secretas juntaram o “Martelo de Thor” com a “Foice de Saturno” para formar o símbolo do comunismo do “martelo e da foice”. A foice alude igualmente à Lua crescente do culto lunar, símbolo da religião islâmica juntamente com a estrela da manhã, o planeta Vênus. A palavra Satã deriva da palavra Saturno. O “grande deus Pan”, a divindade com chifres, representava Saturno. Essa criatura, metade homem e metade bode, é considerado o ancestral de nossas representações modernas de Satanás. Pan foi retratado

com chifres devido ao fato de representar Saturno, o regente da casa de Capricórnio, cujo símbolo é uma cabra. No Tanakh (bíblia judaica), Saturno é referido pelo profeta Amós (5:26): “Não! Não foi! Carregastes sim, o vosso rei Sicute, e Quium, vosso deus-estrela, imagens idólatras que construístes para vós mesmos!”. Na literatura hebraica talmúdica, Saturno é Shabbathai, o que deu origem aos termos Shabbat, Shabbos e Sabá (Sábado, em português), o dia de descanso semanal no judaísmo, o sétimo dia após os seis dias de Criação, que é observado a partir do pôr do Sol da sexta-feira até o pôr do Sol do sábado e está ligado ao ciclo lunar. “Sabático” significa “cessar”, “descansar”. O Sábado Santo (The Holy Sabbath) é, na verdade, a adoração ao planeta Saturno, que ganhou essa reputação devido a sua órbita prolongada em torno do Sol. Se você “guarda o Sábado”, está ajudando a manter a antiga adoração a esse deus pagão. É por isso que ele é adorado no Dia

de Saturno, dia que chamamos de “Saturday” (Sábado).

O judaísmo baseia-se quase que inteiramente no culto a Saturno/Cronos/El. O termo Elohim, que na Torá é o primeiro usado em relação a divindade máxima conforme consta no Gênesis (“No princípio criou Elohim os céus e a terra”), significa “deuses”, pois “El” é o termo fenício-canaanita para deus (Saturno), ao passo que “ohim” é o complemento que o transforma no plural “deuses”.

El governava a todos do Monte Saphon e gerou muitos deuses, entre eles Baal/Hadad (que se tornaria o principal deus dos fenícios, identificado com Moloque, ao qual se sacrificavam crianças), Yam (deus do mar) e Mot (deus da morte). Seu filho Baal (palavra semítica que significa Senhor ou Lorde) se casou com Anat e derrotou os irmãos Yam e Mot, tornando-se o rei dos deuses. El foi também um deus do deserto, já que os mitos dizem que ele tinha duas esposas e que havia construído um santuário com eles e os seus novos filhos no deserto.

A prerrogativa da autoridade saturniana (El) domina por completo a cultura ocidental “judaico-greco-romana-cristã” (que a bem da verdade é suméria-babilônica-egípcia-canaanita), reafirmada no vocabulário a que constantemente fazemos uso sem nos apercebermos disso, senão vejamos. O termo para ancião ou alguém mais velho em inglês, e que denota também uma pessoa de posição mais elevada, é “Elder”. A minoria que detém o poder e subjuga o restante das pessoas compõe uma “Elite” (sendo que “ite” significa algo como “um grupo de pessoas”, assim, Elite significa “Saturno controlando e dominando um grupo de pessoas”). Quem busca ascender socialmente para compor a



Ruínas do Templo de Saturno (oito colunas à direita) em fevereiro de 2010.

“Elite” precisa necessariamente “Elegar-se”. Para ocupar um cargo político ou outro que requeira escolha, é necessário ser “Eleito”. Quem fracassa e acaba derrotado, é “Eliminado”. Fontes energéticas primárias (providas pela natureza) são convertidas em “Eletricidade”. Toda a matéria é composta por “Elementos” químicos fundamentais. Em inglês, a palavra para “feitiço” é “spell”, de “El”.

Mais do que nunca o culto a Saturno, sobre o qual estão asentadas as três grandes religiões monoteístas (judaísmo, cristianismo e islamismo), é praticado intensamente hoje em dia, muito embora, por pura ignorância e falta de discernimento, a maioria das pessoas não reconheça isso, tampouco o seu simbolismo amplamente difundido e disseminado por poderosas instituições religiosas, políticas, culturais e econômicas que como todas as máfias controladas pela elite maçônica-illuminati, funcionam à base do engano, da manipulação e da trapaça.

As religiões institucionalizadas não passam de uma mixórdia cultural, um blefe, uma versão barata das antigas religiões sumérias, babilônicas, assírias, egípcias, fenícias e persas devidamente arranjadas para enganar e manipular os rebanhos de ovelhas submissas, estúpidas, ignorantes e desinformadas. Todas provêm dessa matrix cultural canaanita que as elites souberam muito bem aproveitar para nos dominar desde a noite dos tempos.

Apesar de reconhecerem a sua associação com o Mal, as sociedades secretas consideram a veneração a Saturno necessária à prevalência de seu poder. Por esse motivo, o culto a Saturno nos é imposto diariamente de forma massiva e institucionalizada, seja

por meio da religião, da educação, da justiça, dos esportes, do comércio ou da publicidade.

O CULTO AO SOL NEGRO

Pelas suas dimensões (nove vezes maior do que a Terra) e características peculiares, o gigante Saturno é tido desde a Antiguidade como sendo o “Sol Negro”. Os povos antigos aludiam à presença de fogo, neve e gelo em Saturno e relacionavam o hexágono a este planeta, já que a estrela de Davi ou de Salomão era um símbolo do planeta Saturno. Como nossos remotos antepassados puderam elaborar a noção de que Saturno teria sido por muito tempo uma estrela, um sol, o segundo sol de nosso sistema que um dia explodiu e morreu, virando um Sol Negro [de Nekros, morto, daí o termo necromancia (evocação aos mortos)] e dando origem a seus anéis fascinantes?

Estas são questões-chave que a ciência oficial não está disposta

a encarar e que os altos membros das sociedades secretas só explicam a seletos iniciados. Saturno é o sexto planeta a partir do Sol, possui seis anéis principais e a nuvem no pólo norte descoberta pela sonda Voyager 1 no início dos anos 80, observada pelo telescópio Hubble nos anos 90 e confirmada pela sonda Cassini em 2006, tem o formato de um hexágono de seis lados. Eis aí o temido 666, o número da Besta referido no Apocalipse 13:18. O culto esotérico ao Sol Negro é baseado na ideia ou suposição de que o nosso Sol não está sozinho (ou seja, que o nosso sistema solar é um sistema binário), mas possui um companheiro que permaneceria invisível a nós por ter pouca massa e ser de brilho muito tênue ou por ser feito de matéria astral, como queriam o fundador da antroposofia Rudolf Steiner (1861-1925) e o fundador de sua própria vertente do gnosticismo Samael Aun Weor (1917-1977). Essa estrela anã



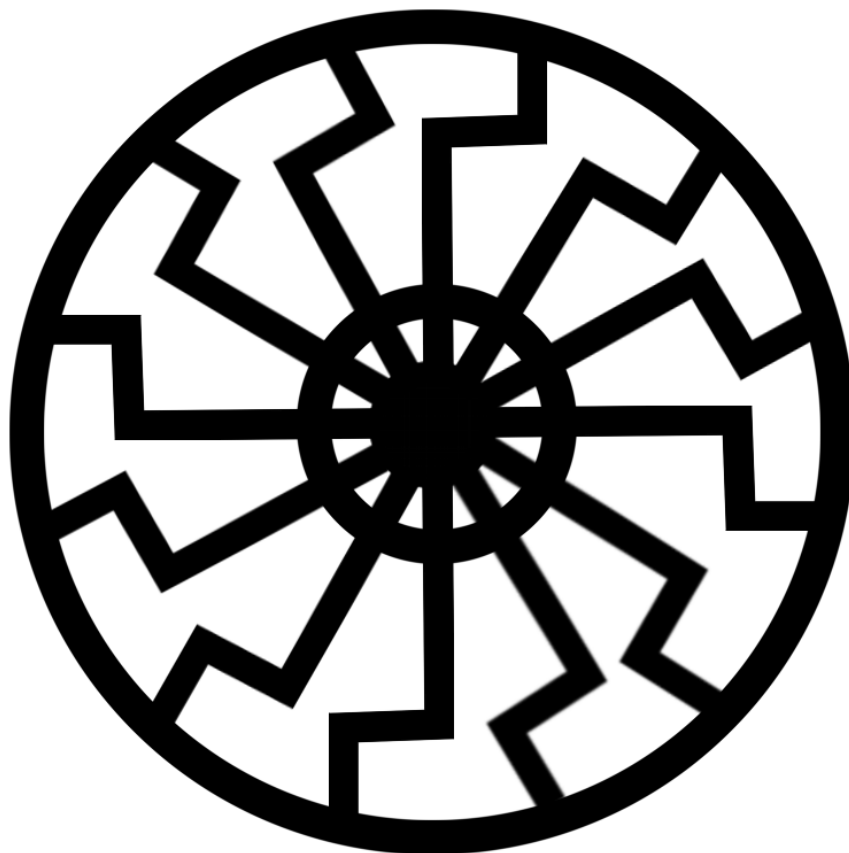
O misterioso hexágono de Saturno.

(um corpo semelhante a um planeta, mas com massa insuficiente para começar a “queimar hidrogênio” como uma estrela) companheira se moveria em uma órbita elíptica, com distância solar variando entre 90.000 UA (Unidade Astronômica, constante equivalente à distância média entre a Terra e o Sol, ou 149 milhões de quilômetros) ou 1,4 ano-luz e 20.000 UA. A cada 30 milhões de anos, essa estrela passaria através da Nuvem de Oort, e durante tal passagem, os protocometas da Nuvem seriam perturbados, o que se refletiria na Terra milhares de anos depois com o aumento dramático do risco de colisão de nosso planeta com os núcleos de um desses cometas.

O CULTO AO SOL NEGRO PELOS NAZISTAS

O Sol Negro (em alemão *Schwarze Sonne*), símbolo esotérico e ocultista do misticismo nazi em forma de roda solar com doze raios, contendo três suásticas ou doze runas de Sig inversas, marcadamente presente em mosaicos no renascentista e triangular (formato que só pode ser discernido do alto) Castelo Wewelsburg (construído entre 1603 e 1609), a nordeste da Renânia do Norte-Vestfália, perto da cidade de Paderborn, no Vale do Alme, o centro planejado da SS sob Heinrich Himmler (1900-1945), especificamente a Torre Norte, para que após a vitória final se tornasse o “Centro do Mundo” (“Zentrum der neuen Welt”). Himmler reunia-se com doze líderes das SS (os *Doze Gruppenführers*), “altos iniciados” das SS, no Castelo de Wewelsburg, e efetuava rituais tenebrosos ao redor do símbolo do Sol Negro.

O interesse dos nazistas pelo Sol Negro foi despertado pela Sociedade de Estudos para a Antiga História do Espírito (*Deutsche Ahnenerbe*), mais conhecida



O Sol Negro Nazista.

como “A Herança dos Ancestrais”, criada em 1º de julho de 1935 por Himmler, Herman Wirth (1885-1981) e Richard Walther Oscar Darré (1895-1953). Em seus primórdios, funcionou como um instituto de investigações avançadas das SS para logo se tornar independente. Os interesses dessa confraria altamente seleta giravam em torno do Santo Graal, da Atlântida, dos mundos ou reinos subterrâneos, das culturas místicas do Tibet, da yoga, dos antigos cultos pagãos, etc.

O grande líder dessa seção, depois de Himmler, foi Friederich Hielscher (1902-1990), um intelectual envolvido no Movimento Revolucionário Conservador (nome que por si mesmo evoca formidáveis estimulações contraditórias) durante a República de Weimar e na Resistência Alemã a partir do Nazismo. Ele fundou o movimento neopagão e esotérico *Unabhängige Frei-*

kirche (U FK), ou “Igreja Livre e Independente”, que liderou de 1933 até sua morte. Foi Hielscher quem impulsionou a famosa expedição nazista ao Tibet em 1938 e 39, comandada pelo zoólogo e antropólogo Ernst Schäfer (1910-1992) acompanhado por cinco sábios alemães e vinte membros das SS. Sob o lema “Encontro da suástica ocidental com a oriental”, conseguiram estabelecer contatos políticos de alto nível com o governo tibetano que se manifestaram, entre outros, na declaração oficial de amizade “*Qutuqtu de Rva-sgren*”. Foram realizados estudos raciais e um documentário foi filmado. Entre os documentos que os expedicionários levaram a Berlim, conta-se o *Kandschur*, um conjunto de sagradas escrituras tibetanas em 108 volumes, além de um ritual de iniciação guerreira tântrica do *Kalachakra*.

O objetivo - não declarado

- da missão era o de estabelecer contatos com os habitantes do mítico reino subterrâneo de Agartha ou Shamballah. Porém, em vez de contatarem os “veneráveis” mestres da Grande Fraternidade Branca, os expedicionários nazistas levaram para a capital alemã o que de pior havia no mundo: representantes do clã dos Dugpas, adoradora do Sol Negro.

O REICH DE MIL ANOS DE ADOLPH HITLER

Hitler foi não só o primeiro a proclamar o início de uma “Nova Era”, mas também o precursor na tentativa de implantação de um governo único mundial. Hitler era um ocultista e médium familiarizado com o misticismo do Oriente e com a doutrina da aristocrata russa Helena Petrovna Blavatsky (1831-1891), fundadora da Sociedade Teosófica em 1875. Consultava videntes, astrólogos e profetas e era fascinado pelo mundo dos espíritos e dos deuses germânicos. Planejava, após “limpar” a Terra, inaugurar uma Nova Era, o “Reino Milenar”, que deveria ser construído sobre fundamentos esotéricos e ocultistas. Ele chamava esse reino de “Reich de Mil Anos”, em alusão ao reino milenar que Jesus estabeleceria após limpar a terra dos pecadores (Apocalipse 20:7).

Tal qual o Movimento Nova Era, Hitler rejeitava categoricamente as tradições religiosas judaico-cristãs, mormente o judaísmo, por acreditarem em um deus único, muito embora, em princípio, ele falasse enganosamente no “cristianismo positivo”. Seu verdadeiro propósito, no entanto, era colocar-se no lugar de Deus, tal como Ninrode.

De certa forma, pode-se dizer que Hitler e os nazistas foram criados pelos Rothschilds, pois foram eles que arranjaram para que Hitler chegasse ao poder por

meio das sociedades secretas Illuminati na Alemanha, como a Sociedade Thule e a Sociedade Vril, e os financiaram por meio do Banco da Inglaterra e de outras fontes britânicas e americanas como o Banco Kuhn, Loeb & Co. (fundado em 1867 por Abraham Kuhn and Solomon Loeb), que também financiou a Revolução Russa. Em seu livro “The Mind of Adolf Hitler: The Secret Wartime Report” (A Mente de Adolf Hitler: O Relatório Secreto de Guerra), publicado em 1972, o psicanalista de Cambridge Walter Charles Langer (1899-1981), que em 1943 traçou o perfil psicológico de Hitler a pedido da OSS (Office of Strategic Services) e previu que ele se suicidaria, afirma que Hitler não só foi apoiado pelos Rothschilds, como ele mesmo era um Rothschild. Hitler também era apoiado pela Família Real Britânica, a Casa de Windsor (na verdade a Casa Alemã de Saxe-Coburgo-Gota).

O verdadeiro coração da máquina de guerra de Hitler era a gigante química IG Farben (Interessen-Gemeinschaft Farberindustrie AG, ou Associação de Interesses Indústria de Tintas SA), que tinha um braço americano que era controlado pelos Rothschilds por meio de seus laicaos, os Warburgs. O banqueiro Paul Warburg (1868-1932), que manipulou a existência do privadamente controlado “Banco Central” da América, o Federal Reserve, em 1913, estava na direção da IG americana. De fato, a IG Farben de Hitler, que controlava o campo de trabalho escravo em Auschwitz, era, na realidade, uma divisão da Standard Oil, oficialmente pertencente aos Rockefellers. Os Rothschilds também possuíam as agências de notícias alemãs durante ambas as guerras mundiais e, portanto, controlavam o fluxo de “informação” para os alemães e o mundo externo. Incidentalmente, quando as tro-

pas Aliadas entraram na Alemanha, descobriram que as fábricas da IG Farben, o verdadeiro núcleo da operação de guerra de Hitler, não tinham sido atingidas por bombardeios, assim como as fábricas da Ford – outra empresa Illuminati que apoiava Hitler. Foram os Rothschild que financiaram o desenvolvimento pela IBM de máquinas que produziam cartões perfurados – os precursores dos computadores – para que os nazistas pudessem organizar e gerir a identificação racial e social dos judeus, e, por conseguinte sua deportação, expulsão, o confisco de suas propriedades e o seu extermínio. A força por trás de Hitler, no interesse dos Illuminati, era, portanto, a Casa de Rothschild, que enquanto se fazia de protetora do povo judeu, usava e abusava deste povo para os seus próprios fins doentios. Os Rothschilds e os Illuminati tratam a massa do povo judeu e do povo em geral com profundo desprezo, já que para eles não passam de gado a ser usado para avançar a Agenda de controle global.

A onda de repugnância aos campos de concentração nazistas deu ímpeto vital à Agenda Rothschild/Illuminati. Foram eles que patrocinaram operações terroristas judias para trazer o Estado de Rothschild (Israel) à existência em 1947. Em 29 de novembro daquele ano, o controle da Palestina é transferido para a ONU (Organização das Nações Unidas), que resolve dividir a Palestina em dois Estados, o sionista e o árabe, ficando Jerusalém em uma zona internacional. A divisão é agendada para o dia 15 de maio de 1948. Naquela época, os judeus possuíam apenas 6% da Palestina. A Resolução 181, no entanto, concedeu aos judeus 57% das terras, deixando os árabes, que na época detinham 94%, com apenas 43%. O historiador britânico Simon Schama, profes-

sor na Universidade de Columbia, atesta em seu livro "Two Rothschilds and the Land of Israel" (London, Collins, 1978) que os Rothschilds adquiriram 80% das terras de Israel. Naquele ano de 1948, dois séculos depois de ter sido adotado pelos Rothschilds, o hexagrama/Estrela de Davi vermelho aparece, por imposição dos Rothschild, na bandeira de Israel, travestido em versão azul maçônica. Antigo símbolo de Saturno/Cronos, Moloque e Astaroth (o Lord Tesoureiro do Inferno), qualquer um que a partir de então acabasse morto sob a bandeira de Israel estaria servindo de sacrifício ou oferenda a Satanás. Judeus dissidentes defendem que o símbolo judeu autêntico, até por ser o mais antigo, é o Menorah, o candelabro de sete braços.

SOCIEDADE THULE

As sociedades secretas da Alemanha eram todas submetidas, de uma maneira ou de outra, à Rossbach – organização que entre 1919 e 1922 assassinou 354 pessoas –, chefiada pelo general Erich Friedrich Wilhelm Ludendorff (1865-1937) e composta principalmente por oficiais e esoteristas que mais tarde viriam a ter influência decisiva sobre Hitler. Um deles foi Ignatius Timotheus Trebitsch-Lincoln (1879-1943), aventureiro judeu-húngaro que foi missionário anglicano, abade budista na China e membro do Parlamento de Darlington, no condado de Durham, Inglaterra, e que enquanto esteve neste país foi iniciado por um tal de Harold Beckett, um ex-oficial do Exército Indiano, que lhe revela, entre outras coisas, que o mundo é governado por uma sociedade secreta composta de 72 pessoas, e lhe ensina que a única coisa a fazer é acelerar o mal existente, o caos e a miséria até o máximo: "Somente depois de chegar até o fundo da decadência



Foto da família Rotschild.

virá o tempo novo", dizia ele.

Karl Ernst Haushofer (1869-1946), natural de Munique, era um capitão de Exército influenciado por pensamentos teosóficos e rosacruceanos, fundador de lojas (Fraternidade de Vrill), e que já tinha viajado pelo Tibete, pela Mongólia e pela China, chegando a morar num convento tibetano e ser iniciado pelos monges. No Tibete conheceu e tornou-se discípulo do mestre espiritual greco-armênio Georges Ivanovich Gurdjieff (1866-1949), uma figura enigmática e uma força influente no panorama do esoterismo. Gurdjieff ensinava que os seres humanos, com raras exceções, viviam em um estado análogo ao do sonho. Para superar esse estado letárgico, deveriam despertar "acordando de si mesmos". Em 1910, Haushofer foi nomeado adido militar em Tóquio, onde foi admitido no círculo fechadíssimo dos Gelugpa (Barretes Amarelos), fundado em 1409 pelo reformador budista Tsongkhapa [cujo nome significa "Nascido no Vale da Cebola", também conhecido como Je Rinpoche e Lobsang Drapka (1357-1419)] e formado por nobres japoneses cujas ideias se assemelhavam às dos Cavaleiros Teutônicos. En-

tusiasmado com essa afinidade, ele propõe ao kaiser Guilherme que se firmasse um pacto com o Japão e assim se contrapusessem à aliança entre a Inglaterra e os Estados Unidos. Mas Guilherme temia o "perigo amarelo" e chama Haushofer de volta. Este se torna general na Primeira Guerra, lança a doutrina geopolítica – o velho sonho dos Cavaleiros Teutônicos – e ganha uma cátedra na Universidade de Munique. Haushofer defendia a necessidade de um retorno às origens começando pela conquista de toda a Europa Oriental, o Turquestão, o Gobi e, logicamente, o Tibete. A seu ver, esses países constituíam a região vital e quem a controlasse controlaria o mundo.

O colaborador mais ativo de Karl Haushofer é seu filho Albrecht (1903-1945), membro da sociedade The Hermetic Order of the Golden Dawn (A Ordem Hermética da Aurora Dourada, fundada entre 1880 e 1890 por muitas personalidades, entre elas algumas das mais eminentes da Inglaterra) e que se tornaria o principal cientista político do regime nazista, co-autor intelectual do infame Pacto Nazi-Soviético Ribbentrop-Molotov. Os membros da Golden Dawn eram

recrutados, em primeiro lugar, na Grande Loja da Franco-Maçonaria inglesa (Loja-Mãe) e na Ordem Rosacruz.

A Golden Dawn se constituía no ponto alto da Franco-Maçonaria esotérica inglesa dessa época e em seu núcleo mais íntimo e mais secreto. Entre outros membros proeminentes encontravam-se: Florence Beatrice Emery Farr (1860-1917), atriz, compositora, diretora e ativista britânica; William Butler Yeats (1865-1939), poeta e dramaturgo irlandês, ganhador do Nobel de Literatura; Abraham "Bram" Stoker (1847-1912), escritor irlandês, autor do Drácula; Gustav Meyrink [pseudônimo de G. Meyer (1868-1932)], escritor austríaco do gênero literatura fantástica, autor de O Golem e O Rosto Verde; Rudolf Steiner, escritor e filósofo, fundador da Antroposofia (uma cisão da teosofia), franco-maçom do 33º grau do rito escocês, dirigente da Sociedade Teosófica na Alemanha, grão-mestre da Ordo Templi Orientis (OTO) e grão-mestre do ramo *Mysteria Mystica Aeterna*; e Aleister Crowley (1875-1947), o mais famoso e influente ocultista do século XX, que passou, mais tarde, para a magia negra, fundador da Filosofia de Thelema (palavra grega para "Verdadeira Vontade" ou "Intenção") e franco-maçom do 33º grau do rito escocês. Crowley era colega e amigo de Walter Richard Rudolf Hess (1894-1987), por sua vez intimamente ligado a Hitler. Desse modo, Karl torna-se, por meio de seu filho Albrecht e de Hess, o cérebro por trás de Hitler. A Sociedade Geopolítica, fundada por Karl, edita um boletim diário, o *Index*, que orienta toda a política exterior do Terceiro Reich e tem em sua direção um grupo de astrólogos, médiuns e iluminados. Assim, não foi por acaso que Hitler autorizou expedições ao Tibete, que se sucederam até 1943.

Não obstante, ela na verdade servia apenas de cobertura para uma sociedade ainda mais secreta: a de Thule, fundada em 1912 pelo barão Rudolf "Freiherr" von Sebottendorff (1875-1945), discípulo de Gurdjieff, teosofista e rosacruziano, autor de livros esotéricos e influenciado pelas ideias do templário Jörg Lanz von Liebenfels (1874-1954). Sebottendorff, em viagem à Turquia, entrou em contato com iniciados drusos que afirmavam receber seus ensinamentos espirituais do "Senhor do Mundo", o Senhor de Thule ou Shambala (o governo oculto do mundo, reino dos hiperbóreos), daí o nome Thule, a lendária terra de Última Thule, uma espécie de paraíso na terra.

O centro da Irmandade ou Sociedade Thule (em alemão: Thu-

le-Gesellschaft) se encontrava em Munique, onde os membros, que pareciam apenas um grupo de eruditos que estudavam o budismo tibetano e os antigos mitos nórdicos, mas que estavam firmemente imbuídos da crença – segundo a revelação do profeta Isaias – da vinda de um Messias ("o Terceiro Sargon") que deveria trazer a glória e uma nova cultura ariana para a Alemanha, se reuniam no Hotel Vier Jahreszeiten (Quatro Estações). Já em 1914 existiam cem lojas na Alemanha; em 1919, a ordem tinha perto de mil membros.

No final de setembro de 1917, Sebottendorff encontrou-se com os membros da sociedade Os Senhores da Pedra Negra (*Die Herren von Schwarzem Stein*) no Monte Untersberg (1.972 metros



Rudolf "Freiherr" von Sebottendorff.

de altura), perto da fronteira com a Áustria, a cerca de 30 quilômetros ao sul de Salzburg e 180 quilômetros a sudeste de Munique, para receber o poder da pedra violeta-negra, nome no qual a sociedade secreta se inspirou. Os Mestres da Pedra Negra, procedentes em 1221 da Sociedade dos Templários Marcionistas e dirigidos por Hubertus Koch, tinham por meta combater o mal neste mundo e de participar da construção do “Reino da Luz de Cristo”. Essa força sombria que era preciso combater havia se manifestado no Antigo Testamento da Bíblia como sendo “Deus” por meio de Moisés e de outros “médiuns”. Sebottendorff havia encontrado resposta para sua pergunta: El Shaddai (um dos nomes hebreus para o Deus do Antigo Testamento) foi o corruptor, o adversário de Deus. Seus adeptos participavam, portanto, da destruição da Terra, da natureza, dos seres humanos. Eram os hebreus – o povo judeu.

Por outro lado, para Sebottendorff a raça dos hiperbóreos (ariana) possuía um poder oculto: “Quem o controlar poderá dominar o mundo”. Este poder seria o vril. Hitler também teve contato com a Ordem do Vril, um grupo esotérico que continua vivo até hoje na Índia, seu país de origem, onde conta com mais de dois milhões de adeptos. A palavra vril significa uma reserva formidável de energia presente no homem e da qual ele utiliza apenas uma ínfima parte. Dentro dos conhecimentos iogues, vril e kundalini significam a mesma coisa: o fogo serpentino, o terceiro logos. Os adoradores do vril veneram o Sol levantando as mãos em sua direção numa saudação semelhante à feita pelos nazistas e pelos antigos egípcios no culto a Rá, o deus sol. Os templos desse culto são decorados com uma grande variedade de cruces gamadas.

PIRÂMIDE: O FOGO CENTRAL DA NATUREZA

A quintessência celeste era chamada pelos filósofos de “fogo central da natureza”, que deu origem à palavra pirâmide, do grego *pyramis* ou *pyramidos*, ou seja, “fire in the middle”.

Grande parte das pirâmides egípcias data do Antigo Império, entre 2686 e 2181 a.C., mas algumas foram construídas durante a 11ª e 12ª Dinastias, entre 2050 e 1750 a.C., no Médio Império, quando a construção de pirâmides alcançou novo esplendor e testemunhou a persistência das antigas tradições. Todas as pirâmides do Egito foram construídas na margem oeste do Rio Nilo, na direção do Sol poente, sendo que a maior parte dos trabalhos ocorria durante os quatro meses do ano quando o Nilo estava inundado e não havia trabalho para ser feito nas fazendas.

A forma da pirâmide (palavra que vem do grego *pyr*, que quer dizer “fogo” e *amid*, que significa “no centro”, ou seja, “fogo central”) é a imitação de um vulcão, uma vez que os povos antigos, antes de adorarem os deuses, adoravam os vulcões. Por esse motivo é que até hoje certas montanhas são sagradas para vários povos – como os da Cordilheira dos Andes e do Tibet, por exemplo –, pois mesmo na ausência de erupção, a montanha mantém a forma de um vulcão. A pirâmide, portanto, é um vulcão artificial, uma montanha dotada de medidas, parâmetros e proporções especiais que lhe conferem propriedades mágicas.

No Egito, a pirâmide também simboliza a escada que conduz o faraó em direção a Rá, o deus sol, bem como evoca a petrificação dos raios benéficos do Sol. Os egípcios acreditavam que, enterrando seu rei numa pirâmide, ele se elevaria e se juntaria

ao Sol, tomando o seu lugar de direito com os deuses. As valas aos pés das pirâmides continham “barcas solares” de madeira nas quais, conforme se acreditava, o faraó navegaria pelo céu junto ao venerado deus sol. Em torno da Grande Pirâmide, há cinco covas de barcas mortuárias. Uma delas, com 43 metros de comprimento, encontrada por acaso em 1954, foi remontada e está exposta no The Solar Boat Museum no lado meridional da Pirâmide de Quéops.

A pirâmide representa a hierarquia, a base dominada pelo topo, a árdua ascensão degrau por degrau a uma etapa evolutiva superior até a conquista suprema da plenitude ou perfeição divina. É o símbolo messiânico por excelência, motivo pelo qual Cristo é levado por Satanás, quando este o tentava no deserto, ao pináculo do templo mais alto da época que não era outro do que o ápice da Pirâmide de Quéops. Pelo mesmo motivo, a pirâmide truncada tendo no seu ápex o “Olho da Providência”, o “Olho que Tudo Vê” ou o “Olho de Hórus”, o símbolo da “iluminação” luciférica para maçons e illuminatis, se encontra no verso da nota de um dólar. A imagem do selo retrata a pirâmide como símbolo do Reino da Pedra, com a Pedra Apical simbólica de Cristo, a pedra angular suspensa sobre o eixo do centro da estrutura, que fica incompleta sem ela. Porém, logicamente, o Jesus do Cristianismo nada tem a ver com o Jesus da Maçonaria. O triângulo com o olho que tudo vê para os maçons é justamente a pedra angular que rejeitaram, ou seja, Cristo, razão pela qual transformaram a pirâmide perfeita em um trapezoide, que é um símbolo de frustrações, e disfarçaram a falsa pirâmide com o triângulo e o Olho de Lúcifer, que é o verdadeiro deus da Maçonaria, a qual aliás já controlava o sistema religioso judaico no início da Era

Cristã.

O OLHO QUE TUDO VÊ: O PODER ONIPRESENTE DA MAÇONARIA

A origem exata da Maçonaria é tão misteriosa quanto ela mesma. Alguns a remontam aos mestres construtores das Pirâmides do Egito, enquanto outros aos do Templo de Salomão (cujo chefe teria sido o arquiteto fenício Hiram Abiff), e outros ainda da escola filosófica de Pitágoras.

O certo é que a moderna Maçonaria foi fundada no cabalístico dia 24 de junho (três dias depois do início do solstício de verão no Hemisfério Norte e dia de São João Batista) de 1717, quando nesta data se reuniram, em Londres, associações de arquitetos e construtores e lançaram oficialmente a associação com o novo nome de Franco-Maçonaria (do francês *Françmaçonnerie*), até então denominada “Força Misteriosa”, a primeira federação que reuniu os templos, agora transformados em lojas, sob uma obediência coletiva institucional. Por “coincidência”, exatamente 230 anos depois, no dia 24 de junho de 1947, seria inaugurada a Era Moderna dos Discos Voadores com o avistamento do piloto civil norte-americano Kenneth Arnold.

Espalhando-se pela Europa, principalmente na Alemanha, Itália e sobretudo na França, a Maçonaria fez-se mentora do liberalismo, insuflando poderosamente os movimentos do Iluminismo racionalista e do enciclopédismo e preparando o terreno para a Revolução Francesa. Condenada em numerosas bulas papais pontifícias, suas ações caracterizaram-se em muitos países por ser abertamente anticlerical, inclusive no Brasil, onde essa luta provocou na década de 1870 a famosa Questão Religiosa. Em nosso país, aliás, tanto quan-

to nos Estados Unidos, cujos pais fundadores e construtores eram quase todos maçons, a Maçonaria desempenhou papel histórico importantíssimo, tendo pertencido aos seus quadros os nomes mais relevantes do século XIX. O mesmo aconteceu nos restantes países americanos. A Maçonaria vem desde então exercendo uma influência substancial, para não dizer quase que total e absoluta na vida pública, podendo-se afirmar que sempre manteve sua antiga e importante expressão de disciplinamento e comando políticos. O símbolo maçônico do olho na pirâmide foi oficialmente colocado na cédula de um dólar americano em 1935. O responsável por incorporar o “Olho Radiante” ou “Olho que Tudo Vê” (que nada mais é do que o “Olho de Hórus” ou o “Olho de Lúcifer”) no pináculo da pirâmide inacabada ou truncada, foi o maçom do 32º grau Henry Agard Wallace (1888-1965), um socialista e teosofista que ocupava o cargo de Secretário da Agricultura na gestão do presidente Franklin Delano Roosevelt (1881-1945), igualmente maçom do 32º grau, e que mais tarde se tornaria o seu vice. Wallace relatou que “Roosevelt quando olhou para a reprodução colorida do Selo, ficou imediatamente impressionado com a representação do ‘Olho Que Tudo Vê’, uma representação maçônica do Grande Arquiteto do Universo... Roosevelt, assim como eu, era um maçom do Grau 32. Ele sugeriu que o Selo fosse colocado na cédula de um dólar”.

Os 13 degraus da pirâmide representam os 13 estados originais, bem como as 13 linhagens de sangue (bloodlines) Illuminati que governam o planeta. O ano de 1776 se refere tanto à data da Independência Americana, como à da fundação dos Illuminati da Baviera por Adam Weishaupt. As frases “Pluribus Unum”, “Annuit Coeptis” e “Novus Ordo Seclorum” significam respectivamente “Uma nação de muitos povos”, “Nossos empreendimentos têm sido bem-sucedidos” e “Nova Ordem Secular” ou “Nova Ordem Mundial”.

rum” significam respectivamente “Uma nação de muitos povos”, “Nossos empreendimentos têm sido bem-sucedidos” e “Nova Ordem Secular” ou “Nova Ordem Mundial”.

A finalidade subentendida seria a tomada do poder total e a instituição de um governo único mundial, o que requer necessariamente a destruição de todas as nações e a abolição da religião, do casamento, da família, da propriedade privada e de todas as liberdades políticas e civis. A ditadura do governo mundial é autocrata, autoconstituída por um pequeno grupo de “iluminados autoperpetuadores”.

NO UNIVERSO DE STAR TREK, O GOVERNO MUNDIAL COMEÇA EM 2113.

Um desses iluminados foi o texano Eugene Wesley “Gene” Roddenberry (1921-1991), que como maçom do grau 33 estava empenhado em cumprir à risca a Agenda de implantação da Nova Ordem Mundial, conforme foi confirmado pelos pesquisadores Robert Howard (em seu artigo “The Illuminati/Freemason Signature”) e a dupla Eric & Intukan Dubay (em seu livro “Famous Freemasons Exposed: Masonry from the Vatican to Hollywood”).

Entre tantos agentes maçons em Hollywood – a indústria de entretenimento mais poderosa e influente do planeta, seu papel era o de empreender modificações culturais profundas nas novas gerações, iniciando-as, preparando-as e doutrinando-as subliminarmente a aceitar e defender ideais panteísticos, gnósticos e socialistas. “Star Trek” (Jornada nas Estrelas), como todos sabem, sempre trouxe uma amostra lúdica daquilo que poderia vir a ser o nosso futuro, e se em muitos aspectos este vem se confirmando, é porque houve, de fato, aqueles que, imbuídos



O Olho Que Tudo Vê representado no "Vistina - La Verite", um medalhão emitido pela Loja Maçônica em Skopje, República da Macedônia.

pela filosofia e ideologia de Roddenberry, se engajassem de corpo e alma nesse ideal. Não faltam fãs a admitirem terem orientado suas vidas e seguido determinadas carreiras e profissões por inspiração direta de Star Trek, voluntária ou involuntariamente contribuindo, tanto mais se viessem a ocupar posições-chave e de destaque, para o avanço da concretização dos objetivos globais da Nova Ordem Mundial.

Na linha de tempo da história de Star Trek, continuada pelos autores que seguiram expandindo o universo de Roddenberry, o governo global, definido como "um sólido e único governo no planeta Terra", tendo a ONU à frente, foi finalmente estabelecido em 2113, no que consistiu em uma previsão até por demais precavida, uma vez que neste início de século XXI o governo global já está mais do que implantado. Basta ver que medidas e resoluções são baixadas sem qualquer discussão prévia e imediatamente acatadas por todos os países de maneira uniforme. Do alto de sua prepotência, catalisando o poder supranacional das elites, a

ONU age abertamente como um Estado supremo totalitário, um autêntico Governo Global a impor a sua agenda.

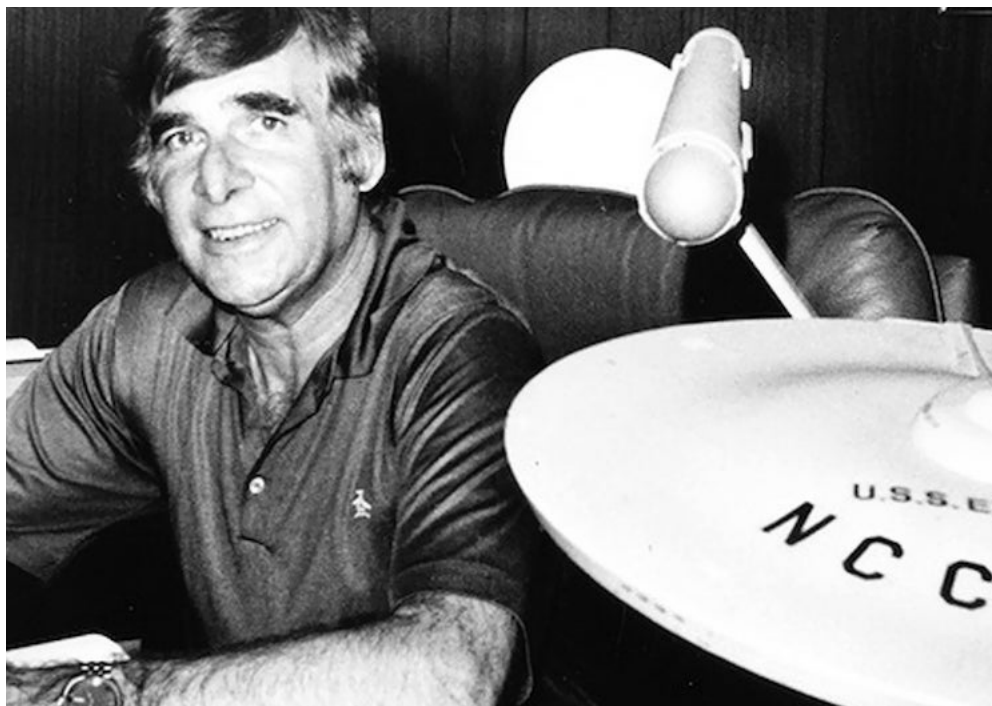
Certamente não é por motivos de mera referência ilustrativa que o emblema da Federação dos Planetas Unidos [United Federation of Planets (UFP)], na maioria das vezes chamada simplesmente de "Federação" (um Estado Federal interestelar que abriga mais de 150 planetas membros e milhares de colônias e que mantém uma agência militar e exploratória própria, a Frota Estelar) seja idêntico ao da ONU, estando inclusive circundado por uma coroa de ramos, com a única diferença de que no lugar das 33 seções (em alusão explícita aos 33 graus da Maçonaria) com os contornos das nações da Terra, estejam circunscritos os principais sistemas estelares confederados. O quartel-general da Federação fica em São Francisco (Califórnia), por sinal a mesma cidade em que a ONU foi fundada em 24 de outubro de 1945 e onde a Federação – de acordo com os cânones de Star Trek – foi fundada em 11 de outubro de 2161. A

primeira menção à existência da Federação se deu no episódio 23 da primeira temporada, levada ao ar em 23 de fevereiro de 1967, intitulado *A Taste of Armageddon* (Um Gosto de Armageddon), roteirizado por Gene L. Coon (Eugene Lee Coon, 1924-1973), baseado em argumento de Robert Edward Hamner (1928-1996). Roddenberry declarou que sua intenção era oferecer ao público uma versão futurista otimista e ideal da própria ONU, extrapolada para um organismo galáctico capaz de coordenar, promover e manter a paz, união, integração e desenvolvimento entre os planetas e seus respectivos povos.

É igualmente certo que não é por acaso que o símbolo triangular da Frota Estelar (Starfleet) apresente a mesma configuração que o da Maçonaria (o compasso em abertura no ângulo de 60º e o esquadro no de 90º), embora a definição oficial e usualmente aceita é a de que a linha crescente à esquerda represente o acréscimo de energia necessária e a linha à direita o decréscimo da eficiência dos dispositivos warp, sendo a linha inferior a energia

gasta nesse processo. O símbolo da Frota também é similar ao da base da filosofia vulcana, o IDIC (Infinitas Diversidades em Infinitas Combinações), que consiste em um círculo e um triângulo em metais prata e dourado, afixado um sobre o outro, adornado por uma joia no centro (semelhante a uma pérola) chamado de kol-ut-shan. O símbolo da filosofia IDIC é o nascer da estrela de Vulcano sobre o Monte Seleya, a montanha mais alta do planeta, e que por isso tem grande significado filosófico.

O célebre capitão James Tiberius Kirk (William Shatner) foi precedido no comando da Enterprise por Christopher R. Pike (capitão de 2251 a 2263). Obviamente, Roddenberry prestou aqui uma homenagem ao advogado, militar e escritor norte-americano Albert Pike (1809-1891), comandante máximo da Maçonaria estadunidense de 1859 a 1891 e maior líder maçom do seu tempo, senão de toda a história. Reconhecido como gênio, Pike, que falava dezesseis idiomas e obteve a patente de general de brigada do Exército Confederado na Guerra Civil dos Estados Unidos (1861-1865), causou impacto em 1871 ao publicar o monumental guia de ensino maçônico *Morals and Dogma of the Ancient and Accepted Scottish Rite of Freemasonry*. Durante seu mandato, Pike teve uma visão global de como a Nova Ordem Mundial poderia ser estabelecida e usou seu intelecto para cumprir essa visão. O Plano previa três guerras mundiais. A Primeira e a Segunda Guerra Mundial ocorreram exatamente conforme previsto. O plano prevê que o Anticristo surgirá a partir da fumaça, poeira e destruição causada por uma Terceira Guerra Mundial, que será travada entre árabes e israelenses, guerra essa que parece inevitável e sempre iminente.



Eugene Wesley "Gene" Roddenberry.

Roddenberry, por sua vez, estabelece a eclosão da Terceira Guerra Mundial para 2053, quando uma série de ataques nucleares estratégicos mata mais de 600 milhões de pessoas. A maior parte das grandes cidades são destruídas e muitas nações acabam ficando sem governo organizado. Por todo o globo, áreas sofrem o efeito devastador do inverno nuclear. Dez anos depois, porém, ainda em meio ao caos e contra todas as expectativas, Zefram Cochrane faz a primeira viagem terrestre em dobra espacial. Sua nave, a Phoenix, é construída, ironicamente, a partir de um antigo míssil nuclear Titan da Força Aérea Norte Americana em uma base militar abandonada ao norte de Montana. Uma nave de suprimentos vulcana que por acaso passava nas proximidades do sistema solar, detecta a assinatura da dobra espacial da Phoenix e muda seu curso, estabelecendo contato com Cochrane e seus companheiros. Se de um lado Star Trek acalenta as mais nobres e belas intenções e acena com um futuro luminoso, aliás como toda utopia ou ideia revolucionária em sua práxis de inversão do tempo histórico, por

outro oculta em seu âmago um substrato sombrio e tenebroso. Os próprios episódios, desde a série clássica até os seus último spin-offs, sempre fez alusões autorreferentes nesse sentido ao mostrar civilizações que aparentavam progresso, harmonia e perfeição, enganando até mesmo os tricorders e computadores de bordo, mas que, quando examinadas bem de perto, revelavam muitos daqueles problemas que se consideravam superados. O mesmo se poderia dizer em relação a todos os outros povos membros da Federação, incluindo os "terranos", que a despeito dos grandes avanços, jamais se livraram totalmente das tendências e dos impulsos destrutivos de seu passado primitivo, estando, portanto, em muitos aspectos, muito longe da perfeição. Roddenberry pretendia que o homem não só recuperasse o paraíso perdido como se tornasse, ele próprio, o próprio Deus: "Tanto quanto eu posso me concentrar sobre a questão, hoje eu acredito que eu sou Deus, certamente você também é, e eu penso que os seres inteligentes neste planeta são todos uma parte de Deus e estão se tornando Deus."

(Gene Roddenberry in “Star Trek Creator: The Authorized Biography of Gene Roddenberry”, by David Alexander, ROC Books, an imprint of Dutton Signet, a division of Penguin Books URoc, an imprint of Dutton Signet, New York, 1995, p.568.). Ou seja, eis aqui novamente a raiz mítica em Ninrode.

EARTH ALLIANCE, O GOVERNO ÚNICO MUNDI DE BABYLON 5

Outro seriado de ficção científica que antecipou a chegada de um governo único mundial foi “Babylon 5” (1994-1998), e não poderia haver um nome mais apropriado, já é uma referência tanto a Babilônia, quanto à Torre de Babel (acepção de grande confusão e desordem) e ao cabalístico número 5, sagrado entre os cátaros e de força invocatória das mais poderosas entre maçons, illuminatis e satanistas, ainda mais quando arranjado geometricamente na forma de um pentagrama (estrela de cinco pontas), de preferência invertido, o que faz atrair demônios e um campo preciso de energia luciferiana.

Criado, produzido e roteirizado por J. Michael Straczynski (1954-), “Babylon 5” foi uma série de ficção científica das mais bem elaboradas, sérias, profundas e abrangentes, a primeira do gênero a utilizar um arco multi-temporadas para toda a sua história focada em política, diplomacia, negócios, religião, filosofia, conflitos e guerras durante os anos de 2257 e 2262. O futuro projetado por “Babylon 5”, ao contrário do de “Star Trek”, é de um pessimismo atroz, com todos os nossos defeitos humanos e problemas atuais ainda presentes e irresolvidos multiplicados por cinco.

Babylon 5 é uma estação espacial (a quinta, já que as três primeiras explodiram, alvos que

foram de sabotagens, e a quarta acabou desaparecendo misteriosamente sem deixar vestígios) do tipo Colônia de O’Neill com 8 quilômetros de comprimento que gira em torno do próprio eixo para produzir gravidade artificial via força centrífuga. Sua estrutura de 2,5 milhões de toneladas inclui campos, jardins hidropônicos, um metrô que corre todo o comprimento da estação e diferentes atmosferas e níveis gravitacionais para acomodar dezenas de raças alienígenas.

“Babylon 5” concentra em cada episódio, talvez mais do que qualquer outra série já feita, uma profusão de símbolos maçônicos e illuminatis (pirâmides, Olhos de Hórus e o Sol são os mais recorrentes) com alusões à formação de um Governo Único Mundial totalitário (chamado de Earth Alliance) e de uma agência estatal de telepatas, a Psi Corps, que nada mais seria do que o Instituto Tavistock expandido a impor o controle mental à toda a população.

OS ILLUMINATI

Os Illuminati sempre se viram como os “governantes sábios do planeta”, os únicos deuses cheios de sabedoria illuminada que governam o povo profano, ignorante e imbecilizado (no que não deixam de ter certa razão).

O termo Illuminati (plural do latim *Illuminatus*, “aquele que é iluminado”) remonta a 1492, aos “alumbrados” da Espanha. Em 1527, quando estudava em Salamanca, Inácio de Loyola (1491-1556), o fundador da Companhia de Jesus, foi acusado por uma comissão eclesiástica de simpatia com os alumbrados, mas escapou apenas com uma advertência. Outros não tiveram a mesma sorte. Simpatizantes foram submetidos a chicoteamento, prisão e aos rigores da Inquisição, especialmente em Córdoba.

A Ordem dos Illuminati propriamente dita foi fundada em 1º de maio de 1776 na cidade de Ingolstadt, Baviera, atual Alemanha, por Adam Weishaupt (1748-1830), um judeu [filho do rabino Johann Georg Weishaupt (1717-1753)] convertido ao catolicismo que se tornara sacerdote jesuíta e dava aulas de direito canônico na Universidade de Ingolstadt, e pelo escritor maçom, o barão Adolph Franz Friedrich Ludwig Knigge (1752-1796), sob o patrocínio do judeu da etnia asquenazita (termo do hebraico medieval alemão ashkenaz, judeus provenientes da Europa Central e Oriental) e banqueiro Mayer Amschel Rothschild (1744-1812), filho do cunhador de moedas Moses Amschel Bauer (1710-1755), que mudou o sobrenome para Rothschild (Rotes-schild em alto-alemão antigo significa “Escudo Vermelho”, símbolo pendurado defronte a oficina em Frankfurt na qual trabalhava), iniciando a dinastia de uma das principais linhagens Illuminati do planeta.

Weishaupt infiltra-se na Ordem Maçônica Continental e estabelece a Loja do Grande Oriente como sua sede secreta. O conceito espalhou-se e é seguido pelas lojas maçônicas de todo o mundo até hoje. O objetivo dos Illuminati era o de dividir os goyim (todos os não judeus) por meios políticos, econômicos, sociais e religiosos. Os lados opostos seriam armados, incidentes seriam desencadeados para originar lutas entre si, destruir os governos nacionais, destruir as instituições religiosas e eventualmente destruírem-se uns aos outros. Ainda hoje esses “incidentes” são desencadeados exatamente para os mesmos fins. Em 1784, o governo bávaro banuiu todas as sociedades secretas, incluindo a Ordem Illuminati e a Maçonaria, uma vez que a Baviera era então dominada pela Igreja Católica



Adam Weishaupt.
geb. d. 6. Febr. 1748.

Romana. Encerrada em 1788, enquanto existiu congregou muitos políticos e intelectuais influentes (entre eles Goethe), principalmente entre os maçons.

OS ROTHSCHILDS

Mayer Amschel Rothschild diz em 1790: "Deixe-me emitir e controlar o dinheiro de uma nação que nem quero saber quem faz as leis". Em 1791, os Rothschilds obtêm o "controle do dinheiro da nação" por meio de Alexander Hamilton (1755 ou 1757-1804), o primeiro Secretário do Tesouro dos Estados Unidos e seu agente no gabinete de George Washington, ao montarem um banco central chamado de "First Bank of the United States".

O abade jesuíta Augustin

Barruél (1741-1820) publica em 1797 o seu "Mémoires Pour Servir à l'Histoire du Jacobinisme" (Memórias Ilustrativas da História do Jacobinismo), delineando uma conspiração envolvendo os Cavaleiros Templários [ordem fundada em 12 de junho de 1118 em Jerusalém pelo fidalgo francês Hugues II de Payns (1070-1136)], os Rosacruz, os Jacobinos e os Illuminati. Simultânea e independentemente, o maçom e físico escocês John Robison (1739-1805), professor de história natural na Universidade de Edimburgo, começou a publicar "Proofs of a Conspiracy Against All the Religions and Governments of Europe, Carried on in the Secret Meetings of Freemasons, Illuminati and Reading Societies" (Provas de uma Cons-

piração Contra Todas as Religiões e Governos da Europa, Exercidas nas Reuniões Secretas dos Maçons, Illuminati e Sociedades de Leitura), na qual apresentava evidências de uma conspiração dos Illuminati para substituir todas as religiões e nações com o humanismo e um governo único mundial. Barruél incluiu extensas citações ao livro de Robison em seu próprio livro e acrescentou que a Revolução Francesa foi planejada e controlada pelos Illuminati por meio dos jacobinos.

Muitos governos europeus estavam em dívida com os Rothschilds, o que foi usado por eles como uma ferramenta de negociação. No entanto, o czar Alexandre I (1777-1825) da Rússia não se submeteu a nenhum banco central dos Rothschild, fazendo fracassar o seu plano de governar o mundo. Enfurecido, Nathan jurou que um dia ele ou seus descendentes destruiriam o czar Alexander I, toda a sua família e descendentes. Infelizmente ele foi fiel às suas palavras, e passados 102 anos, Rothschild financiou os bolcheviques. Se este financiamento não tivesse ocorrido, os comunistas jamais teriam tomado o poder na Rússia, e por conseguinte a União Soviética jamais teria existido, assim como as revoluções comunistas subsequentes e a Guerra Fria. Em 1821, Carl (nascido Kalman) Mayer Rothschild (1788-1855), outro filho de Mayer Amsche, foi enviado à Itália onde acabou por fazer grandes negócios com o Vaticano. Em 1823, os Rothschilds assumem as operações financeiras da Igreja Católica em todo o mundo. No volume dois de sua monumental obra (em nove volumes) "The Life of Napoleon Buonaparte, Emperor of the French. With a Preliminary View of the French Revolution" (A Vida de Napoleão Bonaparte, Imperador dos Franceses. Com uma Visão Preliminar da Revolução

Francesa), publicada em 1827, o historiador escocês Sir Walter Scott (1771-1832) afirma que a Revolução Francesa foi planejada pelos Illuminati e financiada por cambistas da Europa (Os Rothschilds).

Benjamin Disraeli (1804-1881), escritor e político britânico de origem judaica italiana e com raízes portuguesas (sefardita) que viria a tornar-se por duas vezes primeiro-ministro britânico, publica em 1844 a novela política "Coningsby, or the New Generation", no qual caracteriza Nathan Mayer Rothschild (1777-1836) como "Senhor e mestre dos mercados financeiros do mundo e naturalmente senhor e mestre virtual de todo o resto. Monarcas e ministros de todos os países cortejaram seu conselho e foram guiados por suas sugestões". Pouco antes de sua morte, Gutle Schnapper (1753-1849), esposa de Mayer Amschel Rothschild, afirmou displicentemente: "Se meus filhos não quisessem guerras, elas não teriam ocorrido". Em 24 de fevereiro de 1848, Karl Marx (1818-1883), um judeu asquenaze, publica O Manifesto Comunista, o primeiro esboço da teoria revolucionária que, mais tarde, seria chamada marxista. Poucos sabem que na juventude, Marx havia se dedicado, com proficiência, à poesia. Em um deles, declara explicitamente que seu objetivo não é melhorar o mundo, reformá-lo ou revolucioná-lo, mas simplesmente arruiná-lo e deleitar-se com sua ruína: "Com desdém lançarei meu desafio Bem na face do mundo, E verei o colapso desse pigmeu gigante cuja queda não extinguirá meu ardor. Então vagarei semelhante a um deus, vitorioso, Pelas ruínas do mundo, E, dando às minhas palavras uma força dinâmica, Sentir-me-ei igual ao Criador". Eis Ninrode novamente. O ano de 1841 foi dos mais intensos na vida de Marx, pois afora seu

doutorado, casou-se com sua vizinha de infância Jenny von Westphalen, iniciou o magistério particular, bem como assumiu diversas funções em jornais de orientação liberal e hegeliana em Bonn e Colônia. O fato mais importante, todavia, a definir de vez seus pendores, foi a ligação que firmou com o filósofo e escritor judeu Moses Hess (1812-1875), que o fez adotar o ideal socialista. Precursor do socialismo moderno e introdutor do conceito de luta de classes, Hess trouxe Marx para uma sociedade secreta, a "Liga dos Justos", que com a adesão de Marx foi transformada na "Liga dos Comunistas" (sediada em Londres). Foi para a Liga dos Justos que Marx e Friedrich Engels (1820-1895) escreveram

o famoso Manifesto Comunista. Quem convenceu Engels a tornar-se comunista foi o mesmo Hess que antes convencera Marx. Hess foi ainda o precursor do sionismo moderno antes mesmo do jornalista e literato Theodor Herzl (1860-1904), que em 1896 publicou o panfleto Ser Judens-taat, preconizando a formação de um Estado judeu. O sionismo de Hess, porém, era de um tipo distorcido e diabólico, um sionismo racista, imposto pela luta sangüinária contra todos que não são judeus. A certa altura, ele que atribuíra às causas econômicas e à luta de classes um papel preponderante na história, passou a privilegiar as lutas raciais e entre nacionalidades. Em seu livro Roma e Jerusalém, publicado em



Nathan Mayer Rothschild (1777-1836)

1862, estabeleceu que “A luta de raças é principal, e a luta de classes secundária”. Assim, ele acendeu o estopim da luta de raças – assim como teria levado Marx a acender o estopim da luta de classes – em vez de conclamar os povos não-judeus a cooperarem para o bem comum. O objetivo dos judeus, conforme pregava, devia ser um Estado messiânico mundial de acordo com o plano divino. Essa época que Hess chama de “messiânica”, é a época da vitória da revolução socialista mundial. A nação judaica na Palestina deveria ter, dentro dessa sua concepção, um estilo de vida agrário socialista de modo a fazer com que os judeus que ali vivessem passassem por um processo de “redenção pela terra”.

Hess, o homem que influenciou Marx, Engels e Bakunin (os três fundadores, em 1864, da Associação Internacional de Trabalhadores, a Primeira Internacional), que tentou criar um sionismo anti-Deus e foi o precursor da Teologia da Revolução (em curso no Concílio Mundial de Igrejas e das novas tendências no catolicismo que falam sobre uma salvação hoje), este único e mesmo homem, que é quase um desconhecido, que nem ao menos é citado em livros de história e raramente é referido, foi o cabeça de três movimentos globalistas: o comunismo, um ramo racista e cheio de ódio do sionismo, e a teologia da revolução. É curioso que simultaneamente a Marx, o geógrafo alemão Karl Ritter (1779-1859), um dos precursores da geografia moderna e continuador do geógrafo Alexander von Humboldt (1769-1859) – lembrando que Ritter teve seus estudos universitários financiados por um banqueiro de Frankfurt que não era outro senão um Rothschild –, escrevia a antítese que formaria a base para o “Nietzscheanism” de Friedrich Nietzsche (1844-1900). Em sua

obra principal em 19 volumes “As Ciências da Terra em Relação com a Natureza e a História da Humanidade” (Die Erdkunde im Verhältniss zur Natur und zur Geschichte des Menschen), escrita entre 1817 e 1859, desenvolveu o tema da influência do meio físico na atividade humana. Sua nova concepção de geografia foi fruto de sua formação filosófica e histórica, assim como do idealismo alemão. Sua concepção de um modelo orgânico de Estado foi usada para justificar a teoria de espaço vital, que previa a eliminação de outra nação ou povo se preciso fosse para assegurar o crescimento do Estado, visto como uma “necessidade biológica”. Suas ideias foram adotadas e desenvolvidas pelo geopolítico nazista Karl Haushofer (1869-1946). O Nietzscheanism de Ritter, portanto, transformou-se mais tarde em fascismo, depois em nazismo e foi usado para instigar a Primeira e Segunda Guerra Mundiais. Marx, Ritter e Nietzsche foram financiados pelos Rothschilds e estiveram sob suas instruções. A ideia consistia em explorar as diferenças entre essas duas ideologias de forma a dividir cada vez maiores facções da humanidade e colocá-las em campos opostos. Garantida a divisão, teriam que ser armadas e induzidas a combaterem de tal forma que se destruíssem umas às outras e, em particular, todas as instituições políticas e religiosas. O mesmo plano foi apresentado por Weishaupt em 1776.

O National City Bank de Cleveland, um dos três bancos Rothschild nos Estados Unidos, forneceu a John Davison Rockefeller (1839-1937) o capital para implementar o monopólio na área de refinação de petróleo, o que levou à fundação da Standard Oil, em 1870. Foram os Rothschild que financiaram o colonizador e homem de negócios britânico Cecil Rhodes (1853-1902), um dos

principais fundadores da companhia De Beers, que atualmente detém 40% de todo o mercado mundial de diamantes, e que um dia já foi responsável por 90% dele. É de Rhodes a famosa frase: “So much to do, so little time...” (“Tanto para fazer, tão pouco tempo...”)

Os Rothschilds também utilizaram o controle do Banco da Inglaterra para substituir o método de transporte do ouro de país em país. Passaram a usar os seus bancos espalhados por toda a Europa e estabeleceram um sistema de débitos e créditos em papel: o sistema bancário de hoje. Até o final do século XIX, decorre o período de tempo conhecido como “Age of the Rothschilds” (Era dos Rothschilds), e estima-se que a família controle metade da riqueza do mundo.

O banqueiro Jacob Schiff cria em 1913 nos Estados Unidos o “Anti Defamation League” (Liga Anti-Difamação), organização milionária sempre predisposta a acusar de “antissemita” qualquer um que ouse questionar ou desafiar a conspiração global Rothschild. Coincidentemente, no mesmo ano, os Rothschild também criam o seu último e atual Banco Central nos Estados Unidos, o Federal Reserve (Reserva Federal).

A Conferência de Paz de Versalhes em 1919 também foi usada pelos Rothschilds como uma tentativa precoce de criar um governo mundial sob o pretexto de acabar com todas as guerras – que eles mesmos criam. Esse “governo mundial” foi chamado de Liga das Nações. Felizmente nem todos os países a aceitaram e ela acabou por sucumbir.

A edição dominical de 8 de fevereiro de 1920 do jornal Herald, publica um artigo do futuro primeiro-ministro inglês Winston Churchill (1874-1965), cuja mãe Jennie (Jacobson) Jerome era

uma socialite norte-americana judia, filha do financista Leonard Jerome (1817-1891), que detinha uma fortuna multimilionária. No artigo, Churchill desabafou: “Desde os dias do líder Illuminati Weishaupt, aos de Karl Marx e de Trotsky, esta conspiração mundial tem crescido. E agora, finalmente, estas personalidades extraordinárias do submundo das grandes cidades da Europa e América, dominam o povo russo pelos cabelos e tornam-se os mestres indiscutíveis do enorme império”.

O general-major conde Arthur Cherep-Spiridovich (1858-1926), um membro da velha aristocracia russa que viu o seu país dizimado pelos bolcheviques e teve de exilar-se nos Estados Unidos, em seu livro *The Secret World Government or “The Hidden Hand”* (O Governo Mundial Secreto ou “A Mão Escondida”), publicado em 1926, escreveu: “A Revolução Francesa, assim como a Revolução Russa, foi organizada e financiada pelos Rothschilds com vista a assassinar os cristãos, pilhar e obter todos os reinos. [...] Todo o banho de sangue desde 1770 foi organizado pelos Rothschilds; e como controlam 90% da imprensa mundial, esta recebeu ordens para ficar calada quanto aos seus feitos nefastos. Os Rothschilds procuram passar uma imagem omais limpa possível de si mesmos. Receiam que os cristãos deixem de ser os calados imbecis, covardes e lambedores de botas que não tomam posição. Por isso, os Rothschilds pretendem ou alegam que o seu motto é ‘Concordia, Industria, Integritas’, quando não existe nenhuma família menos íntegra do que eles e nenhuma fez mais para causar disputas sangrentas e assassinios do que estes satanistas. Os Rothschilds têm sido a fonte de todos os acontecimentos políticos e financeiros desde 1770. O seu nome deveria ser mencio-

nado em cada página da história de todos os países. Os escritores, professores e políticos que não falam deles deveriam ser considerados ingênuos, hipócritas ou criminosamente ignorantes”.

GOVERNANTES INVISÍVEIS E SOCIEDADES SECRETAS

A linha conspiratória de Barruél, Robison, Scott e Cherep-Spiridovich seria retomada no século XX pelo roteirista, produtor e diretor de teatro e cinema norte-americano Myron Coureval Fagan (1887-1972) ao acusar Weishaupt de ter ordenado que os Illuminati, financiados pelos Rothschilds e incógnitos sob vários nomes e disfarces, fomentassem as guerras coloniais a fim de enfraquecer o Império Britânico e fazer irromper a Revolução Francesa, ao mesmo tempo em que se infiltrassem nas lojas da Maçonaria Azul e formassem suas próprias sociedades secretas dentro de todas as sociedades secretas.

Ardoroso anticomunista, no final dos anos 40, antes mesmo de passar a colaborar ativamente com o Comitê de Investigação de Atividades Antiamericanas do Senado (criado em 1952), Fagan lançou uma cruzada solitária, antecipando-se ao senador Joseph McCarthy (1908-1957), contra o que ele clamava ser uma “Conspiração Vermelha em Hollywood”. Em seus boletins “Hollywood Reds are On the Run”, publicava listas com nomes de atores e outros profissionais do ramo que ele julgava estarem a serviço da subversão comunista. Entre 1967 e 1968, Fagan gravou três LPs intitulados “The Illuminati and the Council on Foreign Relations”, nos quais apontava as Nações Unidas como o ponto crucial da grande conspiração para a implantação de um governo mundial ditatorial que seria antecedida, necessariamente, pela destruição da

soberania dos Estados Unidos e de todos os governos e religiões existentes. O completo desconhecimento do público a respeito se deveria ao controle absoluto de toda a mídia, especialmente da televisão, do rádio, da imprensa e da indústria hollywoodiana pelos Illuminati.

Com a publicação em 1971 do livro “Gouvernants Invisibles et Sociétés Secretes” (Governantes Invisíveis e Sociedades Secretas), de Serge Hutin (1927-1997), as teorias da conspiração passaram a incorporar a este cerne tudo o que a mais fértil imaginação pode inventar, até mesmo histórias de alianças do governo com extraterrestres. Hutin, então um dos maiores especialistas em tradições antigas, ocultismo e sociedades secretas, mistura complôs seculares envolvendo templários, maçons, rosacruzes e organizações desconhecidas com mundos subterrâneos, seres que vivem em “planos vibracionais” diferentes de onde comandariam nossos destinos, ao mesmo tempo em que sugere que os extraterrestres é que na verdade estariam por trás de tudo, interferindo, secretamente, para que os acontecimentos tomem o rumo por eles desejado. Uma série de exemplos estarrecedores comprovaria que o destino das nações depende frequentemente das decisões de grupos de homens que não estão investidos de cargos oficiais. Sua existência nunca é pressentida até o momento em que um fato imprevisto os leva a se manifestar abertamente. Em “Saucers of the Illuminati” (Os Discos Voadores dos Illuminati), de 1995, Jim Keith, que começou escrevendo para revistas literárias de ficção científica nos anos 60, sugere por sua vez que os discos voadores são uma tecnologia terreste suprimida ou secreta que vem sendo usada pelos Illuminati para controlar e manipular as massas. As aparições de OVNI

não passariam, assim, de lances teatrais simulados por membros da comunidade secreta, um ardil psicológico para infundir o medo de uma invasão extraterrestre conforme a fórmula geopolítica sugerida em 1967 no relatório final “The Iron Mountain Report” por um grupo seletivo de experts – entre eles o economista John Kenneth Galbraith – das mais diversas áreas convocados durante o governo Kennedy e que por vários meses se reuniram secretamente na instalação subterrânea antinuclear Iron Mountain, no estado de Nova York, para responder a questão de como promover a coesão social e a união nacional em um cenário de paz, onde não houvesse guerras. Se a difusão de uma falsa invasão da Terra por uma força hostil extraterrestre não surtisse efeito, o relatório recomendava que se fomentasse o conceito de crise do meio ambiente e do crescimento populacional cuja solução demandaria a mobilização e concentração de vastos poderes governamentais como único modo de evitar a catástrofe global e levaria a população amedrontada a aceitar um estado policial, fundido confortavelmente com outros estados policiais na ONU, em um governo mundial baseado no modelo do coletivismo.

FOGO NA MENTE DOS HOMENS

O conspiracionista de maior peso e influência nos últimos quarenta anos é o scholar norte-americano Russell J. Pine, mais conhecido por Jordan Maxwell (1940-).

Versado e com amplo domínio em história das religiões, teologia, mitologia e etimologia, Maxwell vem se dedicado a desvendar os fundamentos e significados ocultos das religiões e das sociedades secretas bem antes que as teorias conspiratórias entrassem em voga nos anos 90.

Suas explanações, espalhadas em dezenas de livros, centenas de palestras, conferências, programas de rádio e documentários televisivos, incluindo três especiais de duas horas para a CBS, têm servido de inspiração para inúmeros autores – entre eles David Icke, Dan Brown e Michael Tsarion –, inclusive cineastas de Hollywood (as irmãs Wachowski, por exemplo, tiraram o nome de seu filme Matrix, de 1999, do documentário “Matrix of Power”, escrito, produzido e apresentado por Maxwell em 1989), e foram a fonte principal para o documentário “Zeitgeist”, escrito, dirigido e produzido por Peter Joseph em 2007 e que esteve no topo da lista dos vídeos mais assistidos no YouTube, com trinta milhões de acessos, bem como para o cultuado e premiado filme “The Man from Earth” (O Homem da Terra), do mesmo ano, roteirizado por Jerome Bixby [(1923-1988), mais conhecido por ter escrito os episódios “Mirror, Mirror” (1967) e “Requiem for Methusalem” (1969) para a série clássica Star Trek], dirigido por Richard Schenkman e estrelado por David Lee Smith, no papel do professor de história John Oldman.

Maxwell vê o universo permeado por uma força dinâmica elementar que pela emanção da verdade divina agiria em todos os fenômenos e se revelaria mediante um simbolismo universal. Tendo essa divina presença se revelado entre nós através de símbolos, seu entendimento requer, além do conhecimento intelectual comum fundado sobre a dispersa variedade dos saberes, um conhecimento secreto e esotérico, sine qua non para a apreensão do Todo.

A divina presença, imanente a todas as religiões e filosofias, encontra na astroteologia sua mais alta e completa manifestação. A Bíblia – “a maior história

já contada em todos os tempos” –, nessa perspectiva, não seria um livro propriamente histórico, mas essencialmente alegórico e metafórico que se exprime em linguagem astroteológica do início ao fim. Segundo Maxwell, as sociedades secretas sabem muito bem disso e nos escondem esse fato para que vivamos nas trevas da ignorância e elas na luz da sabedoria ou do esclarecimento espiritual (spiritual enlightenment).

O uso do simbolismo do Sol, evidente em todas as religiões que divinizaram esse astro, é apontado por Maxwell como o ponto-chave para o entendimento de que o mundo inteiro opera por meio de símbolos e do quanto o sagrado se encontra imbricado à política. Em seu documentário “The Dawn of a New Day” (2009), explica que o Sol nascendo entre duas montanhas representa o “alvorecer de um novo dia”, que nada mais seria do que o anúncio cifrado do advento de uma Nova Era, ou, para quem prefere o termo, de uma Nova Ordem Mundial, conjugada a chegada de um novo messias.

Uma de suas principais fontes de referência é o influente acadêmico James H. Billington, 13º bibliotecário do Congresso dos Estados Unidos (entre as Presidências de Ronald Reagan e Barack Obama) e membro do CFR, que em seu livro “Fire in the Minds of Men: Origins of the Revolutionary Faith”, de 1980, estabeleceu que o modelo mítico recorrente desde os primeiros revolucionários românticos, passando por Marx e Lênin, foi Prometeu, que roubou o fogo dos deuses para dá-lo à humanidade: “A fé prometeica dos revolucionários se assemelhava em muitos aspectos à crença geral de que a ciência moderna levaria os homens das trevas para a luz. Mas também havia a suposição



As Pedras da Geórgia: Os 10 mandamentos da Nova Ordem Mundial.

mais aguçada, milenar, de que no novo dia que estava amanhecendo, o Sol nunca se punha. Logo no início da Revolução Francesa nasceu o ‘mito solar da revolução’, o qual sugeria que o Sol estava nascendo em uma nova era em que a escuridão desapareceria para sempre. Esta imagem ficou implantada em ‘um nível de consciência que foi interpretada simultaneamente como algo real e produziu uma nova realidade’. A nova realidade que buscavam era radicalmente secular e estridentemente simples. O ideal não era a complexidade equilibrada da nova federação norte-americana, mas a simplicidade oculta de seu grande selo: um olho que tudo vê no topo de uma pirâmide sobre as palavras *Novus Ordo Seclorum*.” (New York, Basic Books, 1980, p.6.) O símbolo do Sol está presente em diversas bandeiras, brasões e insígnias, inclusive do Partido Comunista Soviético, e aparece insistentemente de ma-

neira subliminar na publicidade (em forma de logotipos e logomarcas de empresas, propagandas de produtos diversos, etc.), nas artes, nos desenhos animados, nos filmes, etc. Nascido no seio de uma família católica italiana (sua mãe trabalhou no escritório da Secretaria de Estado da Santa Sé), Maxwell vê a Nova Ordem Mundial como uma conspiração comandada pelo Vaticano em conexão com os Cavaleiros Templários, a Ordem Jesuítica, a Maçonaria e os Illuminati.

AS PEDRAS GUIAS DA GEÓRGIA COM OS 10 MANDAMENTOS DA NOVA ORDEM MUNDIAL

Estariam as sociedades secretas e os governantes ocultos do mundo planejando desencadear um Apocalipse “controlado” a fim de reduzir drasticamente a população da Terra como parte de sua Agenda da Nova Ordem Mundial?

Há um monumento no conda-

do de Elbert, Geórgia, a 72 quilômetros de Atlanta, que expõe pública e abertamente as diretrizes da Nova Ordem Mundial e confirmam a existência de uma Elite oculta por detrás dela. As Pedras Guia da Geórgia (Georgia Guidestones), também chamadas de “American Stonehenge”, foram construídas em junho de 1979 pela empresa Elberton Granite Finishing a mando de um desconhecido sob o pseudônimo de R. C. Christian. As iniciais R e C referem-se à Ordem Rosacruz, sociedade secreta que teve origem no século XIV com o mítico Christian Rosenkreuz (1378-1484), também chamado de Irmão C.R.C.

Inaugurado em 22 de março de 1980 (dia do equinócio da primavera no Hemisfério Norte, um dia sagrado para o ocultismo, o satanismo e sociedades secretas como a Skull and Bones) com a presença de cem pessoas, o monumento de 5,87 metros de altu-

ra é composto por seis pedras de granito: uma no centro com quatro pedras ao redor, em posições verticais, além de uma pedra acima das cinco, em posição horizontal. Todas as pedras juntas pesam mais de 119 toneladas e estão astronômicamente alinhadas. As quatro grandes pedras estão dispostas em uma configuração de “pás” gigantes, que são orientadas para os limites do movimento do Sol durante o decorrer do ano e também mostra as posições extremas do nascer e pôr do Sol no seu ciclo de 18,6 anos. Na coluna do centro há um furo em direção da estrela Polaris (Estrela Polar), a mais brilhante da constelação Ursa Menor, e um entalhe que se alinha com os solstícios e equinócios.

Há uma pequena mensagem no topo, escrita em quatro línguas antigas: babilônio, sânscrito, grego e hieróglifos egípcios. Há também uma tábua de instruções cravada no chão, a oeste do monumento. A tábua identifica a estrutura, características astronômicas, patrocinadores (identificados apenas como “um pequeno grupo de americanos que procuram a idade da razão”) e as línguas usadas. O mais intrigante são os dados de uma cápsula do tempo enterrada a 6 pés (1,8 metros) sob a tábua, sendo que a data para sua reabertura foi deixada em branco. Gravados em oito línguas modernas (inglês, espanhol, suaíli, hindi, hebraico, árabe, chinês e russo), “Os Dez Mandamentos da Nova Ordem Mundial” conclamam a redução drástica da população, uma nova religião, um governo mundial baseado na histeria ambientalista e no abusivo jogo de palavras que sugere harmonia, mas oferece escaravidão:

1. Manter a humanidade abaixo de 500.000.000 em per-

pétuo equilíbrio com a natureza.

**2. Controlar a re-
produção sabiamente
- aperfeiçoando as con-
dições físicas e a diversi-
dade.**

**3. Unir a humanida-
de com um novo idioma
vigente.**

**4. Controlar a paixão
- fé - tradição - e todas
as coisas com razão mo-
derada.**

**5. Proteger povos e
nações com leis e tribu-
nais justos.**

**6. Permitir que todas
as nações regulem-se
internamente, resolven-
do disputas externas em
um único tribunal mun-
dial.**

**7. Evitar leis insigni-
ficantes e governantes
desnecessários.**

**8. Equilibrar direitos
pessoais com deveres
sociais.**

**9. Valorizar a ver-
dade - beleza - amor -
procurando a harmonia
com o infinito.**

10. Não ser um câncer

***sobre a Terra - Deixar
espaço para a natureza.***

De boas intenções, diz o velho ditado, o inferno está cheio. Para que a meta de manter a humanidade abaixo de 500 milhões em perpétuo equilíbrio com a natureza seja atingida, 95% da população mundial terá de ser eliminada. Em 1988, o príncipe Philip [Filipe da Grécia e Dinamarca, duque de Edimburgo (1921-), marido da rainha Elizabeth II e consorte do Reino Unido desde 1952, aliás o consorte mais velho e de maior reinado na história da monarquia britânica] manifestou o desejo de, caso venha a reenagnar, ser “um vírus mortal” que reduza a população mundial. Bill Gates (1955-) defendeu o uso de vacinas para reduzir a população mundial enquanto falava numa conferência do TED (Tecnologia, Entretenimento e Design) em fevereiro de 2010. Para Gates, as vacinas devem ser usadas para reduzir a população da Terra, controlar o “aquecimento global” e reduzir as emissões de CO2. Gates afirma que uma maneira de alcançar o objetivo da redução de CO2 é reduzir a população humana. Assegurando que a população se dirige perigosamente à cifra dos 9 bilhões, Gates disse: “...se fizermos um trabalho realmente bom com as novas vacinas, a Saúde e os Serviços de Saúde Reprodutiva (ou seja, a indústria do aborto), poderíamos reduzir a população em talvez uns 10% ou 15%” (de 680 milhões a 1 bilhão e 20 milhões de pessoas). Logo depois, a Fundação Bill e Melinda Gates se comprometeu a doar US\$ 10 bilhões para vacinar crianças em todo o mundo.

OS APELOS POR UMA NOVA ORDEM MUNDIAL

A Nova Ordem Mundial nem sequer é uma conspiração do tipo secreta, pois desde o início do século XX os principais líderes

empresariais, políticos e religiosos do mundo vêm referindo-se constantemente a ela em seus discursos, pronunciamentos, entrevistas e artigos.

Em 1918, o presidente norte-americano Woodrow Wilson (1856-1924) pela primeira vez desenvolveu um programa de reforma progressiva nas relações internacionais e liderou a construção daquilo que se convencionou denominar de uma “Nova Ordem Mundial” por meio da Liga das Nações.

O escritor socialista fabiano inglês Herbert George Wells (1866-1946) publicava em 1928 o livro “The Open Conspiracy” (A Conspiração Aberta), que junto com “The New World Order” (A Nova Ordem Mundial), de 1940, expunha o projeto de mundo planejado que já vinha sendo implantado de forma sutil e progressiva. O presidente Franklin Delano Roosevelt usou o termo “Nova Ordem Mundial” em 27 de outubro de 1941 para referir-se ao Terceiro Reich de Hitler, que falava em inaugurar uma “Nova Ordem Mundial”.

Entre 1º e 22 de julho de 1944, 44 países aliados se reunem na Conferência de Bretton Woods, em New Hampshire, para planejar o mundo pós-guerra. Os Estados Unidos exploram a sua posição como única superpotência para criar o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Em 26 de junho de 1945, após décadas de planejamento, propaganda e manipulações políticas e financeiras, a ONU foi oficialmente lançada, tendo o espião comunista Alger Hiss (1904-1996) – que em 1947 assumiria a presidência da Fundação Carnegie para a Paz Internacional, de Nova York – como seu primeiro secretário-geral. Representantes de cinquenta países se reuniram



“Altruístas bonzinhos”, Bill e Melinda Gates.

em San Francisco para assinar a Carta da ONU. Em 28 de junho, o presidente Harry Truman discursou: “Teremos de ratificar essa Constituição (da ONU) de San Francisco... Será tão simples para as nações se entenderem em uma república do mundo quanto é para nós nos entendermos na República dos Estados Unidos”.

Por um longo período de sua vida, Truman carregou o poema Locksley Hall, escrito em 1842 pelo poeta inglês Alfred Lord Tennyson (1809-1892), em seu bolso. Lembremo-nos de suas “sóbrias” palavras: “Pois mergulhei no futuro tão profundamente quanto o olho humano consegue enxergar, e tive a Visão do mundo e das maravilhas que viriam a ocorrer... Até que os tambores de guerra não retumbassem mais e as bandeiras da batalha fossem enroladas no Parlamento do homem, na Federação do Mundo. Lá o senso comum da maioria regerá um reino inquieto em Temor, que a amável terra adormecerá, embalada pela lei universal”.

O mundo cansado da guerra já estava cego pela bem divulgada visão de um planeta em paz, “embalado pela lei universal”. Quem ousaria se opor a tão “nobre” propósito? A ONU teve as condições propícias para já nascer hipnótica: as pessoas queriam acreditar que a paz eterna seria possível se houvesse um mecanismo internacional de diálogo entre as nações. Um sem-número de falsidades envolvem a ONU.

A organização já nasceu fruto da mentira pois um dos países fundadores, a União Soviética, jamais pretendeu respeitar a Declaração dos Direitos do Homem que cinicamente aprovara. Com o nascimento da ONU nascia simultaneamente a assimetria entre o tratamento dado às nações: enquanto as democracias passaram a ser cobradas permanentemente pelo respeito aos direitos humanos, as ditaduras comunistas defendiam para si o hipócrita “princípio da autodeterminação dos povos e da não interferência em assuntos internos”. Não é por

acaso que hoje o Islã faça exatamente a mesma coisa.

Logo em seguida, no mesmo ano de 1945, a UNESCO (United Nations Educational Scientific and Cultural Organization, ou Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), uma agência especializada da ONU, sediada em Paris, foi fundada para “contribuir para a paz mundial, promovendo a cooperação internacional em educação, ciência e cultura”. Seu primeiro diretor-geral, o biólogo e escritor inglês Julian Sorell Huxley (1887-1975) – irmão do escritor Aldous Leonard Huxley (1894-1963) e amigo de Herbert George Wells (1866-1946), com quem colaborou na obra “Science of Life” –, escreveu em 1946 em seu livro UNESCO: “It’s Purpose and It’s Philosophy” (UNESCO: Seu Propósito e Sua Filosofia): “A filosofia geral da UNESCO deve ser um humanismo mundial científico, global em extensão e de fundo evolucionário [...] Em seu programa educacional ela pode familiarizar todos os povos com as implicações da transferência da soberania absoluta de nações distintas para uma organização mundial [...] A tarefa da divisão de mídia da UNESCO será promover o crescimento de uma visão de mundo comum compartilhada por todas as nações e culturas [...] para auxiliar no aparecimento de uma cultura mundial única.”

Tudo o que provém da ONU é aceito sem contestações, sejam dados estatísticos, recomendações, regulamentações e resoluções. Suas mais de 130 agências, comissões, subcomissões, delegacias, inspetorias e ministérios mundiais, não deixam escapar nada e ditam normas de conduta sobre cada aspecto de nossas vidas, atingindo níveis de burocracia jamais alcançados em nenhum lugar, nem mesmo nos países comunistas. A UNESCO é

quem determina os currículos escolares do mundo inteiro. A OMS (Organização Mundial de Saúde) é quem determina o que podemos comer, como devemos cuidar de nosso corpo e mente e que medidas sanitárias devemos adotar. A OMC (Organização Mundial do Comércio) determina como deve ser o comércio mundial.

A AIEA (Agência Internacional de Energia Atômica) determina quem pode ter armas nucleares. A UNICEF (United Nations International Children’s Emergency Fund, ou Fundo de Emergência Internacional das Nações Unidas para a Infância) estabelece as categorias nas quais temos que cuidar de nossos filhos. A FAO (Food and Agriculture Organization, ou Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura) distribui os plantios agrícolas. O complexo bancário FMI/Banco Mundial/BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) decide quais países são economicamente viáveis e quais devem falir. A ONU é tida por princípio como defensora-mor da paz e harmonia entre os homens, porém, como tudo na ONU passa necessariamente pelo Conselho de Segurança, esse princípio já fica comprometido, uma vez os cinco Membros Permanentes, com direito de veto, são os cinco maiores produtores e exportadores de armas do mundo. A ONU na verdade não trabalha pela paz, e sim pela guerra, pois quanto mais guerra mais se justifica a sua necessidade e mais se apresenta como a única solução.

Em 7 de dezembro de 1988, o então líder da União Soviética Mikhail Gorbachev, ao discursar na Assembleia Geral das Nações Unidas, formulou uma extensiva lista de ideias para criar a “Nova Ordem Mundial”, sendo a principal delas uma centralização

ainda maior de poder nas mãos ONU.

Mas o discurso que anunciou definitivamente o advento da Nova Ordem Mundial foi o do presidente norte-americano George Herbert Walker Bush (1924-2018) em 11 de setembro de 1990 (exatamente 11 anos antes, portanto, dos atentados terroristas às Torres Gêmeas do World Trade Center, este gigantesco ritual de sacrifício maçônico-Illuminati que inaugurou irreversivelmente a Nova Ordem Mundial no século XXI). “Toward a New World Order” (“Rumo a uma Nova Ordem Mundial”), lido durante uma sessão do Congresso, postulava uma nova ordem bipolar de poder, com os Estados Unidos exercendo o papel de “polícia” global, e a ONU, de juiz mundial. Em 7 de fevereiro de 1992, membros da Comunidade Europeia assinavam o Tratado de Maastricht, na Holanda, criando a União Europeia, inicialmente com 27 Estados membros, e o Euro (€), a segunda reserva de moeda do mundo. E no primeiro dia de 1994, entrava em vigor o NAFTA (North American Free Trade Agreement, ou Tratado Norte-Americano de Livre Comércio), tratado ratificado em San Antonio, Texas, pelo presidente George H.W. Bush, pelo primeiro-ministro canadense Brian Mulroney e pelo presidente do México Carlos Salina de Gortari. O novo bloco comercial trilateral trazia a América do Norte um passo mais perto de uma União Norte-Americana.

Em meados dos anos 1990, a palavra “globalização” entrou em nosso vocabulário quando foi necessário nomear o processo por meio do qual as barreiras entre os países do mundo começavam a cair. Iniciando com a formação do FMI e do Banco Mundial em 1944, as barreiras financeiras entre os países caíram; com

a criação das Nações Unidas em 1945, as barreiras políticas caíram; com o estabelecimento da OMC em 1994, as barreiras comerciais caíram; com o estabelecimento da Corte Internacional de Justiça em 1998, as barreiras jurídicas caíram; e com os ataques de 11 de setembro de 2001 contra o World Trade Center, as barreiras militares e de inteligência caíram.

O objetivo final, o de um gerenciamento político centralizado que se aproxima do controle total da vida das pessoas, em todos os aspectos, vai se realizando plenamente. O esquema não apenas destruiu a soberania das nações, mas transcendeu e absorveu o Estado, dominando sua estrutura de alto a baixo, colocando sob seu estreito controle e serviço todas as classes, todos os grupos, todos os partidos, todas as instituições e os interesses mais heterogêneos, aos quais resta apenas o papel de meros executores de ordens, resoluções e programas que já lhe chegam prontos, sem a mínima chance de serem contestados.

A concentração das decisões, das informações e dos meios coercitivos nas mãos desse aparato, do qual não conhecemos senão uma parte ínfima e só podemos perceber os efeitos pelo tremendo poder de que dispõem para imporem modificações radicais que afetam diretamente, para muito pior, nossas vidas, constitui um dos mais perfeitos sistemas de domínio jamais implementados por quaisquer regimes tirânicos e despóticos ao longo da história. E assim como todo sistema de domínio, pretende-se eterno e definitivo enquanto é considerado legítimo por grande parte da massa, que a aceita e até a defende, condicionada como sempre pela mídia e pela propaganda oficial controlada por uma elite criminosa luciferiana.

O papel dos agentes culturais e educacionais é a de manter as ovelhas iludidas e distraídas enquanto essa elite furtivamente avança em sua meta de tirania mundial.

O sistema de controle total não está plenamente estabelecido por causa da tecnologia que propicia isso às elites que, desde sempre, de uma forma ou de outra, exerceram esse controle, ainda que de modo parcial. Está plenamente estabelecido porque as pessoas incorporaram esse sistema em si mesmas, seja voluntariamente, pela própria tendência inata do ser humano em escravizar uns aos outros, seja porque tiveram suas mentes lavadas pelo sistema e se tornaram instrumentos dela, vigiando seus próximos e denunciando-os ante qualquer ato “politicamente incorreto” ou pelo simples uso de palavras que se tornaram de uso proibido, aliás, como nenhum outro regime opressor do passado ousara fazer. Em suma, estamos em pleno Big Brother, mergulhados no mais sutil, nefando, inescapável e ditatorial regime da história.

Por toda parte a rede de controles vai se estendendo, lenta e inexoravelmente, engolfando desde a economia aos últimos recintos da vida privada e até o âmago dos próprios pensamentos, ao mesmo tempo em que os mecanismos da democracia continuam em vigor, mas apenas formalmente, sem a mínima possibilidade de serem usados contra a máquina ideológica que nos esmaga. Aos que ainda se indignam e prezam pela autonomia de sua consciência, só restariam o autoexílio, o desespero, a resignação ou a tentativa quixotesca de organizar a resistência contra o estrangulamento das liberdades.

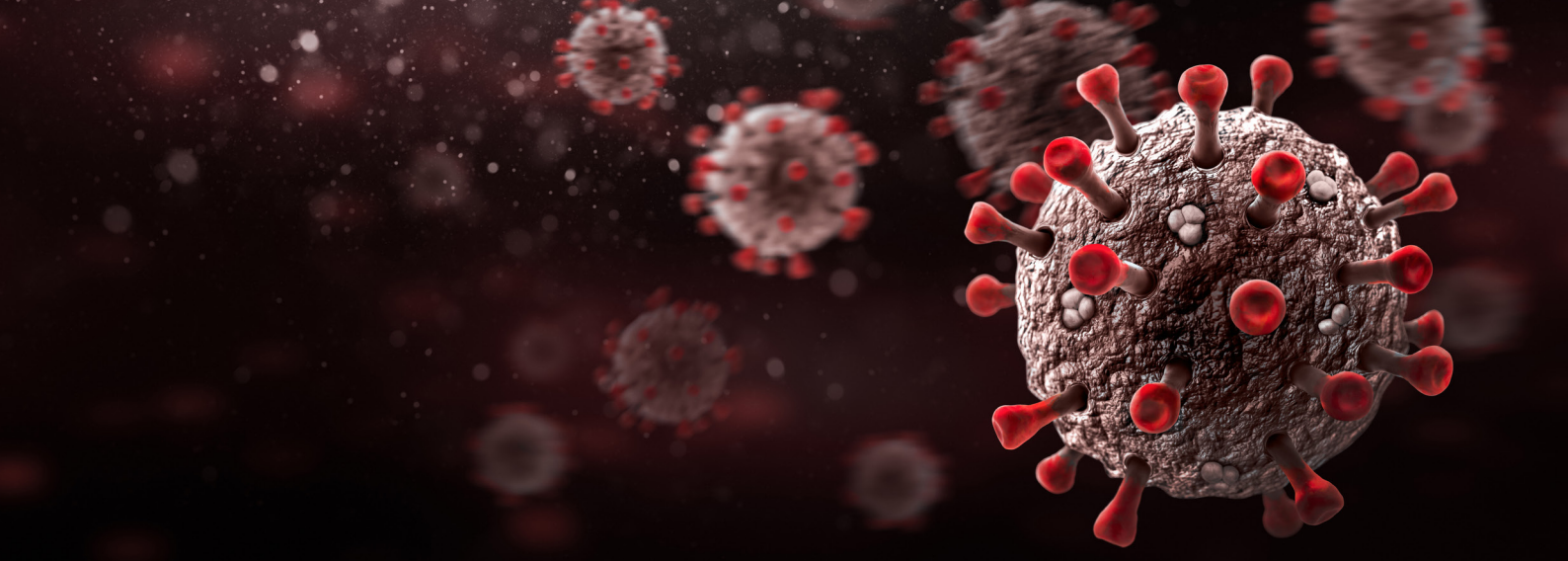
COVID-19: O NOVO NORMAL É O FIM DAS LIBERDADES

O 11 de Setembro e a crise financeira de 2008 já haviam reordenado a sociedade de maneiras dramáticas e definitivas, mormente no que tange ao incremento do nível de vigilância a que éramos submetidos. Mas agora com a Covid-19, a dimensão desse reordenamento é bem maior.

A manipulação das calamidades, sejam elas naturais ou criadas pelo próprio homem, para recriar uma sociedade ou nação, entretanto, não é algo novo. Esse tipo de ação pode ser rastreado até os tempos bíblicos, vide que José, o herói da última seção do Gênesis, fornece um exemplo impressionante do uso da “economia da crise” para transformar toda uma nação. É interessante que, apesar de tantos exemplos históricos, as pessoas continuem a negligenciar velhas táticas políticas para alterar uma cultura e, ao mesmo tempo, consolidar a riqueza nas mãos de uma elite governante.

O que estamos testemunhando com a atual pandemia é o completo fim das liberdades e o anseio, o apelo para a volta da normalidade que neste contexto significa mais controle, mais integração, mais harmonização e mais centralização. Isto significa padronização por meio da gestão tecnológica e tecnocrática e o fortalecimento da ONU com o correspondente declínio da autonomia nacional.

Nada voltará a ser como antes da Covid-19, nada voltará ao “normal”, a não ser ao “novo normal”, a uma sociedade inteiramente remodelada, com características absolutamente distintas, perpassada por novos paradigmas, totalmente controlada, sob a tirania absoluta de governos – submetidos à ONU – que podem a qualquer momento e por qualquer pretexto, como o de ris-



co à saúde pública, suspender os direitos constitucionais básicos e todos os demais direitos, como se estes não passassem de meras concessões temporárias, de favores, de cortesias. Todas as liberdades pelas quais nossos antepassados tanto lutaram por séculos para conquistá-las, frequentemente com o sacrifício de suas próprias vidas, foram abolidas da noite para o dia. A liberdade humana tal como a conhecemos acabou, es finito, e a única noção que dela remanesce é a de George Orwell (1903-1950) em 1984, a de que “liberdade é escravidão”. Poderes absolutos foram outorgados aos governos por uma população amedrontada, disposta a abdicar da liberdade em troca de segurança. A mídia transformou a Covid-19 no maior dos pesadelos ao inundar o noticiário com relatos aterrorizantes, em tom sempre melancólico e desesperador, levando, por consequência, ao clamor por medidas mais

drásticas e intimidatórias, pondo em marcha o mecanismo da “normalização da anormalidade”, vamos chamar assim, a pseudolegitimidade do poder totalitário em nome da nossa saúde, da nossa segurança... Um governo grande e forte é o que todos passaram a querer, e se aproveitando disso, até prefeitos de cidades pequenas se travestiram de ditadores e instalaram o Estado policial orwelliano, o big brother, a ponto de mandarem prender simples donas de casa de maneira arbitrária e truculenta apenas por se sentarem em um banco de praça. O arbítrio passou a ser justificado, a Polícia e outros agentes de Estado têm agora carta branca para reprimir, para negar as nossas liberdades básicas, como a de circular livremente, de dispormos do nosso próprio corpo, interditados, sob pretexto sanitário, de nos expressarmos e nos relacionarmos do modo habitual. Tudo isso está sendo feito com o

fim evidente de nos condicionar a uma nova “normalidade” (termo descarado e cínico para “normalizar” o anormal), e que inclui o de sermos vigiados permanentemente por câmeras de segurança e drones, e rastreados por aplicativos em nossos celulares. O direito básico de ir e vir, a livre circulação de pessoas, de produtos, de finanças, de bens e serviços, acabou. Nada disso existe mais. O mundo sem fronteiras está morto. O que tínhamos antes, nunca mais teremos. O colapso que estamos vendo significa perda de riquezas, de propriedades, de investimentos. É um colapso sistêmico. E pela primeira vez em séculos, não temos qualquer perspectiva de futuro. O colapso moral ocorre não por perdas materiais, e sim por falta de visão de um futuro melhor. Só vivemos isso duas vezes nos últimos dois mil anos: a primeira no século V, com o fim da velha ordem romana e o advento do feudalismo, e

a segunda no século XV, com o fim do feudalismo e o início do capitalismo. A gestão sucessiva de crises e desgraças, o alarde contínuo, vieram para ficar. O estado emergencial, os tribunais de exceção, a supressão de direitos, a restrição de liberdades, as perseguições, as multas, punições, os cortes de salários e empregos, as exigências descabidas, incumpríveis, farão parte de nossa rotina. Com o tempo, o que parecia anormal se tornará normal, o novo normal, e ninguém verá nada de estranho nisso. As crianças crescerão acostumadas com essa realidade que para elas será o normal, a qual defenderão como uma bandeira, uma nova ideologia, um novo “way of life”. Manifestações de apoio a favor de um futuro governo totalitário mundial já pululam aos montes tanto de parte de pessoas comuns como de altos políticos, a exemplo do ex-primeiro-ministro do Reino Unido Gordon Brown, que prega como solução para o combate da pandemia global de Covid-19, a formação de um governo mundial, já que “estamos perante um problema que não pode ser tratado apenas por um país” e que exige “uma resposta global coordenada”. Para o político britânico que liderou o Partido Trabalhista, é preciso que haja “ações internacionais conjuntas” neste momento de crise.

A própria população, exausta e premida pelo medo, atestam muitas pesquisas, deseja a criação de uma nova “organização supranacional para tomar decisões globais sobre as principais ameaças à humanidade”. O que as pessoas ignoram é que em um governo mundial, todas as liberdades desapareceriam e o controle e a vigilância total sobre todos os aspectos de nossas vidas seriam instalados, aliás como já está acontecendo agora, com pessoas sendo vigiadas por drones e monitoradas por celulares, presas

pela polícia apenas por sair às ruas, impedidas de trabalhar, de exercer suas atividades, etc.

Aos que têm se esmerado em negar a realidade do totalitarismo, do Estado orwelliano já instalado, e confiam cegamente no Estado e estão dispostos a entregar as poucas liberdades que ainda nos restam em troca de uma vaga promessa e esperança de “cura” e restabelecimento da normalidade, mesmo que esta jamais venha a ser a velha normalidade, senão a nova, já sem nenhuma liberdade, deixo aqui esta mensagem: O Estado nada mais é do que parte do governo oculto das sombras. Nenhum Estado do mundo trabalha para o bem de seus cidadãos, senão para cumprir os desígnios desse governo oculto. O mundo é governado pelo oculto e pelos que o cultuam e pactuam com ele. A elite ocultista e tenebrosa que tem trazido inúmeros males a este já malfadado e amaldiçoado mundo, criou a Covid-19 e pela mídia que controla, espalhou o medo e o pânico em uma população já bastante enfraquecida, fragilizada, vulnerável, suscetível e predisposta a aceitar e a acatar qualquer ordem depois das tantas e sucessivas crises e desgraças que ela mesma deflagrou nas últimas décadas.

Covid-19 é, sobretudo, uma operação psicológica global de controle mental baseada no medo para arruinar a economia, alterar radicalmente a sociedade e instaurar o controle final total sobre as pessoas. O Governo Mundial já não é mais uma teoria conspiratória: é a mais pura realidade, instalada e em pleno funcionamento, e só quem está por demais submerso no processo é que não percebe. Toda a autoridade política e moral emanada da ONU, que dita todos os cânones, todas as normas, todas as condutas e práticas, incluindo,

é claro, as medidas sanitárias a serem adotadas e seguidas uniformemente, e até mesmo o que as pessoas podem falar. A mídia cumpre o seu papel de porta-voz, apenas, acostumando a população a tomar como certo tudo que a ONU ordena e determina. Tudo que de lá vem é bom, por princípio! Pois não é de lá que vem a “paz e a harmonia” entre os homens? Não queria que nada daquilo que eu e muitos outros conspiracionistas já vinham alertando há décadas acontecesse de fato. Mas infelizmente, como disse, as coisas estão se cumprindo à risca conforme a agenda da Nova Ordem Mundial. Estamos, em suma, perante a implantação final de um totalitarismo perto do qual os métodos implementados por ditaduras do passado serão considerados “primitivos”. Vivemos em uma época em que as informações são consideradas centrais para a manutenção do poder político e econômico, o que coloca a abrangência das operações psicológicas muito além das aplicações exclusivamente militares.

Quanto mais pessoas tomarem consciência disso tudo e quanto mais cedo reagirem (não com violência, mas simplesmente se recusando a serem instrumentalizados pela Nova Ordem Mundial), maior será a nossa força e reserva moral e por conseguinte maior será a verdadeira resistência. Se não podemos salvar todas as pessoas, nem talvez aquelas que mais amamos, seja por serem incapazes de entender ou por não quererem entender e estão assim dispostas a irem ao matadouro, salvemos pelo menos aquelas que possamos salvar, que querem entender e que venham a nos ajudar a tomar medidas efetivas.



Cláudio Suenaga

ILLUMINATI

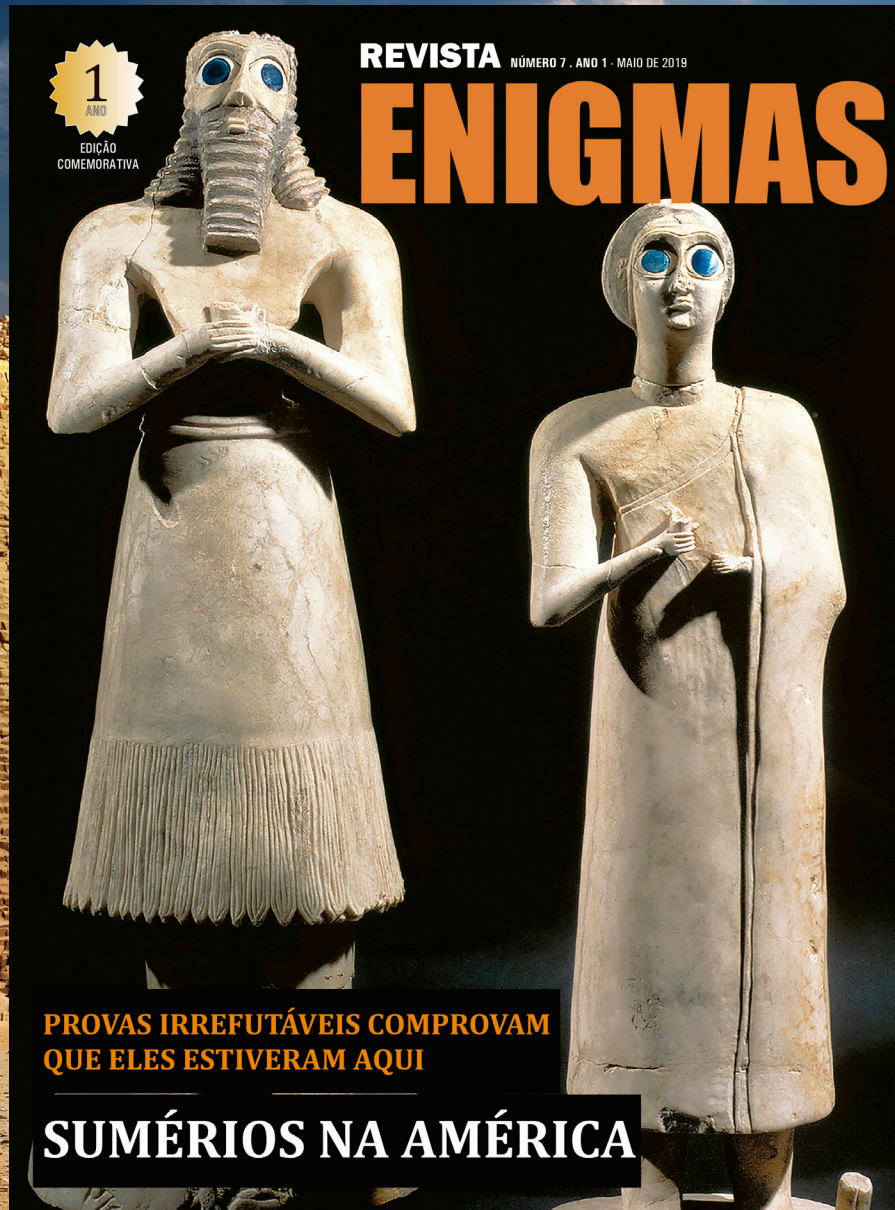
A genealogia do Mal



**Os pedidos podem ser feitos diretamente
para a Editora Bira Câmara pelo e-mail: jornalivros@gmail.com.**

**ONU Clube de Roma BOHEMIAN GROVE NASA CFR LUCIS TRUST MK ULTRA
SKULL AND BONES Round Table BANCO MUNDIAL Comissão Trilateral
Sociedade Fabiana Burschenschaft UNESCO Fundação Rockefeller
Novus Ordo Seclorum Royal Institute of International Affairs
Council on Foreign Relations Clube de Bilderberg Ordo Illuminatorum**

A HISTÓRIA DA HUMANIDADE COMO VOCÊ NUNCA VIU



1
ANO
EDIÇÃO
COMEMORATIVA

REVISTA NÚMERO 7 . ANO 1 - MAIO DE 2019

ENIGMAS

PROVAS IRREFUTÁVEIS COMPROVAM
QUE ELES ESTIVERAM AQUI

SUMÉRIOS NA AMÉRICA

ANUNCIE AGORA NA REVISTA ENIGMAS
CONTATO@REVISTAENIGMAS.COM.BR

POR JÚNIA CAETANO

OS DEUSES DA SUMÉRIA E AS ERAS ASTROLÓGICAS

Os sumérios acreditavam em “deuses que vieram do céu, antes das coisas terem sido criadas”. Entre os rios Tigre e Eufrates floresceu a Mesopotâmia, terras de conflitos desde a época em que os deuses conviviam com os homens na Terra. Dentre tantas coisas que os sumérios nos deixaram, como a escrita, matemática, uso do betume, as práticas medicinais, assim foi com a leitura do céu, que era feita por sacerdotes astrônomos-astrólogos, que aprenderam com “aqueles que vieram à Terra”.

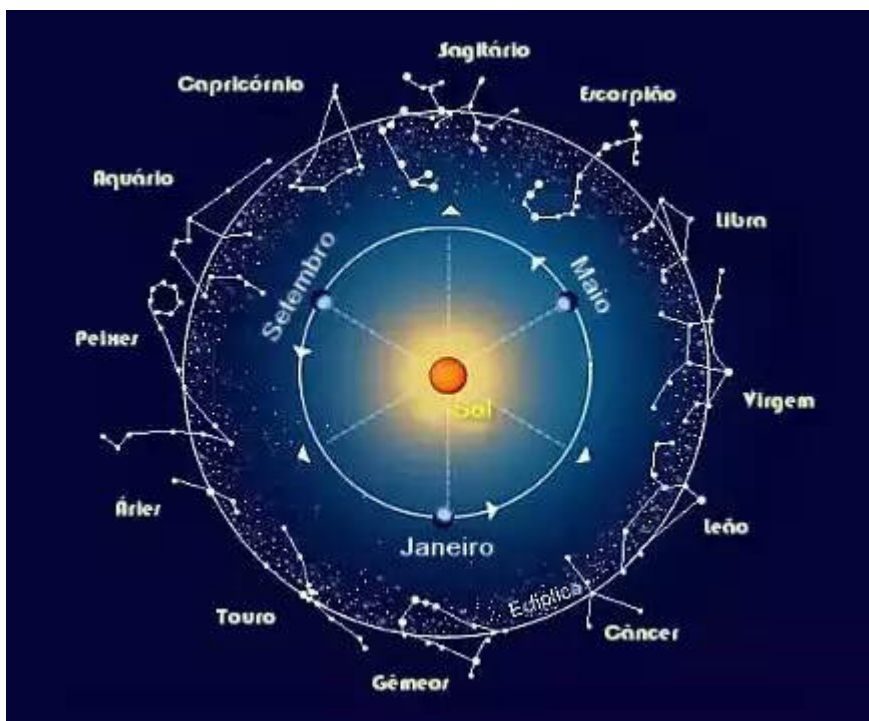


Os sumérios aprenderam com “aqueles de quem veio a Terra”.

Levando a sério os sonhos-visões e os presságios celestes, faziam distinção entre Sorte – “Nam-tar” – e Destino – “Nam”, e, ainda que o destino já tivesse sido escrito, eles jogavam com a sorte. Cada um dos deuses tinha um signo/epíteto/era zodiacal correspondente e a regra para trocarem o bastão do comando acontecia a cada mudança de Era, quando cada Deus e seu clã assumia a sua época; contudo nada era suave quando se tratava de alternar poderes e domínios, já que os irmãos Ea/Enki e Enlil viviam em rivalidade.

A ESTRUTURA DO TEMPO

Foi Enki quem primeiro agrupou as estrelas observáveis da Terra em constelações e dividiu o céu em 12 partes – este número era aplicado a “qualquer assunto celestial que afetasse a ligação Céu/Terra”, o Dur.An.Ki., e delineou o Círculo Zodiacal de 360° que chamavam de Dub, “a circunferência do mundo”. A contagem do tempo 12:60 veio através da “combinação de um 10 mundano com um 6 celestial”, para obter o número base de 60: o sistema sexagesimal. Temos 12 horas do dia e 12 horas da noite, sendo que uma hora equivale a 60 minutos. A rígida aderência ao número 12, emulando as 12 casas do Zodíaco, está presente na passagem conhecida como “Profecia de Jacó”, quando ele antes de morrer reuniu seus filhos para abençoá-los e predizer o futuro das 12 tribos. As últimas palavras do patriarca começam comparando o filho mais velho, Rubem, com Az — a constelação zodiacal do Carneiro. Simão e Levi foram colocados juntos como Gêmeos; por haverem matado muitos homens para vingar o estupro de sua irmã, Jacó profetizara que ficariam dispersos entre as outras tribos e desistiriam de seus próprios domínios. Judá foi comparado a um leão, e



O Tempo Celeste: As 12 Eras Astrológicas.

foi previsto que carregaria o centro real — uma previsão do reinado da Judeia. Zabulão foi visto como um Andarilho dos Mares (Peixes), o que realmente aconteceu. Os últimos foram os filhos de Raquel: José foi descrito como o arqueiro (Sagitário); e Benjamim — tendo substituído sua irmã, Diná (Virgem) — foi descrito como um predador que se alimenta de outros (Leão).

A CONTAGEM DOS TRÊS TEMPOS: O CELESTE, O TERRESTRE E O DIVINO

O Tempo Celeste, chamado de O Grande Ano, durava 25.920 anos – precessão dos Equinócios. São 12 Meses chamados de ERAS ASTROLÓGICAS, durando cada uma 2.160 anos – através desta contagem que os deuses mudavam o governante.

O Tempo Terrestre é nosso ano de 365 dias, sendo que o calendário solar marcava as quatro estações – primavera, verão, outono e inverno – e o calendário lunar contava as quatro fases da Lua – nova, crescente, cheia e minguante.

O Tempo Divino, era chamado de Sar – Unidade Divina de Tempo, onde 1 ano para os deuses equivalia a 3.600 anos terrestres, portanto eles pareciam imortais aos olhos dos homens.

Para entendermos o que se espera desta transição da Era “do crer” de Peixes, vigente há 2.000 anos, para a Era “do saber” de Aquário, veremos os fatos marcantes de ascensão e queda de uma grande civilização, que envolveu guerras entre deuses e homens. Foi na Era de Touro, 4.000 a.C., correspondente ao deus Enlil, que deu início a civilização Suméria, fundada em Nippur, “morada da passagem”, seu centro científico e religioso.

Ali, tivemos início da contagem do calendário judaico, 3113 a.C. Naquela época, Deus em pessoa falava com os homens e quando não estava acessível, os reis consultavam oráculos e profetas. Baal instalou certa vez a “pedra do esplendor”, um aparelho que mantinha a comunicação entre o Céu e a Terra: “Uma pedra que sussurra. Os homens,



Era do Touro, correspondente ao deus Enlil.

suas mensagens não conhecerão. As multidões da Terra não a compreenderão”.

Enlil não facilitou em nada a transição para a Era do Carneiro, 2.000 a.C., que pertencia por direito ao seu sobrinho Marduk. Marduk ficava furioso porque viviam atrasando sua posse e ele alegava que já estava em seu tempo de governar. Enlil, que resistia em deixar o comando, teve um sonho perturbador, onde Galzu trazia na mão uma tabuinha de lápis-lázuli, onde estava desenhado o céu estrelado dividido nos doze signos; Galzu deixou de assinalar o Touro para indicar o Carneiro por três vezes. Ao acordar, impressionado e sem saber o que pensar, ele chama pelo sábio sacerdote Tirhu, pai de Abraão, que lhe disse que tomasse cuidado, pois se tratava da “Porção Celestial” de 72 anos, e que lhe

havia sido avisado que por decreto da Sorte iria acontecer grande calamidade e que por Destino o Carneiro de Marduk substituiria o Touro de Enlil. Enquanto isso, Marduk seguia em campanha e se apoiava nos sinais do céu, afirmava que a conjunção entre Sol e Júpiter – que era seu planeta correspondente e em Áries (carneiro), o signo de sua Era de direito, assinalava que era chegada a sua hora de governar na Babilônia, atual Iraque.

Nabu, seu filho, buscava seguidores para o pai e as terras enlilitas iam se desestabilizando com invasões e insurreições, o que acabou contagiando o rei Shulgi de Urim, que estava cheio de ambições e ânsia por batalhas. Ele alistou seus exércitos invadindo as terras ocidentais, profanando a santidade do “Centro de Controle de Missões”, enfurecendo Enlil, que culpava prontamente Marduk.

Se lembrando do sonho, Enlil pede ao seu filho Nannar-Sin, o deus da Lua, deus de Ur, que estabeleça uma cidade, Harran, e que lá colocasse o príncipe-sacerdote Tirhu – Terah, “aquele que fala a sorte”, e escala o seu filho mais velho, Ibruum – Abraão – para proteger os lugares sagrados. Assim Abraão parte para o sul de Canaã quando já estava com 75 anos, contendo a invasão da aliança dos reis do leste, conhecida como “A guerra dos reis”.

Os anos passavam, quase completando a terceira parte da “porção celestial”, mas Enlil continuava apegado, desconsiderando o aviso que teve no sonho-visão. A pressão era muita, até que os deuses convocaram um conselho de emergência, e apenas Enki foi a favor de que o seu filho Marduk afinal assumisse o reinado por direito. Foi um tumulto e assim que Enki saiu da sala, começaram a tramar. Nergal/Erra, irmão

de Marduk, apoiado por Ninurta, sugeriu que usassem as “armas de terror” antes que eles e seus seguidores controlassem de vez o “espaçoporto” e suas instalações, localizada no Monte Sinai. E assim decidem lançar a “arma de brilho”.

Abraão é avisado da inspeção do Senhor “às cidades más” e ele pede pela vida de seu sobrinho Lot e família, que eram justos.

“Levantando-se de madrugada, Abraão foi ao lugar onde estivera na presença de Iawé, e olhou para Sodoma, para Gomorra e para toda a planície, e eis que viu a fumaça subir da terra como a fumaça de uma fornalha”, Gênesis 19:27,28.

Os deuses haviam lançado as “sete armas assustadoras”, um arsenal nuclear.

Mas, como era do Destino – Nam – de Marduk governar pelos próximos 2.000 anos, aconteceu que a Sorte – Nam-Tar – também se apresentou, e o mesmo “vento mau” – radiação das armas nucleares – que transformou a mulher de Lot em “sal”, varreu cidades inteiras, mas se desviou de Babel/Babilônia e acabou arrasando Ur, provocando o fim da civilização Suméria – evento descrito no Épico de Erra.

Nannar-Sin, desesperado, clama a seu pai, Enlil, que lhe responde que “Ur recebeu o reinado, não lhe garantido um reino eterno”. Até aqui, os deuses guerreavam entre si, e os homens por seus deuses. Daqui em diante, os homens guerrearam entre si, em nome dos seus deuses. Começou então a Era do Carneiro, 2.000 a.C., onde o deus Marduk reinou na Babilônia; período de declínio nas ciências e nas artes, mas com predominância das artes militares; foi quando Marduk apresentou a mais completa lei desde então, o Código Hamurabi.

Ele constrói o Esagil, seu zigurate-pirâmide em degraus, e o Ano Novo se inicia com o primeiro mês orientado para a estrela Hamal – Iku, a alfa da constelação de Carneiro.

O calendário era praticamente para demarcar as festividades religiosas, além de observar os melhores dias para colheita, plantio, preparo de remédios, etc. Os festivais duravam dias e havia procissões onde recitavam o “Enuma Elish”, a Epopeia da Criação, o conto de como tudo havia sido criado, faziam uma espécie de doutrinação e adoração servil aos deuses.

No período de 747 a 353 a.C. da Era do Carneiro surgiram expoentes como Pitágoras, Sócrates, Platão, Aristóteles, Buda, Lao-tse e outros. Marduk se declara o deus dos deuses, embora em Babel cada deus podia ter seu templo e ser cultuado. Conta-se que Marduk seria o pai de Alexandre, O Grande, que não chegou a tempo de encontrá-lo vivo quando foi conhecê-lo. Acadêmicos discutem se não foi com a nova religião proclamada na Babilônia, que surgiu o conceito de Trindade, já que se enfatizava a linhagem Enki-Marduk-Nabu.

A transição da Era do Carneiro para a de Peixes também teve seus conflitos, que se desdobram até hoje. A narrativa foi religiosa e emocional. Peixes corresponde ao deus Ea/Enki “Aquele cujo lar é a água”. Aqui mexeram na contagem do tempo, adotando o calendário gregoriano em 1582 d.C.

Enlil havia destituído o politeísmo, elegendo seu povo, que a ele se dedicava com votos e oferendas. Então, instituiu-se na Terra os ritos e práticas divinas, que seriam operadas por sacerdotes de pura linhagem, e em nome de um único Deus, e, ironicamente, do mesmo Abraão surgiram as três religiões pila-

res: o judaísmo, consequência da aliança de Enlil com os israelitas, o islamismo, decorrência da devoção à Nannar-Sin, sendo a Lua crescente adotada como símbolo para ambos, e o cristianismo, a qual destaque para este estudo, tempos de muitos mistérios, já que os deuses originais haviam partido, aqui ficando os descendentes dessa realeza, dando continuidade à agenda.

Até a Era do Carneiro, os deuses se comunicavam diretamente com os reis e sacerdotes, que eram cumpridores de suas ordens e representantes deles aqui na Terra. Como o tempo e a narrativa estavam mudando, suas aparições não eram mais tão frequentes assim, anjos – emissários – vinham para indicar os novos passos. Era necessário preparar um ser que ancorasse os novos padrões dessa relação entre deuses e homens: o “religare”/a religião. E, no mesmo ano, nasceram dois meninos frutos de milagre: João Batista filho de Isabel e Zacharias, já idosos e ela estéril, e Jesus, concebido por Maria ainda virgem, prima de Isabel. Por longo período, separadamente,

foram instruídos e preparados, e era João Batista o que já tinha seguidores e que batizou Jesus, mas num determinado momento muda o rumo das coisas, e cortam-lhe a cabeça, quando então emerge o Jesus Messiânico.

De lá pra cá, muitas Ordens surgiram em nome do Graal e dessa consciência crística, tempo das Cruzadas e Templários, dos Hospitalários de São João, das guerras santas e da Santa Inquisição, que foi a expressão fundamentalista do cristianismo na Idade Média, tendo o Vaticano enriquecido muito. Observem que o símbolo dos cristãos é o peixe, e Pedro, o pescador de almas, patriarca da Igreja Católica Apostólica Romana.

Os sacerdotes de Enki se vestiam como peixe. Jesus multiplicou os peixes e disse que para se purificar bastaria lavar os pés – peixes rege os pés na anatomia astrológica. As vestes dos Papas são muito semelhantes às dos sacerdotes da Suméria, assim como procissões, cerimoniais e graus hierárquicos na liturgia dos cargos.



Em torno do zigurate de Borsippa foram encontradas pedras enegrecidas, efeito de exposição a imenso calor nuclear – “as sete armas assustadoras”.

Tudo ficou mais velado, e o governo do planeta cada vez mais oculto. Refletindo sobre esses milagres da Era pisciana, em outros momentos vimos os nascimentos de Samuel, dos irmãos José e Benjamin, de Isaac e até mesmo de Noé, que causou estranheza em seu pai Lamech: “Gerei um filho estranho, diferente e distinto dos homens, e se parece com os filhos do Deus do Céu; e sua natureza é muito diferente e ele não é como nós... Parece-me que ele não nasceu de mim, mas dos anjos”, conforme Livro de Enoque. Teriam sido as intervenções “divinas” o que hoje conhecemos como reprodução assistida?

ERA LEÃO/AQUÁRIO

Uma tabuinha no museu de Berlim (VAT. 7847) inicia a lista de constelações zodiacais com a de leão, que vigorou em aproximadamente 10.000 a.C. Naquele tempo, já haviam registros de que



Os deuses se comunicavam diretamente com os reis e sacerdotes.

o mundo vivia transformações geofísicas, mudanças climáticas severas, foi a época do Dilúvio, e depois veio o repovoamento na Terra, com os descendentes de Ziuzudra, o Noé sumério.

Agora estamos em um período de transição. Não somos mais os crédulos sonhadores regidos pelo crer. Cumprimos as leis deturpadas dos homens, que se passam pelas leis de Deus. Ainda não estamos totalmente preparados para o impacto da nova narrativa da humanidade, onde a proposta é a fusão da tecnologia com o homem: o transhumanismo. A Inteligência Artificial já está incorporada em nossa rotina, e cada vez mais com a tecnologia de quinta geração, o 5G.

Os bilionários do mundo estão empenhados na conquista espacial, enquanto deixamos o planeta quase que inóspito para as futuras gerações, afastando-nos da natureza e do espiritual. Atualmente temos progredido nos artifícios que nos fazem parecer mais jovens aumentando a expectativa de vida.

A passagem do tempo sempre foi perturbadora, até mesmo para os deuses, que longe de serem imortais, também envelheciam. Numa determinada ocasião, Anu e Antu, os deuses celestiais, pais de Enki, Enlil e Niharsag, os que aqui mantinham a Terra, vieram visitá-los. E ambos pareciam muito anos mais jovens que seus filhos, a mudança de ciclo planetário tinha causado isso. Foi quando Enki lhes contou o sonho-visão que teve com Galzu, que disse ter sido enviado por Anu, alertando que se da Terra saíssem, morreriam, por conta da passagem do tempo. Anu ficou perplexo porque não havia mandado nenhum “emissário em sonho” com esse nome. E, afinal, poderiam se curar com “elixires”. Foi orientação de Galzu, no so-

nho, para que Enki incumbisse Ziuzudra/Noé de salvar as sementes da vida que fez com que permanecessem na Terra.

Todos ficaram pensativos, e disse Anu : “Enquanto decretávamos Sortes, a mão do Destino dirigia cada passo”. Todos se perguntavam quem queria salvar os terrestres, talvez Galzu tenha aparecido pelo Criador de todas as coisas. Por milênios ainda continuamos preocupados em esticar a vida rejuvenescidos atrás de “elixires”, e de repente essa imersão no homem-máquina seja uma tentativa de vencer de vez este tempo 12:60, do qual nem mesmo os deuses escaparam.

A tecnologia já era usada por Enki. Certa vez, para salvar Inanna-Ishtar, Enki desceu ao mundo inferior, sul da África, e acabou recebendo um tipo de raio letal chamado de “Olhos da Morte”; Ereshkigal, rainha do submundo, ordenou que sua camareira Namtar aplicasse em Inanna os “sessenta sofrimentos”. Conhecido como a “ressurreição de Inanna”, ou “Descida de Inanna ao inferno”, o texto conta que ela foi levada a morte. Ninguém podia ajudá-la, foi quando ENKI fabricou dois seres artificiais, os “mensageiros divinos”, que não podiam ser danificados pelos “Olhos da Morte”; para um ele deu o Alimento da Vida e para o outro a Água da Vida e por sessenta vezes aplicaram o “pulsador e emissor” sobre ela, que se ergueu. Como não era Destino [Nam] de Ishtar morrer, os sofrimentos lançados pela Sorte puderam ser curados.

Inanna reinou no Vale do Indo por mil anos, sua correspondência é o planeta Vênus, provavelmente tenha influenciado na criação do “Kama Sutra”. Ela era irmã gêmea de Utu-Shamash, o deus Sol e ambos filhos de Nannar-Sin, o deus da Lua. Tendo trazido prosperidade à Suméria,



Sacerdotes de ENKI se vestiam de peixe.

Nannar era venerado no maior zigurate de Ur com sua bem-amada Ningal.

A Lua Nova era considerada “época do oráculo de Nannar”, quando o povo cantava hinos para o divino casal e era quando ele enviava “Zaqar, o deus do sonho” durante a noite para dar ordens e perdoar pecados. Outra orientação importante em sonho, recebeu o rei Gudea de Lagash, para a construção do novo templo, que se chamaria E.Ninnu, “casa dos cinquenta” e teria que ser iniciada “no dia da Lua nova”.

Foi Enki, um grande cientista e geneticista, que no Bit Shimti, “casa onde o vento da vida é assoprado”, junto com Ninhar-sag, fizeram os ensaios e criação dos Lulu “misturado” sapiens sapiens. “Com sua carne e seu sangue, Nintu misturará a argila. Deste modo os deuses e homens estarão associados, reunidos na argila (barro), e a partir desse momento nós (os deuses) estaremos ociosos. Graças a carne dos deuses. Haverá o homem uma

alma. Que o apresentará sempre vivo depois de sua morte; esta alma estará ali para guardá-lo do esquecimento”, de acordo com o capítulo XIII, “El gran Génesis Babilonio La creación del hombre” de Samuel Kramer.

O FUTURO DO PRESENTE

Eras e Eras depois da criação humana pelos deuses, estamos a avançar em laboratórios as pesquisas e práticas dos alimentos geneticamente modificados, experiências com as células tronco e até mesmo simulando emoções nos robôs.

Enki já não está mais aqui, mas seu clã e o de seu irmão Enlil podem estar no comando. Talvez tenham mesmo se aprisionado neste tempo terrestre e não conseguiram mais voltar. Agora, tão longe de nós está a linha direta com a divindade, porque já não consultamos tanto assim os oráculos e surgiram muito falsos profetas.

Nesta Era Aquariana onde se caminha para a fusão da mente

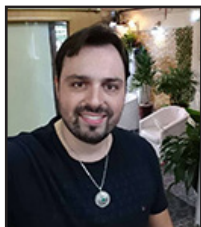
humana com a internet, parece que ainda entorpecidos pela Era Pisciana, confusos, não vemos que estamos entregando a liberdade que nos restou: o pensamento.

Não sei bem o que estes deuses estão enredando, estamos nos afastando da intuição e cada vez mais dependentes da tecnologia, que bem poderia nos deixar com mais tempo livre, mas que acaba nos prendendo no mundo virtual. Enfim, uma fase sem precedentes para a humanidade. “Sabeis discernir a face da terra e do céu; como não sabeis então discernir este tempo?”, Lucas 12:56.



Pedra oráculo.

ARTICULISTAS DESTA EDIÇÃO



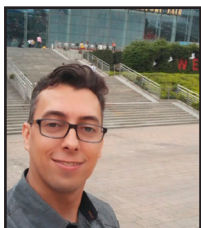
RAFAEL CARVALHO

Programador neurolinguístico, pesquisador dos antigos mistérios, é docente na escola onlind de Método de Integração.



CLÁUDIO SUENAGA

Escritor com diversos livros publicados é mestre em História pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), onde defendeu em 1999 a primeira tese de mestrado no Brasil sobre o Fenômeno OVNI. Colaborador e consultor de diversos jornais e revistas especializadas no Brasil e no exterior.



MAIK BÁRBARA

Empresário, escritor, trader e pesquisador apaixonado por perspectivas, narrativas, arqueologia e história.



JÚNIA CAETANO

Astróloga e pesquisadora sobre as origens da humanidade, principalmente Suméria e os deuses Anunnaki.

EDITOR

André de Pierre

REDATOR

André de Pierre

PRODUÇÃO DE ARTE

André de Pierre

Maik Bárbara

AGRADECIMENTO ESPECIAL

Anne Amaral

Lia Torres

Daniel Bernardo

Rosicleia Alves

Antonio Monteiro

Renato Moraes

Flávia Porfirio

Alisson Medeiros

Fernando Neto

Rui Castelo Branco

Graça Oliveira

Jeris Silva

Pedro Amor

Tereza Esteves

Marcelo Santos

Cátia Fonseca

Mary Faias

